Ψ **UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA EXPERIMENTAL

MARCO ANTONIO CORREA VARELLA

Variação individual nas estratégias sexuais: alocação de investimentos parentais e pluralismo estratégico

São Paulo

2007

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

MARCO ANTONIO CORREA VARELLA

Variação individual nas estratégias sexuais: alocação de investimentos parentais e pluralismo estratégico

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Experimental - Comportamento Animal.
Orientadora: Profa. Dra. Vera Silvia Raad Bussab

São Paulo

2007

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catalogação na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Varella, Marco Antonio Correa.
Variação individual nas estratégias sexuais: alocação de investimentos parentais e pluralismo estratégico / Marco Antonio Correa Varella; orientadora Vera Silvia Raad Bussab. -- São Paulo, 2007.
148 p.
Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Experimental) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Sexualidade 2. Atitudes sexuais 3. Empatia 4. Comportamento de apego 5. Diferenças individuais 6. Diferenças sexuais (humano)

HQ21

FOLHA DE APROVAÇÃO

Marco Antonio Correa Varella

Variação individual nas estratégias sexuais: alocação de investimentos parentais e pluralismo estratégico

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Psicologia.
Área de Concentração: Psicologia Experimental - Comportamento Animal.

Dissertação defendida e aprovada em: ___/___/___

Banca Examinadora

Prof.(a) Dr(a) _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof.(a) Dr(a) _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof.(a) Dr(a) _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Aos meus pais Euclydes e M. Helena
e minhas irmãs Andréa e Ana Lúcia.

E a todos os interessados no ponto de
vista biológico do comportamento
humano.

AGRADECIMENTOS

Ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo pela oportunidade de realização do curso do mestrado.

Ao Departamento de Psicologia Experimental por colocar à disposição recursos e o Laboratório de Psicologia Comparativa e Etologia setor Interação Social e Ontogênese.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela concessão da bolsa de mestrado e pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa.

Ao Programa de Aperfeiçoamento de Ensino – PAE pela oportunidade de crescimento didático e pessoal, e pelo apoio financeiro.

À Profa. Dra. Vera, pela calorosa acolhida na USP, pelo incentivo, atenção, dedicação e pela maravilhosa orientação em todo meu mestrado: na pesquisa, dissertação, na escolha das disciplinas, nas monitorias e nos resumos de congresso. E por me apoiar totalmente em meu sonho de estudar os aspectos evolucionistas do comportamento humano, principalmente a música.

À Profa. Dra. Emma, pelo incentivo, apoio, revisão e correção de minha dissertação desde o projeto inicial à qualificação, pela participação na qualificação, pelas importantíssimas dicas e conselhos científicos e acadêmicos, e pelo apoio e incentivo nas monitorias e pesquisas paralelas ao mestrado.

À Dra. Cibele, minha querida irmã mais velha do Laboratório, pelos ensinamentos (principalmente de estatística), conselhos, apoio e companhia desde meu ingresso no mestrado até o final e pela participação minuciosamente essencial na qualificação.

Ao Prof. Dr. Fernando, pelas dicas e conselhos sobre meu projeto fundamentais no início do mestrado.

Ao Prof. Dr. Sandro Caramaschi, pela consideração, pelo apoio e encaminhamento à Pós-Graduação da Psicologia Experimental e por participar da banca da defesa.

Ao Prof. Dr. César Ades pelo apoio, conselhos e pelo encaminhamento à minha atual orientadora Vera Bussab.

À Profa. Dra. Patrícia, pelos conselhos, apoio e atenção tanto no mestrado quanto nas monitorias para a graduação, e pelas conversas sobre seleção sexual no laboratório.

Ao Prof. Dr. Eduardo, apoio e entusiasmo quanto ao estudo da visão evolucionista da música para o projeto de doutorado.

À Sônia, pela atenção, apoio, conselhos e pelas milhares de dúvidas cruciais sanadas sobre a pós-graduação.

À Betânia e ao Alex do xerox pela dedicação, seriedade e prontidão prestativa que foram essenciais nos momentos críticos de impressão tanto do material metodológico quanto da dissertação.

À Nathalia, pela participação brilhante na monitoria e principalmente por todo o respaldo quanto ao programa do Access, desde a elaboração do programa adaptado ao meu material metodológico que fez todos os cálculos até a super disponibilidade para alterações no decorrer do mestrado. Sem esse programa eu estaria calculando à mão os questionários até agora!

Ao Altay, pelos ensinamentos, dicas e conselhos da esfera estatística. Considero que

Marina, Lia, Marina, Marcos, Darvim, Gisele, Clau que conviveram, me apoiaram e aturaram cada um ao seu modo durante meu mestrado.

A todo o pessoal da Missão de Estudo: Raphael, Wall, Eduardo e outros pela companhia e apoio durante a estada deles aqui em São Paulo.

A todos os meus alunos de monitoria da graduação em Psicologia tanto do primeiro ano quanto do segundo que me encararam e aturaram como monitor e contribuíram para meu crescimento didático e acadêmico.

À Prof. Dra. Marta, ao Bossi, ao Seu Zé e à Dona Marlene pela companhia e por tornarem meu mestrado mais musical!

À querida Isabella, pela imensa paciência e atenção, pelo imenso carinho e disposição para conversas teóricas sobre Psicologia Evolucionista, pela maravilhosa companhia e empolgação biológica, pelas valiosas correções e sugestões e principalmente pelo seu amor.

Aos meus pais, por todo suporte familiar, financeiro e emocional, por acreditarem em meu potencial, pelas valiosas correções e assessorias quanto aos congressos.

Aos meus amigos Guima, Thiago, Rafael Soares, Carlão, Bruno, Couto, Rafael Tofani, João Pedro, Diego, Ramon, Otávio, Renato, Xexéu, Flávia, Daniela, Bárbara, Sabrina, Juliana, Guilherme, Mariano, Rafael Brandimarte, Daniel, João, Roberta, Cynthia, e pra todo pessoal savanense caçador coletor.

A todos vocês, meu muito obrigado.

“Dá-se assim desde menina
Na garagem, na cantina
Atrás do tanque, no mato
É a rainha dos detentos
Das loucas, dos lazarentos
Dos moleques do internato”

Música **Geni e o Zeppelin**, de Chico Buarque de Holanda (1979)

RESUMO

VARELLA, M. A. C. **Variação individual nas estratégias sexuais: alocação de investimentos parentais e pluralismo estratégico.** 2007. 150p. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

A orientação sócio-sexual restrita é caracterizada pela exigência de envolvimento afetivo prévio à relação sexual e a irrestrita por maior permissividade quanto ao sexo casual. Avaliamos a variação individual na sócio-sexualidade em função de 1- indicadores cognitivos de masculinização (predomínio da capacidade de sistematização) ou de feminilização (predomínio da empatia) associados a características do ambiente embrionário, 2- indicadores do ambiente ontogenético (estilo de apego) e 3- indicadores do ambiente contextual (escores de conquista amorosa). Os 112 homens e 109 mulheres graduandos nas áreas de Exatas, Humanas e Biológicas (21 anos, em média) responderam voluntária e anonimamente ao Inventário de Orientação Sócio-Sexual, aos Quocientes de Empatia e Sistematização, ao Questionário de Relacionamento, à Escala de Sucesso na Conquista Amorosa e a questões sobre composição familiar, situação amorosa, uso de álcool e cigarro e ciclo menstrual. As diferenças entre os sexos previstas pela Psicologia Evolucionista foram amplamente confirmadas: os homens são mais irrestritos, têm a primeira relação sexual mais precocemente e consomem mais doses de álcool em festas, enquanto as mulheres são mais restritas e estão mais compromissadas (namorando e apaixonadas). Descobrimos também que os homens são mais sistematizadores, têm mais apego seguro e mais irmãos homens e que as mulheres são mais empáticas, têm maior sucesso na conquista amorosa e mais irmãs. A análise da variação da orientação sócio-sexual em cada sexo mostrou coerência com a diferença entre os sexos: homens irrestritos têm a primeira relação sexual mais cedo, não estão apaixonados nem

namorando, têm mais irmãos homens mais novos, têm o hábito de fumar e beber e bebem mais doses de álcool em festas. As mulheres mais irrestritas têm a primeira relação sexual mais cedo, menor empatia, apego rejeitador, modelo interno de si positivo, ciclo menstrual irregular, têm o hábito de fumar e de beber, bebem mais freqüentemente e bebem mais doses de álcool em festas. As influências dos irmãos masculinos, empatia, namoro e paixão, ciclo menstrual irregular, e consumo de álcool e cigarro ainda não tinham sido exploradas nas pesquisas prévias. A variação individual na sócio-sexualidade pode ser entendida como diferentes soluções para o dilema de alocação de investimento na busca de parceiros ou no investimento parental, mediante os diferentes desafios do ambiente de desenvolvimento individual. O órgão mental responsável por este ajuste é o mesmo responsável por todo o ajuste de alocação de investimentos da esfera reprodutiva. Este órgão mental parece ser primeiramente calibrado no ambiente pré-natal pelo nível de andrógenos, indicado pelo nível de empatia, e posteriormente é sensível ao ambiente ontogenético, indicado pelo modelo interno de si (apego) e pela influência dos irmãos, e é afetado contextualmente pela presença de paixão e namoro. Para os homens, o melhor preditor da variação individual quanto à orientação restrita foi o apaixonamento e o melhor preditor de irrestrição foi a idade precoce da primeira relação. Para as mulheres, os maiores preditores de irrestrição foram o consumo de álcool e o estilo de apego rejeitador. As especificidades da variação individual em cada sexo contribuíram para o entendimento dos mecanismos subjacentes em termos de hipóteses de desenvolvimento e de função adaptativa e permitiram uma avaliação das teorias evolucionistas, como a de ciclo de vida e do pluralismo estratégico, compatíveis com os resultados.

Palavras-chave: Sexualidade, Atitudes sexuais, Empatia, Comportamento de apego, Diferenças individuais, Diferenças sexuais.

ABSTRACT

VARELLA, M. A. C. Individual variation on sexual strategies: allocation of parental investments and Strategic Pluralism. 2007. 150p. Dissertation (Master) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

The restricted sociosexual orientation is characterized by the requirement of previous affective involvement to the sexual relation and the unrestricted sociosexual orientation by permissiveness toward the casual sex. We evaluate the individual variation in the sociosexual orientation in function of 1 – measures of cognitive masculinization (predominance of the systemizing capacity) and cognitive feminilization (predominance of the empathizing) related to characteristics of the embryonic environment, 2 - measures of attachment style related to the ontogenetic environment and 3 – measures of mating success related to the contextual environment. The 112 undergraduate men and 109 wome

earlier, are not in love nor have girlfriend, have younger brothers, have smoke and drink habits and drink more units of alcohol in parties. The unrestricted women have the first sexual relation earlier, lower empathy, dismissing attachment style, positive internal model of self, irregular menstrual cycle, have smoke and drink habits, drink more frequently and drink more units of alcohol in parties. The influences of the brothers, empathising, romantic relationship and passion, irregular menstrual cycle, and alcohol and cigarette consumption had been not yet explored in the previous research. The individual variation in the sociosexuality can be understood as different solutions for the allocation of investment trade-off between the search of partners or parental investment, by means of the different challenges of the environment of individual development. The responsible mental organ for this adjustment is the same responsible for all the allocation of investments adjustment of the reproductive sphere. This mental organ first seems to be calibrated, in the prenatal environment, by the level of androgens, indicated by the empathy level, and later it is sensible to the ontogenetic environment, indicated by the internal model of self (attachment) and by the influence of the brothers, and is affected contextually by the presence of passion and romantic relationship. The best predictor of the individual sociosexual variation, for the men, in respect to the restricted orientation was passion and the best predictor in respect to the unrestricted orientation was the precocious age of the first sexual relation. The best preditor of the individual sociosexual variation, for the women, was the alcohol consumption and the dismissing attachment style. The individual sociosexual variation specificities in each sex had contributed for the understanding of the underlying mechanisms in terms of hypotheses of development and adaptive function and had allowed an evaluation of the evolutionary theories, as the Life History and Strategical Pluralism, compatible with the results.

Key-word: Sexuality, Sexual Attitudes, Empathy, Attachment Behavior, Individual Differences, Sex Differences.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Fontes de variação individual adaptativa segundo o tipo de interação do nível de organização teleológico com os ambientes pré-natal, ontogenético e contextual.....40

Tabela 2 – Tipos e subtipos de estratégias segundo a necessidade de variação genética para sua ocorrência e sua variedade de táticas.....41

Tabela 3 – Diferenças de médias entre homens e mulheres para variáveis paramétricas apresentando o desvio padrão e o número de responde

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Porcentagem de homens e mulheres em cada curso de graduação amostrado.....62

Figura 2 – Número de irmãs e irmãos segundo o sexo do respondente.....63

Figura 3 – Porcentagem de homens e mulheres segundo o namoro e a paixão.....65

Figura 4 – Porcentagem de homens e mulheres segundo a quantidade de namoros.....65

Figura 5 – Média da idade da primeira relação sexual de homens e mulheres.....66

Figura 6 – Média das doses de álcool consumida em festas por homens e mulheres...67

Figura 7 – Média do escore de sócio-sexualidade, de seus componentes táticos e estratégicos para homens e mulheres.....69

Figura 8 – Média dos escores de cada estilo de apego para homens e mulheres.....70

Figura 9 – Média dos Quocientes de Empatia e de Sistematização para homens e mulheres.....71

Figura 10 – Média do Sucesso na Conquista Amorosa para homens e mulheres.....72

Figura 11 – Média do escore de Sócio-sexualidade segundo a ordem de nascimento para homens. Houve diferença apenas entre os filhos únicos e os filhos do meio.....75

Figura 12 – Média do escore de Sócio-sexualidade segundo a presença e o sexo predominante dos irmãos mais novos para homens. Houve diferença apenas entre os que não têm irmãos mais novos e os que têm apenas ou mais irmãos homens mais novos.....76

Figura 13 – Média do escore de Sócio-sexualidade segundo o namoro e a paixão para homens.....77

Figura 14 – Média do escore de Sócio-sexualidade segundo o hábito do consumo de álcool para os homens. Houve diferença apenas entre os beberam alguma vez na vida e os que beberam no último ano.....78

Figura 15 – Média do escore de Sócio-sexualidade segundo o hábito de fumar para os homens.....79

Figura 16 – Média do escore de Sócio-sexualidade segundo o hábito do consumo de álcool para as mulheres. Houve diferença apenas entre as beberam alguma vez na vida e as que beberam no último ano.....84

Figura 17 – Média do escore de Sócio-sexualidade segundo a freqüência do consumo de álcool das mulheres.....85

Figura 18 – Média do escore de Sócio-sexualidade segundo o hábito de fumar para as mulheres.....86

Figura 19 – Média do escore do componente tático da Sócio-sexualidade segundo o estilo de apego que as mulheres mais se identificam.....87

Figura 20 – Média do escore da Sócio-sexualidade segundo a regularidade do ciclo menstrual.....88

Figura 21 – Regressão linear entre as variáveis apaixonado (1 = sim, apaixonado e 2 = não) e consumo de doses de álcool em festa com a sócio-sexualidade para os homens.....92

Figura 22 – Regressão linear entre as variáveis apego rejeitador (1 = menos se identifica e 7 = mais se identifica) e consumo de doses de álcool em festa com a sócio-sexualidade para as mulheres.....93

SUMÁRIO

	Página
1. INTRODUÇÃO	19
1.1 Seleção Sexual e a Teoria do Investimento Parental	21
1.2 Teoria Evolutiva de Ciclos de Vida	24
1.3 Teorias Pluralistas das Estratégias Sexuais	26
1.3.1 Teoria das Estratégias Sexuais	27
1.3.2 Teoria do Pluralismo Estratégico	30
1.4 Sócio-Sexualidade	33
1.5 Diferenças intersexuais	35
1.6 Diferenças intrassexuais ou individuais	36
1.6.1 Diferentes fontes de variação individual adaptativa	38
1.6.2 Variação genética	42
1.6.3 Estratégia Condicional -Contingente ao ambiente embrionário	44
1.6.4 Estratégia Condicional -Contingente ao ambiente ontogenético	47
1.6.5 Estratégia Condicional -Contingente ao ambiente contextual	50
1.7 Objetivos	53
1.7.1 Geral	53
1.7.2 Específicos	54
1.8 Justificativa	54
2. MÉTODO	55
2.1 Participantes	55
2.2 Material	56
2.3 Procedimento	60
2.4 Análise	61
3. RESULTADOS	61

3.1 Análise descritiva geral e Comparações Intersexuais 61

3.2 Comparações e Correlações Intrassexuais 74

3. 2. 1 Comparações intrassexuais masculinas 74

3.2.2 Correlações intrassexuais masculinas 80

3.2.2.1 Sócio-sexualidade 80

3.2.2.2 Sócio-sexualidade Tática 80

3.2.2.3 Sócio-sexualidade Estratégica 81

3. 2. 3 Comparações intrassexuais femininas 83

3. 2. 4 Correlações intrassexuais femininas 88

3.2.4.1 Sócio-sexualidade 88

3.2.4.2 Sócio-sexualidade Tática 89

3.2.4.3 Sócio-sexualidade Estratégica 90

3.3 Regressões 90

4. DISCUSSÃO 95

4.1 Diferenças entre homens e mulheres 97

4.2 Variações intrassexuais 100

4.2.1 O modelo do nível de andrógenos pré-natais 101

4.2.2 O modelo do contexto de criação 107

4.2.3 O modelo do valor de conquista 112

4.4 Componentes táticos e componentes estratégicos 115

5. CONCLUSÕES 119

REFERÊNCIAS 124

APÊNDICES

APÊNDICE A - Teleologia e Estratégias Reprodutivas 135

ANEXOS

ANEXO A - Aprovação do Comitê de Ética com seres Humanos do IPUSP 139

ANEXO B - Termo de consentimento livre e esclarecido 140

ANEXO C - Material Metodológico 141

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas três décadas, teorias sobre seleção de parceiros amorosos embasadas na abordagem evolucionista receberam cada vez mais destaque científico (Buss, 1994, 2003; Schmitt et al., 2005; Symons, 1979). A perspectiva evolucionista, ao ressaltar que os mesmos processos naturais que moldaram as outras espécies também se aplicam ao ser humano, acrescenta as causas finais - dois novos níveis de explicações causais - aos níveis próximos tradicionais. Os níveis de causação distinguem-se por explicar fenômenos biológicos em termos de mecanismos que atuam em escalas temporais próximas e distantes de sua ocorrência (Meyer & El-Hani, 2005). Os níveis de causação são divididos em quatro, dois proximais e dois últimos (Tinbergen, 1963; Mayr, 1998).

As causas próximas ou individuais dividem-se em: *causas imediatas,* que dizem respeito a como mecanismos fisiológicos, neurológicos, cognitivos e psicológicos determinam, motivando e desencadeando a exibição de um comportamento, e as *causas ontogenéticas,* que dizem respeito a como se desenvolveu, ao longo da história de vida do indivíduo, determinado comportamento. As causas finais ou evolutivas dividem-se em: *causas funcionais,* que dizem respeito ao valor adaptativo de um comportamento, isto é, como tal comportamento promove a replicação dos genes que construíram os mecanismos subjacentes do comportamento no meio ambiente de adaptação evolutiva, e *causas filogenéticas,* que dizem respeito a como evoluiu ao longo do tempo geológico um padrão comportamental na espécie, em relação a espécies relacionadas filogeneticamente (Alcock, 2001; Barrett, Dunbar & Lycett, 2002; Mayr, 1998; Pinker, 1998, 2004; Ridley, 2004; Symons, 1979; Tinbergen, 1963).

Os quatro níveis de causação são independentes, não hierárquicos e de um grande valor heurístico para uma visão integrada de qualquer aspecto do comportamento humano e animal (Bussab & Ribeiro, 1998; Campos, 2005). Entretanto, apesar dessa possível independência, é no trânsito entre esses níveis de análise, em termos de reflexões integradoras, que se encontra uma contribuição especialmente útil para a produção de novas hipóteses e de novos entendimentos. O relacionamento amoroso é uma das áreas mais estudadas do ponto da vista das causas últimas, pois dada a sua relevância direta na reprodução, espera-se que as características psicológicas envolvidas tenham sofrido pressões seletivas substanciais ao longo da evolução humana (Penke, 2005). Espera-se que esses estudos das causas últimas contribuam para as pesquisas sobre as causas próximas e vice-versa.

Existem teorias que dizem que nós, humanos, somos naturalmente inclinados apenas para relacionamentos monogâmicos de longo prazo (Hazan & Zeifman, 1999; Miller & Fishkin, 1997), ou que somos naturalmente inclinados apenas para relacionamentos promíscuos de curto prazo (Barash & Limpton, 2001; Hrdy,1981) ou ainda, que nós possuímos um repertório natural mais pluralista, que inclui relacionamentos tanto de longo, quanto de curto prazos (Buss & Schmitt, 1993; Chisholm, 1996; Gangestad & Simpson, 2000). A visão pluralista tem sido corroborada por estudos recentes, como o amplo *International Sexuality Description Project*, um empenho de cooperação intercultural de cerca de 100 cientistas sociais, comportamentais e biológicos de 10 regiões do mundo (Schmitt et al., 2003; Schmitt et al., 2005; Schmitt et al., 2004).

Uma premissa importante de toda abordagem evolucionista do relacionamento amoroso é que as escolhas amorosas são inerentemente estratégicas, visto que não escolhemos parceiros aleatoriamente e nem atraímos parceiros indiscriminadamente (Buss, 2003; Buss & Schmitt,1993). As estratégias reprodutivas são as soluções adaptativas para os problemas

reprodutivos. Os problemas reprodutivos, por sua vez, são as dificuldades e os custos despendidos em atrair e reter um parceiro amoroso, executar o comportamento sexual requerido para o sucesso da reprodução e criação do filho. Subjacentes a cada estratégia reprodutiva e voltados para solucionar problemas adaptativos específicos encontram-se um ou mais órgãos mentais que geram preferências ideais, desejos e fantasias como: sentimentos de amor e de fidelidade, desejo por variedade sexual, ciúmes emocional ou sexual (Buss, 2003; Evans & Zarate, 1999; Gangestad & Simpson, 2000).

1.1. Seleção Sexual e a Teoria do Investimento Parental

A primeira pessoa a estudar as implicações evolutivas das estratégias reprodutivas foi o próprio Darwin em seu livro *A origem do homem e a seleção sexual* (1871/2004). Darwin percebeu que a evolução é guiada não apenas pela seleção natural pela sobrevivência, mas também por um importante processo que chamou de seleção sexual pela escolha do parceiro. A cauda do pavão consome energia para crescer, tempo para limpar e é chamativa a predadores, e nesse sentido envolve custos que não favorecem a sobrevivência. Contudo, as escolhas sexuais das fêmeas fizeram com que os machos evoluíssem com caudas maiores e mais coloridas porque as atraía (Faria, 2003; Miller, 2001).

Darwin (1859/1985), explicou esse processo comparando-o à seleção artificial: “Se o homem pode, em um curto período de tempo, dar beleza e elegância a seus galos, de acordo com seus padrões de beleza, não vejo nenhuma razão válida para duvidar de que as fêmeas de pássaros, ao selecionarem durante milhares de gerações os machos mais melodiosos e belos, de acordo com seus padrões de beleza, pudessem produzir um efeito marcante” (Darwin,

1985, p.89). Ele percebeu também que a maioria das diferenças entre os machos e fêmeas são especializações para produção de ovos e de esperma, ou especializações nas armas e nos ornamentos usados durante a competição sexual, sendo os machos quase sempre mais ornamentados que as fêmeas (Faria, 2003; Miller, 2001).

A seleção sexual foi uma idéia revolucionária, pois podia explicar três enigmas: a onipresença de ornamentos que não ajudam diretamente na sobrevivência em muitas espécies, as diferenças de gênero dentro das espécies, e a rápida divergência evolutiva entre espécies. Além disso, era totalmente inédita, ao contrário da idéia de que as espécies evoluem, incorporava a convicção de Darwin de que a evolução era uma questão mais de diferenças na reprodução, em vez de diferenças na sobrevivência. Ele ainda aceitava que os agentes motores da seleção sexual eram os cérebros e corpos dos rivais sexuais e potenciais parceiros, e não as pressões físicas de um nicho biológico (Buss & Barnes, 1986; Faria, 2003; Miller, 2001).

A Seleção Sexual refere-se à evolução de características que dão aos organismos vantagens reprodutivas, em contraste às vantagens da sobrevivência. Os dois meios de se conquistar vantagens reprodutivas são: (a) o sucesso na competição intra-sexual, na qual indivíduos do mesmo sexo disputam o acesso a parceiros do outro sexo, e (b) sucesso na atração intersexual, na qual indivíduos de sexos diferentes utilizam-se de sinais para a atração do parceiro do sexo oposto, segundo as preferências do outro sexo. Os sinais envolvidos nessas exibições estão focados em dois tipos: (a) atributos que representam sinais de qualidade de “bom provedor” e (b) atributos que sugerem que o indivíduo pode ter “bons genes” (Gangestad & Simpson, 2000).

Em muitas espécies, o número de parceiros que um dos sexos pode obter está direta e fortemente relacionado ao sucesso reprodutivo, no entanto, existe diferença entre os dois sexos. Na maioria dos mamíferos as fêmeas são fatores limitantes para o sucesso reprodutivo dos machos, que competem para atrair parceiras. Observando essa disparidade, podemos

supor que as pressões da seleção sexual devem ter se exercido mais intensamente na competição intra-sexual masculina e na evolução de sinais especializados às preferências femininas. Darwin só não conseguiu explicar por que são os machos que competem e as fêmeas que escolhem. Essa questão só foi resolvida em 1972 com a Teoria do Investimento Parental (Faria, 2003).

As variações intersexuais seguem a lógica estabelecida na Teoria do Investimento Parental (Trivers, 1972; Buss & Schmitt, 1993). Trivers (1972) propôs que a força central por trás da seleção sexual não é o sexo, mais sim o grau de investimento parental que cada sexo aplica na sua prole. Para ele, competir não é uma conseqüência direta de ser macho e nem escolher é uma conseqüência direta de ser fêmea, como pensava Darwin, essas diferentes estratégias só estão aparentemente ligadas a cada sexo por que os sexos variam quanto ao mínimo investimento parental obrigatório. Trivers definiu investimento parental segundo um dilema de alocação de investimentos: investimento parental é qualquer esforço parental realizado para um único filho, que aumente suas chances de sobrevivência e reprodução em detrimento da aplicação do mesmo esforço dos pais em outra prole, atual ou potencial (Trivers, 1972). O esforço parental abrange os diversos tipos de cuidados diretos e indiretos, desde fornecimento de atenção e suporte emocional, até a oferta de recursos materiais como lactação e defesa. As diferentes estratégias adotadas por homens e mulheres refletem as diferenças na magnitude do investimento parental de cada um deles (Buss & Schmitt,1993; Faria, 2003).

O investimento parental é mais intenso nas mulheres, vide gestação e amamentação, o que selecionou uma estratégia feminina peculiar, pressionando as mulheres a serem mais exigentes e mais recatadas na escolha de um parceiro. Do mesmo modo os homens, que investem menos na prole, possuem uma estratégia vinculada a uma menor exigência e maior competitividade pelo acesso às mulheres (Buss, 1994, 2003; Buss & Barnes, 1986; Buss &

Schmitt, 1993). Quanto maior for a diferença no investimento parental entre os sexos, maiores serão as diferenças das estratégias reprodutivas (Buss, 1998; Buss & Schmitt, 1993).

A Teoria do Investimento Parental, ao conseguir explicar diferenças intersexuais nas mais variadas características da esfera reprodutiva como competitividade, agressividade, promiscuidade, seletividade, entre outras, inaugurou a aplicação do pensamento sobre dilemas adaptativos de alocação de investimentos para prever efeitos intersexuais evolutivamente relevantes. Alocar investimentos de modo adaptativo é resolver problemas evolutivos de modo que os benefícios em termos de sobrevivência e reprodução ultrapassem os custos. Os benefícios são os retornos em aptidão abrangente no domínio investido e os custos são as faltas de retornos em aptidão pela impossibilidade do mesmo investimento em outro domínio. A teoria que aplicou esses mesmos raciocínios de alocação de investimentos para explicar as variações individuais ontogenéticas foi a Teoria Evolucionista de Ciclos de Vida.

1.2. Teoria Evolucionista de Ciclos de Vida

A *Teoria Evolucionista de Ciclos de Vida* de Roff (1992) e Stearns (1992) diz que existem diferentes domínios e subdomínios da vida em que os seres vivos devem alocar seus investimentos de maneira adaptativa para serem representados nas próximas gerações. Os domínios são o *somático*, cujos subdomínios são: crescimento, manutenção do corpo, e aprendizagem; e o *reprodutivo*, cujos subdomínios são: o direto, que envolve achar parceiros, acasalar e cuidar da prole; e o indireto, que envolve o nepotismo extraparental, que é investir em parentes (Geary, 2002; Low, 1998).

Na medida em que os empenhos biológicos (energia, tempo, recursos) são finitos e limitados, sua alocação nos diferentes domínios e subdomínios evolutivamente relevantes resulta em dilemas de negociação, pois os esforços aplicados em um domínio ou subdomínio específico, concomitantemente, não são aplicados em outro. Dilemas de negociação ocorrem quando o investimento em um ou outro domínio (ou subdomínio) é condicionado ao mesmo investimento limitado (Stearns, 1992). Pelo fato de que cada unidade de esforço só pode ser usada uma vez, indivíduos cujas adaptações estratégicas melhor alocavam os investimentos finitos deixaram mais descendentes. Então, a Teoria Evolucionista de Ciclos de Vida encara as fases da vida como sendo adaptações resultantes de negociações entre custos e benefícios, ou seja, como formas de solução de dilemas de alocação de investimentos em diferentes domínios biologicamente relevantes típicos de cada período do desenvolvimento (Geary, 2002; Roff, 1992; Stearns, 1992).

Durante o curso de vida humano, os dilemas são estrategicamente solucionados em relação a um padrão normativo específico da nossa espécie: do nascimento à puberdade, os domínios somáticos recebem prioritariamente todos os esforços do indivíduo, só eventualmente alocado também para o nepotismo, especialmente quando irmãos mais novos estão presentes (Ribeiro, Bussab & Otta, 2005). Com a maturação sexual, o domínio reprodutivo recebe uma quantia substancial de esforços. Os esforços reprodutivos atingem seu pico no início e no meio da vida adulta e decrescem expressivamente com o passar do tempo, dando lugar cada vez mais aos investimentos em nepotismo, incluindo o cuidado aloparental promovido pelos avós, com o avanço da idade (Geary, 2002; Penke, 2005).

O primeiro grande dilema de negociação de investimento ocorre entre o domínio somático e o reprodutivo. Um indivíduo deveria continuar a investir nele mesmo incrementando sua competitividade física e social ou deveria começar a se reproduzir? O conflito entre se reproduzir mais precoce ou mais tardiamente é o conflito mais evidente após

a maturação sexual. O segundo dilema ocorre no domínio reprodutivo entre a reprodução direta e a indireta. Um indivíduo deveria ter um filho ou ajudar no cuidado de filhos de parentes? O terceiro dilema ocorre no subdomínio direto da reprodução entre os esforços de acasalamento e os esforços parentais. Um indivíduo deveria investir mais em buscar parceiros e ter relações sexuais casuais ou deveria manter um parceiro e investir na prole? Esse é o dilema central para o estudo das estratégias sexuais (Penke, 2005; Voland, 1998).

As teorias que lidam diretamente com as estratégias sexuais humanas decorrentes da solução desses dilemas evolutivos, com suas implicações para os tipos de relacionamentos, preferências amorosas e com as diferenças entre homens e mulheres são as Teorias Pluralistas das Estratégias Sexuais.

1.3. Teorias Pluralistas das Estratégias Sexuais

A lógica evolutiva tem esclarecido as adaptações das estratégias sexuais subjacentes às preferências masculinas e femininas. Isso é possível ao levarem-se em conta características sexuais e reprodutivas evolutivas diferencialmente relevantes para os homens e para as mulheres, tais como a ovulação oculta, a ocorrência de fertilização interna, extenso período de gestação e de dependência por parte do bebê de cuidados maternos e da amamentação, além da necessidade aumentada de um investimento masculino nos filhos (Buss, 2003; Wright, 1996).

As teorias pluralistas das estratégias sexuais estão embasadas nessas características reprodutivamente relevantes, assim como nas teorias da Seleção Sexual (Darwin, 1871/2004) e do Investimento Parental (Trivers, 1972) ao argumentarem que os seres humanos possuem

um complexo repertório de estratégias sexuais, que são ativadas diferentemente, dependendo do contexto individual, ambiental e temporal. Considera-se ainda, que esse repertório se estende aos dois sexos tanto para relacionamentos de curto quanto de longo prazo. As duas principais teorias pluralistas são a Teoria das Estratégias Sexuais (Buss & Schmitt, 1993; Buss, 1998) e a Teoria do Pluralismo Estratégico (Gangestad & Simpson, 2000).

1.3.1. Teoria das Estratégias Sexuais

Para Buss e Schmitt (1993), os relacionamentos humanos são escolhidos de forma estratégica e as diferentes estratégias podem ser encontradas em ambos os sexos, embora homens e mulheres tenham sofrido diferentes pressões durante a evolução, o que levou a preferências diferentes (Buss, 1998).

Devido às diferentes pressões evolutivas encontramos uma variação nas ligações entre a quantidade de investimentos alocados em investir na prole e a busca de parceiros. O sexo que investe mais na prole (mulheres) tipicamente é mais na exigente na escolha de parceiros (atração intersexual). Prevê-se que o sexo que investe menos na prole (homens), além de ser menos seletivo, irá competir mais com outros do mesmo sexo (competição intrassexual) (Buss, 1998; Buss & Schmitt, 1993). Essa teoria baseia-se nas idéias de Trivers organizadas na Teoria do Investimento Parental (Gangestad & Simpson, 2000).

Buss e Schmitt (1993) identificaram dois extremos em um contínuo de estratégias sexuais segundo o nível de envolvimento do casal: estratégias de curto prazo e de longo prazo, que teriam evoluído em resposta a diferentes pressões evolutivas que cada sexo

enfrentou, conforme aumentava, na evolução humana, o nível de envolvimento amoroso da relação e a exigência de investimentos na prole.

A estratégia sexual de curto prazo consiste em manter um grande número de relacionamentos de curta duração e proporcionar pouco investimento parental. Essa estratégia está ligada a uma ênfase nos atributos e recursos adaptativos que poderiam ser transmitidos genética ou socialmente para os filhos, sem contar com os cuidados diretos do parceiro ocasional. Nesse nível de relacionamento, espera-se pouca obrigação mútua, nenhuma exclusividade de acesso sexual com conseqüente incerteza de paternidade masculina (Buss, 1998; Buss & Schmitt, 1993).

As preferências de curto prazo seguem uma estratégia típica de mamíferos, sendo as mulheres mais seletivas, valorizando mais *status*, recursos e obtenção de qualidade genética que os homens, e estes, menos sexualmente exigentes, valorizando mais a variedade e a atratividade das parceiras. A estratégia é vantajosa tanto para homens quanto para mulheres, porém, é mais comumente adotada por homens, devido ao menor investimento parental mínimo obrigatório (Buss, 1998; Buss & Schmitt, 1993).

elas mais a disposição para obtenção de recursos do que os homens (Buss, 1994, 2003; Kenrick et al., 1990; Wright, 1996).

A estratégia de curto prazo para os homens é vantajosa, pois possibilita a aquisição de um grande número de parceiras, através das quais podem disseminar seus genes. A estratégia de longo prazo também traz grande vantagem reprodutiva, pois oferece a possibilidade de controle sobre os recursos reprodutivos femininos durante determinado período da vida fértil da mulher e de resolver, em parte, o problema da dúvida a respeito do período fértil da parceira e da paternidade na prole (Buss, 1998; Buss & Schmitt, 1993).

A estratégia de longo prazo para as mulheres é vantajosa, pois se ajusta ao seu alto investimento parental, na medida em que o consentimento aumenta as garantias do investimento parental masculino, com decorrentes recursos e proteção para a mulher e os filho. Por outro lado, a compreensão de um valor adaptativo da adoção de uma estratégia de curto prazo para as mulheres é mais controversa e tem sido o ponto mais discutido. Segundo Buss e Schmitt (1993), a estratégia de curto prazo possibilita a extração imediata de recursos materiais e proteção contra outros homens. Como principal vantagem, é destacada a possibilidade de se usar o curto prazo para avaliar um parceiro para um relacionamento posterior de longo prazo (Buss, 1998). Desse modo, para a mulher, a estratégia de curto prazo seria vantajosa como uma estratégia provisória.

Segundo a lógica adaptativa da Teoria das Estratégias Sexuais, os homens sofreram uma maior pressão sobre a capacidade de avaliar o número de mulheres férteis com as quais eles pudessem ter sucesso na inseminação, enquanto as mulheres uma maior pressão reprodutiva relacionada à capacidade de avaliação de parceiros que mostrem habilidade e estejam propensos a investir recursos nelas e em seus filhos (Buss & Schmitt, 1993; Buss, 1998).

As maiores objeções feitas por Gangestad e Simpson (2000) sobre as idéias de Buss e Schmitt (1993) são que elas não explicam porque existem tantas variações intrassexuais para os comportamentos sexuais, e que elas não consideram a influência que o controle de recursos pelas mulheres pode promover na escolha das estratégias para ambos os sexos (Gangestad & Simpson, 2000). Levantando essas críticas à Teoria das Estratégias Sexuais, Gangestad e Simpson (2000), desenvolvem a Teoria do Pluralismo Estratégico, promovendo uma reflexão mais profunda a respeito das diferenças individuais.

1.3.2. Teoria do Pluralismo Estratégico

Para Gangestad e Simpson (2000), ambos os sexos possuem táticas de curto e longo prazo, e devem ter sofrido pressões evolutivas diferenciadas, para responder de modo contingente aos diferentes fatores ambientais, gerando estratégias condicionais, resultando em um pluralismo de táticas de seleção de parceiros (Gangestad & Simpson, 2000; Simpson & Lapaglia, 2006).

Segundo os autores, as diferenças inter e intrassexuais levam em conta a mesma noção dos dilemas do ciclo de vida, que estão relacionados à alocação diferencial de empenhos parentais e empenhos de acasalamento, portanto a chave das adaptações pode ser um cenário de regras de decisão a respeito de quando e como alocar os esforços reprodutivos de maneira sensata e contingente, ao contrário de um desejo igualmente difundido dentro de um sexo por algum tipo específico de relacionamento (Gangestad & Simpson, 2000; Simpson & Lapaglia, 2006).

Portanto, a Teoria do Pluralismo Estratégico foca-se primeiramente na natureza e na dinâmica de negociação das variações das estratégias de seleção de parceiros que existem dentro de cada sexo. A teoria desenvolve um modelo humano para a seleção de parceiros que funde os dois princípios da atração intrassexual da Teoria da Seleção Sexual: o dos "bons genes" e do "bom provedor". Os autores sugerem que os dois princípios devem ter gerado variações e efeitos contextuais, associados às táticas de curto e longo prazo encontradas em

genéticos de homens com baixo investimento parental, apesar do risco de perder o investimento parental de seu parceiro primário. As táticas e as preferências sexuais das mulheres no ambiente ancestral eram um reflexo da natureza e qualidade do ambiente em que viviam (Gangestad & Simpson, 2000).

Do mesmo modo como as mulheres se ajustam ao ambiente, os homens se ajustam às táticas e preferências sexuais das mulheres do seu ambiente contextual. Se a maioria das mulheres estiver à procura de alto investimento parental, a maioria dos homens pode oferecer mais investimento parental, ou até mesmo exclusividade, dedicando uma grande porção de seus esforços às táticas reprodutivas de longo prazo e ao investimento parental. Como resultado, a variação no sucesso reprodutivo masculino fica reduzida (Gangestad & Simpson, 2000; Simpson & Lapaglia, 2006).

Se a demanda feminina por benefícios genéticos aumentar, dada uma maior prevalência de patógenos no ambiente, alguns homens podem alocar mais investimentos às táticas de curto prazo, ou à extramarital, aumentando a variação do sucesso reprodutivo entre eles (Gangestad & Simpson, 2000; Simpson & Lapaglia, 2006).

Seguindo a lógica adaptativa da Teoria do Pluralismo Estratégico, as mulheres respondem de forma contingente às variações do ambiente para a escolha de suas táticas sexuais e reprodutivas, estando suas preferências baseadas nos “bons genes” ou no “bom provedor” promovendo uma variação no contexto temporal dos relacionamentos. Diferentemente das mulheres, os homens sofreram uma maior pressão sobre a capacidade de avaliar de maneira contingente como alocar seus esforços, desenvolvendo adaptações que satisfizessem as preferências femininas (Gangestad & Simpson, 2000; Simpson & Lapaglia, 2006).

1.4. Sócio-Sexualidade

A Teoria dos Ciclos de Vida, que identifica os dilemas de negociação do investimento reprodutivo e a Teoria das Estratégias Sexuais e o Pluralismo Estratégico, que prevêem a lógica dos órgãos mentais envolvidos nas estratégias sexuais e as sensibilidades ambientais reprodutivamente relevantes, são as principais ferramentas teóricas da Ecologia Evolucionista da Reprodução Humana. A Ecologia Evolucionista da Reprodução Humana é definida como a aplicação da Teoria da Seleção Natural ao estudo das estratégias reprodutivas e das decisões envolvidas segundo o contexto ecológico (Voland, 1998). Esta área lida com a questão da evolução biológica da diversidade e variabilidade inter e intrassexuais na reprodução. Seu foco é a função adaptativa das diferenças reprodutivas individuais em diferentes contextos: biogeográfico, social, cultural, histórico e ecológico (Voland, 1998).

Uma das características mais estudadas com relação à variação inter e intrassexuais nas estratégias sexuais é a orientação sócio-sexual (Barber, 1998; Clark, 2004; Mikach & Bailey, 1999; Ostovich & Sabini, 2004; Schmitt et al., 2005; Simpson & Gangestad, 1991,1992). Nos seus famosos estudos sobre sexualidade da década de 50, Alfred Kinsey e colegas encontraram muitos praticantes de sexo casual e grande variação individual quanto às motivações envolvidas. Eles nomearam essas motivações de "orientação sócio-sexual" ou "sócio-sexualidade". Essa idéia ficou esquecida na Psicologia até que, em 1991, Simpson e Gangestad iniciaram o estudo da sócio-sexualidade com uma abordagem evolutiva (Simpson & Gangestad, 1991).

O conceito da sócio-sexualidade refere-se a uma única dimensão contínua da personalidade relacionada à tendência individual para engajar-se em relacionamentos amorosos de curta-duração ou de longa-duração, pois a orientação sócio-sexual indica o

quanto alguém exige de envolvimento afetivo e emocional prévio à relação sexual, ou o quanto alguém está inclinado a engajar-se em relações sexuais casuais, sem comprometimento (Simpson & Gangestad, 1991).

A sócio-sexualidade descreve justamente a variação individual nas disposições, facilidades e propensões para solucionar o dilema entre o empenho de acasalamento e o empenho parental: alocar a maioria dos esforços em procurar parceiros, conquistá-los e fazer sexo, ou alocar mais esforços em manter um parceiro, fazer amor, assegurar fidelidade e investir nos filhos (Penke, 2005; Schmitt et al., 2005).

Um Inventário de Orientação Sócio-Sexual (IOSS) foi desenvolvido para reunir, numa única medida, as atitudes e comportamentos sócio-sexuais, tais como: freqüências atuais e desejadas de intercurso sexual, número de parceiros sexuais, freqüência de sexo extraconjugal, e freqüência de sexo sem comprometimento. O Inventário de Orientação Sócio-Sexual, recentemente validado interculturalmente (Schmitt et al., 2005), distingue entre aqueles que têm propensões mais permissivas a respeito de sexo casual daqueles que não as têm, e seus pólos são caracterizados como *irrestritos* e *restritos* (Simpson & Gangestad, 1991).

Escores elevados nesse inventário indicam uma orientação sócio-sexual de tipo *irrestrita*, ou seja, são pessoas com atitudes, comportamentos, fantasias ou opiniões mais permissivas do que a média populacional quanto ao sexo sem compromisso, logo, com maior propensão de engajar-se em táticas de curto prazo. Escores baixos, por sua vez, indicam uma orientação de tipo *restrita*, ou seja, são pessoas que necessitam de mais envolvimento afetivo e amoroso prévio ao ato sexual do que a média populacional, apresentando maior propensão a táticas de longo prazo (Simpson & Gangestad, 1991; Simpson & Gangestad, 1992).

1.5. Diferenças intersexuais

A primeira fonte de variação individual na sócio-sexualidade é a diferença entre homens e mulheres. Segundo a *Teoria do Investimento Parental* de Trivers (1972), o sexo que, fisiologicamente, tiver mais energia, tempo e recursos voltados para investir na prole terá sua solução do dilema reprodutivo mais voltado para a estratégia de longo prazo. Então, já que as mulheres *a priori* têm o alto custo com gametas maiores, gestação e lactação, elas serão, em média, mais *restritas* do que homens (Penke, 2005; Schmitt et al., 2005; Trivers, 1972)

A diferença intersexual é entendida como conseqüência dos efeitos de pressões seletivas diferenciais sobre homens e mulheres, em função da proporção de investimento parental exibido por cada um deles, como previsto pela Teoria das Estratégias Sexuais. O maior investimento feminino na prole, por exemplo, via gestação e amamentação, pressionou a evolução de estratégias de maior recato e maior exigência na seleção dos parceiros. Os homens, que investem menos na prole, são menos recatados e exigentes, e mais competitivos intra-sexualmente pelo acesso às mulheres (Buss, 1994, 2003; Buss & Barnes, 1986; Buss & Schmitt,1993; Campos, 1999; 2005; Campos; Otta; Siqueira, 2002; Otta; Queiroz; Campos; Silva; Silveira, 1999).

Essas diferenças entre estratégias masculinas e femininas tornam-se mais evidentes quanto menor o tempo de interação entre os sexos, nos relacionamentos de curta duração, pois neles os homens investem muito menos do que as mulheres e quanto maior for a diferença no investimento parental entre os sexos, maiores serão as diferenças das estratégias reprodutivas (Buss, 1998). Nos relacionamentos de longa duração, a dimensão comportamental do investimento parental por parte dos homens, compreendida pela atenção, carinho e afeto, pela

oferta de recursos e de proteção compensa, de certa forma, o alto investimento feminino na prole (Buss, 1994, 2003, Geary, 2002).

Em abril de 2005, Schmitt et al. publicaram o maior estudo já feito sobre sócio-sexualidade. Ao todo, foram entrevistadas 14.059 pessoas, em seis continentes, 10 ilhas, 26 línguas e 48 nações, inclusive no Brasil. As principais conclusões foram: 1- A diferença prevista entre os sexos existe e é universal, em todo o mundo homens são em média mais voltados para o sexo casual do que mulheres; 2- A variação na sócio-sexualidade entre as culturas parece ser adaptativamente ajustada a pelo menos dois aspectos da ecologia local, proporção homem/mulher e as condições para criação dos filhos: culturas com menos mulheres são mais *restritas*, e culturas com menos homens são mais *irrestritas*, pois o poder de escolha é do sexo mais raro; culturas com ambientes mais desfavoráveis reprodutivamente (altas taxas de mortalidade e desnutrição infantil) demandam um maior cuidado biparental, logo, são mais *restritas*; 3- Essa diferença entre os sexos foi maior nas culturas em que o ambiente reprodutivo era mais exigente, mas foi reduzida a níveis moderados nas culturas com mais igualdade política e econômica entre os sexos.

1.6. Diferenças intrassexuais ou individuais

Apesar dessa regra geral bem estabelecida, constatam-se variações intrassexuais significativas quanto às estratégias sexuais, cuja origem e desenvolvimento ainda estão em discussão (Clark, 2004, 2006; Mikach & Bailey, 1999; Schmitt et al., 2005). A grande maioria dos estudos das estratégias sexuais tem focalizado mais as diferenças entre os sexos, negligenciando as diferenças intra-sexos (Gross, 1996; Simpson & Gangestad, 1991).

Segundo Buss e Barnes (1986), existe mais variação intra do que entre os sexos para qualquer atributo selecionado, como atratividade física ou impulso sexual.

A questão central do estudo das diferenças individuais tem o foco em como o conceito de adaptação pode ser usado para explicar as diferenças de comportamento dos membros da mesma espécie (Crawford, 1998). Descobrir os modos de incorporar tanto as diferenças individuais adaptativas quanto as adaptações mentais universais típicas da espécie numa única estrutura conceitual está sendo um dos desafios atuais da Psicologia Evolucionista e da Ecologia Evolucionista da Reprodução Humana (Buss, 1998; Buss & Greiling, 1999; Voland, 1998).

Historicamente, o estudo das origens das diferenças individuais inevitavelmente caía na discussão infértil sobre a dicotomização entre fatores hereditários e fatores ambientais

ser incorporado seria aquele de grande importância para solucionar um problema adaptativo específico dado um ambiente ancestral em constante mudança (Pinker, 1997). A grande maioria das aves e dos mamíferos teria seus comportamentos regidos por programas somáticos abertos (Mayr, 2005).

As diferenças individuais podem ser *adaptativas*, quando elas levam a diferenças de aptidão entre os indivíduos; podem ser *não-adaptativas* ou *neutras*, quando as diferenças não influem no sucesso diferencial na sobrevivência e na reprodução; e elas podem ser *mal-adaptativas,* quando devido a defeitos genéticos ou traumas ambientais, o funcionamento operacional normal dos órgãos mentais é perturbado, diminuindo a aptidão do indivíduo (Buss & Greiling, 1999). Devido às adaptações serem o principal produto do processo evolutivo, abordaremos aqui apenas as fontes de variação individual adaptativas.

1.6.1. Diferentes fontes de variação individual adaptativa

As diferenças individuais adaptativas podem ser causadas por diferenças genéticas subjacentes ou por mecanismos abertos de plasticidade fenotípica que permitem que o mesmo genótipo manifeste fenótipos diferentes. As diferenças genéticas e as plásticas são, respectivamente, fruto de dois grandes tipos de estratégias adaptativas: estratégias fixas e estratégias condicionais (Gross, 1996; Wilson, 1994).

As *estratégias fixas* são as estratégias alternativas e as estratégias mistas que são compostas por programas fechados e não dependem de informações ambientais para gerar suas táticas. Elas são mantidas por seleção dependente de freqüência de modo que, alcançado um ponto de equilíbrio evolutivamente estável, as aptidões médias se igualam, tendo certa

proporção de indivíduos selecionados por adotar uma estratégia e a outra porção selecionada por adotar a outra estratégia. As estratégias alternativas necessitam de polimorfismo genético, já as mistas não. Esses tipos de estratégia fixa são relativamente raros intra-sexualmente nos relatos da Zoologia (Gross, 1996).

As *estratégias condicionais* são compostas por programas abertos a diferentes aspectos do ambiente natural e social ao longo do ciclo de vida do indivíduo. São mantidas por seleção dependente do *status* do indivíduo, apresentando táticas com aptidões médias diferentes. Não necessitam que haja polimorfismo genético, mas caso haja, não impede que existam. Esse tipo de estratégia é bastante comum nos relatos da Zoologia (Buss & Greiling, 1999; Gross, 1996).

As diferenças individuais adaptativas *condicionais* são originadas por diversas maneiras de interação entre o fator genético e o ambiental, e podem ser agrupadas em contingências pré-natais, ontogenéticas e contextuais (Buss & Greiling,1999; Voland, 1998; Wilson, 1994). Esses três ambientes não são mutuamente exclusivos e certamente existe muita sobreposição principalmente entre o ambiente ontogenético e o contextual. Visando minimizar sobreposições é possível separá-los de acordo com a Teoria Evolucionista de Ciclos de Vida. O ambiente pré-natal compreenderia toda gestação até o nascimento e seria composto pelas inter-relações intra-uterinas com a mãe. O ambiente ontogenético compreenderia da primeira infância à puberdade e seria composto pelo ambiente familiar compartilhado com os irmãos e pelas vivências únicas ao indivíduo marcadas por um alto investimento somático podendo haver nepotismo. O ambiente contextual compreenderia da puberdade até os dias atuais e seria composto pelo ambiente familiar compartilhado com os irmãos e pelas vivências únicas ao indivíduo marcadas por um alto investimento reprodutivo no acasalamento ou parental (Geary, 2002; Low, 1998).

As três fontes de diferenças individuais adaptativas surgem da interação entre os três níveis de organização biológicos envolvidos em processos teleológicos com os ambientes a que estão expostos (Tabela 1). Adaptação de Crawford (1998).

Tabela 1. Fontes de variação individual adaptativa segundo o tipo de interação do nível de organização teleológico com os ambientes pré-natal, ontogenético e contextual.

<table>
<tr><th>Nível de organização</th><th>Aberturas condicionais</th><th>Ambiente</th><th>Fonte ambiental de variação adaptativa</th></tr>
<tr><td>Indivíduo</td><td>Gostos pessoais</td><td rowspan="2">Ambiente natural e social atual
Ambiente natural e social ontogenético</td><td>Contextual</td></tr>
<tr><td>Órgão mental</td><td>Programa somático aberto</td><td rowspan="2">Ontogenética

Pré-natal</td></tr>
<tr><td>Gene</td><td>Programa genético aberto e/ou somático aberto</td><td>Ambiente embrionário</td></tr>
</table>

Na estratégia condicional contingente ao ambiente embrionário, diferenças individuais no programa genético aberto ou nas primeiras fases do programa somático aberto interferem diferentemente de modo adaptativo no *design* do órgão mental levando este a adotar preferencialmente certo grupo de táticas adaptativas futuras do que outro. Na estratégia condicional contingente ao ambiente ontogenético, diferenças evolutivamente relevantes no ambiente de criação são acessadas pelo programa somático aberto (desenvolvimento do órgão mental) levando este a adotar preferencialmente certo grupo de táticas adaptativas futuras. Na estratégia condicional contingente ao ambiente contextual, diferenças evolutivamente relevantes no ambiente atual são acessadas pelo programa somático aberto (funcionamento atual do órgão mental) levando este a adotar preferencialmente certo grupo de táticas adaptativas atuais. (Buss & Greiling,1999, Crawford, 1998; Voland, 1998).

Os dois tipos de estratégias fixas e as três contingências ambientais das estratégias condicionais estão resumidos na Tabela 2. Segundo Gross (1996).

Tabela 2. Tipos e subtipos de estratégias segundo a necessidade de variação genética para sua ocorrência e sua variedade de táticas.

	Estratégias Fixas		**Estratégias Condicionais**		
	Estratégias alternativas	Estratégias mistas	Contingente ao ambiente embrionário	Contingente ao ambiente ontogenético	Contingente ao ambiente contextual
Variação genética	Polimorfismo genético	Monomorfismo genético	Poli ou monomorfismo genético	Poli ou monomorfismo genético	Poli ou monomorfismo genético
Definição	Única tática por indivíduo com a mesma aptidão média	Uma estratégia com táticas alternativas de probabilidades diferentes de exibição independentes do ambiente	Uma estratégia com táticas alternativas de probabilidades diferentes de exibição dependendo do ambiente embrionário	Uma estratégia com táticas alternativas de probabilidades diferentes de exibição dependendo do ambiente de criação	Uma estratégia com táticas alternativas de probabilidades diferentes de exibição dependendo do ambiente atual

Esses tipos e subtipos de estratégias são possibilidades teóricas já levantadas por diferentes autores (Buss & Greiling, 1999), porém é possível existir uma combinação de estratégias, já que estratégias fixas e condicionais representam casos relativamente puros. Estratégias condicionais contingentes tanto ao ambiente embrionário, ontogenético ou contextual podem apresentar variação genética adaptativa nos limiares ou “pontos de virada” dos órgãos mentais ao decidir entre diferentes grupos de táticas. Diferentes indivíduos podem acessar pistas ambientais diferentes para mudar de um grupo de táticas para outro, ou ainda podem mudar de tática em diferentes pontos ao longo do gradiente de uma pista ambiental (Buss & Greiling, 1999). Esse tipo de modelo ainda não foi proposto, pois existem muitos mais estudos sobre contingências ambientais do que de variabilidade genética adaptativa.

1.6.2. Variação genética

Desde o surgimento da Psicologia Evolucionista existe muita controvérsia quanto à existência de variação genética que influa adaptativamente nos órgãos mentais (Crawford, 1998; Sefcek, Brumbach, Vasquez & Miller, no prelo; Wilson, 1994). A abordagem original da Psicologia Evolucionista, por estar mais focada nas universalidades, na seleção natural estabilizadora (em que as adaptações mostram pouca variabilidade) e na utilidade ecológica das adaptações comum a todos os indivíduos, encara a variabilidade genética como sendo em grande parte neutra para o *design* dos órgãos mentais, sendo relegada a variações ao nível das proteínas como proteção contra invasões de parasitas (Crawford, 1998; Sefcek, Brumbach, Vasquez & Miller, no prelo; Wilson, 1994).

Para a Psicologia Evolucionista a variação individual é originada principalmente pela calibração e acomodação, em grande parte não adaptativa, dos muitos órgãos mentais às diferentes condições ontogenéticas e ecológicas, se mostrando assim uma ciência eminentemente ambiental (Buss & Greiling,1999; Crawford, 1998; Wright, 1996; Wilson, 1994).

Atualmente, a Teoria da Seleção Sexual e a Teoria dos Indicadores de Aptidão, em que adaptações evoluem não por qualquer função ecológica, mas por indicar qualidade genética, têm sido aplicadas à Psicologia Evolucionista, o que abriu modos de incorporar variações genéticas adaptativas aos órgãos mentais universais. Por meio da Seleção Natural são criadas adaptações claramente funcionais, modulares, universais e presentes em espécies aparentadas, mostrando pouca variação genotípica, fenotípica e baixa herdabilidade. A Psicologia Evolucionista tende a focar-se nas capacidades mentais com essas características (Miller, 1997, 2001; Pinker, 1998; Sefcek, Brumbach, Vasquez & Miller, no prelo).

No entanto, muitas características psicológicas mostram propriedades opostas – alto custo, baixa modularidade, muita variação individual, alta herdabilidade e ausência em espécies aparentadas. Essas características de traços psicológicos só seriam esperadas como adaptações se analisadas pela Seleção Sexual. A junção da Seleção Sexual e da Teoria dos Indicadores de Aptidão leva a um adaptacionismo diferente em que genes podem proliferar segundo seus poderes de impressionar e manipular os outros via sinais na corte em vez de apenas por sua utilidade ecológica, e que a variação genética entre os indivíduos é ampliada ao invés de reduzida (Miller, 1997, 2001, Sefcek, Brumbach, Vasquez & Miller, no prelo).

Os poucos estudos com gêmeos sobre características não patológicas do comportamento sexual, como idade da primeira relação sexual, propensão para ter múltiplos parceiros sexuais e a sócio-sexualidade têm revelado uma faixa de herdabilidade para essas características da ordem de 50% e de uma influência do ambiente individual não compartilhado, ou seja, o ambiente vivenciado especificamente por cada indivíduo, de 30 a 50% (Bailey, Kirk, Zhu, Dunne & Martin, 2000; Lyons, et al., 2004; Rowe, 2002). Esses padrões de herdabilidade médios e a existência de variação genética adaptativa na sócio-sexualidade e em propensões associadas indicam uma influência da Seleção Sexual e apóiam essa recente ampliação do adaptacionismo da Psicologia Evolucionista.

Para entender por completo a Ecologia Evolucionista da Reprodução Humana, segundo Voland (1998), primeiro é preciso alcançar uma maior integração entre as pesquisas que busquem adaptabilidade no nível genético, ontogenético e contextual, e em seguida aprimorar nossas idéias sobre a evolução das estratégias reprodutivas e sexuais nos humanos desenvolvendo modelos aprimorados que levem em consideração esses três níveis de adaptabilidade (Voland, 1998).

Pelo fato de essa tentativa de integração da variação genética adaptativa ser muito recente e de que para controlar tanto efeitos genéticos quanto ambientais é necessário um

amplo banco de dado de gêmeos, abordaremos neste estudo três teorias ambientais para explicar as diferenças intra-sexo na sócio-sexualidade: a do nível de andrógenos pré-natais (Mikach & Bailey,1999), a do contexto de criação (Belsky, Steinberg & Draper, 1991); e a do valor de conquista de parceiros amorosos (Landolt, Lumière & Quinsey, 1995).

1.6.3. Estratégia Condicional - Contingente ao ambiente embrionário

O modelo do nível de andrógenos pré-natais – Partindo da constatação de que homens são mais irrestritos que mulheres, o modelo de Mikach e Bailey (1999) propõe que mulheres irrestritas são mais masculinas do que as restritas e que, da mesma forma, homens restritos são mais femininos do que os irrestritos. Supondo-se ainda que o padrão masculino esteja associado a variações hormonais embrionárias, o que está de acordo com diversas evidências empíricas (Baron-Cohen, 2004; Pinker, 1998) é possível considerar que variações individuais quanto à dimensão de restrição-irrestrição da orientação sócio-sexual, opostas às que seriam típicas de cada sexo, poderiam ser causadas por um padrão atípico do processo de desenvolvimento neuro-hormonal. Nesse caso, seria esperado que mulheres irrestritas e homens restritos tivessem também aspectos atípicos com relação a outras características tipicamente dimórficas (Mikach & Bailey, 1999).

As pesquisas das relações entre indicadores de masculinização/feminilização e a estratégia de sócio-sexualidade individual têm analisado correlações entre o Inventário de Orientação Sócio-Sexual (IOSS) e os seguintes indicadores: a) <u>identidade de gênero na infância</u> (Mikach & Bailey, 1999; Ostovich & Sabini, 2004), avaliada pelo *Childhood Gender Nonconformity* de Bailey, et al. (1996) citado em Mikach e Bailey (1999); b) <u>identidade de</u>

gênero contínua (Mikach & Bailey, 1999; Ostovich & Sabini, 2004), avaliada pelo *Continuous Gender Identity* de Bailey, et al. (1996) citado em Mikach e Bailey (1999); c) orientação de gênero (Moreira et al., 2003), avaliada pelo Questionário de Auto-Descrição da Sexualidade de Schmitt e Buss (2000) citado em Moreira, et al. (2003); d) taxa digital 2D:4D, que é o comprimento do dedo indicador (2D) dividido pelo do dedo anular (4D), - homens têm maior anular devido à maior exposição à testosterona fetal e, portanto, menor taxa 2D/4D do que mulheres (Clark, 2004; Putz et al., 2004); e e) habilidades espaciais, na qual homens são melhores do que mulheres, medida pelo *Vandenberg Mental Rotation Test* de Vandenberg e Kuse (1978) (Clark, 2004).

Essas pesquisas mostram consistentemente resultados diferentes para homens e mulheres e mostram associações entre indicadores de masculinização e orientação sócio-sexual irrestrita. Apenas dois estudos não corroboraram as expectativas do modelo para mulheres, como por exemplo, nenhuma correlação foi encontrada entre a orientação sócio-sexual e a taxa digital (Putz, et al., 2004) (embora resultado oposto tenha sido encontrado por

masculinização com o fator sexo, apontada por Clark (2006) e não prevista nesse modelo teórico, que será mais bem investigada no presente estudo.

O Quociente de Sistematização (QS) e o Quociente de Empatia (QE) são indicadores cognitivos de masculinização/feminilização segundo a Teoria Empatia-Sistematização das diferenças em perfis cognitivos entre os sexos (Baron-Cohen & Hammer, 1997; Baron-Cohen et al., 2003; Baron-Cohen & Wheelwright, 2004). A Empatia e a Sistematização são tidas como características sexualmente dimórficas, com superioridade masculina em sistematização e feminina em empatia (Lutchmaya et al., 2004; Lawson et al., 2004). Estas características ainda não foram analisadas em relação à orientação sócio-sexual.

Empatia (E) é a capacidade de identificar emoções e pensamentos em outra pessoa, respondendo a eles com uma emoção apropriada; está relacionada à compreensão e previsão do comportamento do outro e ao estabelecimento de uma conexão emocional interpessoal. Sistematização (S) é a capacidade, disposição de analisar ou construir um sistema (físico ou mecânico, como por ex. um lago, um veículo, uma planta), descobrindo intuitivamente como as coisas funcionam ao extrair regras subjacentes que governam o comportamento do sistema, o que também permite compreensão e previsão. Sistemas desse tipo operam com dados de entrada e produzem resultados, segundo regras de causa e efeito (Baron-Cohen, 2004; Baron-Cohen & Wheelwright, 2004).

Tanto homens como mulheres têm capacidades para empatia e para sistematização. O que os distingue é a proporção relativa destas capacidades, existindo uma gradação normal entre tipos de cognição, desde uma mente predominantemente empática (tipo E: E>S), passando pela balanceada (tipo B: E=S), até uma mente predominantemente sistematizadora (tipo S: S>E) (Baron-Cohen et al., 2003).

A hipótese básica derivada deste modelo referente ao relacionamento entre a sócio-sexualidade e os quocientes de empatia e de sistematização é: quanto mais irrestrita for a

sócio-sexualidade mais masculino será o perfil cognitivo, ou seja, maior a sistematização e menor a empatia. E quanto mais restrita mais feminino será o perfil cognitivo – maior empatia e menor sistematização.

1.6.4. Estratégia Condicional - Contingente ao ambiente ontogenético

O modelo do contexto de criação - Belsky, et al. (1991) apresentaram a chamada Teoria Evolucionista da Socialização, segundo a qual diferentes estratégias reprodutivas e sexuais teriam sido selecionadas em função do contexto de criação. Padrões divergentes no desenvolvimento infantil, adaptativos nas situações em que emergem, determinariam as características de socialização no adulto, inclusive a estratégia reprodutiva e sexual predominante. Um desses padrões decorreria de um ambiente de criação infantil estressante (com discórdia marital e recursos inadequados), fator associado ao desenvolvimento de apego inseguro aos pais e ao desenvolvimento de subseqüente orientação interpessoal oportunista, com puberdade e sexualidade precoce na adolescência, ligações instáveis de curto prazo e investimento parental limitado. Portanto, indicadores de contextos de criação estressantes, como a ausência de um dos pais, estresse familiar e apego inseguro, comporiam conjuntos de fatores potencialmente associados à determinação da formação no adulto de uma orientação sócio-sexual irrestrita. A suposta vantagem adaptativa estaria na adoção de uma estratégia sexual quantitativa oportunista, ajustada a ambientes de risco, que aumentaria as chances de propagação dos genes pelo aumento do número de parceiros, com reduzido investimento parental. O outro padrão é exatamente o oposto do primeiro - baixo estresse familiar, presença

de ambos os pais na família, e apego seguro – e estaria associado a uma sócio-sexualidade restrita no adulto (Belsky et al., 1991; Mikach & Bailey, 1999; Schmitt et al., 2004).

Todas as crianças viriam equipadas com uma sócio-sexualidade potencialmente restrita ou irrestrita, e com adaptações psicológicas sensíveis às condições locais do ambiente, que influenciariam desejos e comportamentos sócio-sexuais no adulto de modo adaptativo (Belsky et al., 1991).

Muitas pesquisas deram suporte ao modelo de Belsky et al. (1991), indicando que a sócio-sexualidade irrestrita está positivamente relacionada com a ausência de um dos pais e a presença de padrastos (Hoier, 2003), com maior incidência de divórcio (Barber, 1998), com estilo de apego evitador para homens e mulheres (Simpson & Gangestad, 1989 apud Simpson & Gangestad, 1991), com estilo de apego inseguro em mulheres, mas seguro para homens (Barber, 1998) e estilo de apego rejeitador e preocupado para homens, mas sem correlação para mulheres (Moreira et al., 2003). Conforme pode se verificar por esses resultados, embora haja uma indicação geral de correlação entre estilo de apego inseguro e sócio-sexualidade irrestrita, há uma interação complexa entre os fatores relacionados aos estilos de apego e ao sexo, que merece ser mais bem investigada.

As teorias de apego adulto tiveram origem nos estudos de apego infantil (Bussab, 2003; Scheroki, 2004; Schmitt et al., 2004). A teoria do apego entende que necessidades universais humanas embasam a formação de vínculos afetivos e, neste sentido, a teoria comporta tanto uma concepção normativa para a compreensão do sistema de apego universal, típico humano, como para a explicação das diferenças individuais nos estilos de apego (Bussab, 2003). O apego infantil é caracterizado pela busca da redução de distância em relação às pessoas, capazes de fornecer segurança e proteção, e é constituído por um sistema cognitivo comportamental e emocional determinado, biologicamente, segundo a função de sobrevivência e reprodução no ambiente de adaptabilidade evolutiva, mediado por outros

sistemas que promovem a proximidade da figura de apego e estabelecem o senso de segurança (Bowlby,1973,1979; Bussab, 2003; Scheroki, 2004).

Os comportamentos de apego, que se desenvolvem desde o nascimento com a figura de referência, proporcionam à criança uma base emocional primária para relacionamentos. Segundo Bartolomew e Horowitz (1991), essas experiências promovem o desenvolvimento de um conceito de si positivo ou negativo (relacionado à concepção do sujeito de ser ou não merecedor de cuidado, atenção e amor) e de um conce

(elaionado concepção de o outro ser mercdor d e confiança) 0TJ -05.1163 -

A combinação de modelos internos de si e do outro positivos, ou seja, baixa dependência e evitação, caracteriza um estilo de apego seguro. A combinação de um modelo interno de si negativo, com um modelo do outro positivo, ou seja, alta dependência e baixa evitação, caracteriza um estilo de apego preocupado. A combinação de um modelo de si positivo, e o do outro negativo, ou seja, baixa dependência e alta evitação, caracteriza um estilo de apego rejeitador. E a combinação de um modelo interno de si e do outro negativos, ou seja, alta dependência e alta evitação, caracteriza o estilo de apego medroso (Bartholomew & Horowitz, 1991; Bussab, 2003; Schmitt et al., 2004).

A hipótese básica derivada deste modelo referente ao relacionamento entre a sócio-sexualidade e os estilos de apego é: quanto mais irrestrita for a sócio-sexualidade mais inseguro será o estilo de apego, com os modelo internos de si e/ou do outro negativos. Esta hipótese foi testada em conjunto com hipóteses secundárias derivadas da incidência de divórcio entre os pais. Espera-se uma correlação positiva entre divórcio dos pais, ou falecimento de um dos pais, e orientação irrestrita (Hoier, 2003).

1.6.5. Estratégia Condicional - Contingente ao ambiente contextual

O modelo do valor da conquista - O modelo de Landolt, et al. (1995) assume que todos teriam propensões para adotar qualquer um dos grupos de táticas sexuais, ou seja, a orientação irrestrita ou a restrita. A estratégia sexual que dá origem aos grupos de táticas sexuais de curto prazo e de longo prazo são condicionais ao status de conquista amorosa (Clark, 2004; Landolt et al., 1995). Para Landolt, et al. os grupos de táticas sexuais são selecionados de acordo com um contexto reprodutivo específico (status próprio, número de

parceiros ou de competidores), segundo as regras de decisão da estratégia sexual, entendida como produto direto da evolução, enquanto as táticas sexuais, como a sócio-sexualidade irrestrita ou restrita, são o produto direto de um ambiente de conquista (Landolt et al., 1995).

Em comum com a Teoria do Pluralismo Estratégico, esse modelo ressalta que as informações ambientais mais relevantes, para os órgãos mentais responsáveis pelas estratégias sexuais e táticas provenientes, são as informações contextuais atuais relevantes na seleção de parceiros amorosos. Porém, ao contrário do Pluralismo, esse modelo, assim como os modelos anteriores, não prevê que homens e mulheres reajam diferentemente com essas informações contextuais.

Na seleção de parceiros as preferências baseadas nos "bons genes" e no "bom provedor" são perfis de buscas diferenciadas dos indicadores diretos físicos e comportamentais da qualidade genética e social, que determinam o valor do parceiro, assim como indicadores indiretos de aptidão, como a posse de recursos. Ambos os sexos estão igualmente envolvidos nesse processo de escolha e os indivíduos que tiverem as características mais desejadas e mais facilmente acessadas terão um maior valor de conquista.

Segundo Miller (1997), o custo de acesso às diferentes características usadas na seleção de parceiros varia muito. Características físicas e sociais - "bons genes" - como atratividade física e visibilidade social são facilmente acessadas pelos outros em comparação com outras características de comportamento - "bom provedor" - como habilidades e disposição para a criação da prole. Segundo essa lógica, indivíduos fisicamente mais atraentes têm maior valor de conquista, mais parceiros à disposição e tendem a ter um maior número de relações de curto prazo com menor investimento parental, adotando uma tática de orientação sócio-sexual irrestrita (Clark, 2004; Miller, 1997).

As pesquisas referentes às influências de indicadores do valor de conquista na sócio-sexualidade têm investigado as relações entre o Inventário de Orientação Sócio-Sexual (IOSS)

com diversas medidas de atratividade, como: a) a autopercepção de atratividade (Clark, 2004; Reise & Wright, 1996); b) a simetria facial, que é um indicador de estabilidade de desenvolvimento que indica qualidade genética e está associada à percepção de beleza (Simpson & Gangestad, 1999), c) o sucesso na conquista de parceiros (Landolt et al., 1995; Mikach & Bailey, 1999).

A maioria dessas pesquisas revela correlação positiva entre a orientação sócio-sexual irrestrita e indicadores do valor de conquista, como maior autopercepção da atratividade para homens e mulheres (Reise & Wright, 1996). Resultado semelhante foi obtido por Clark (2004), numa amostra exclusivamente feminina. Foram constatadas correlações entre a sócio-sexualidade irrestrita e maior simetria apenas para os homens (Simpson & Gangestad, 1999), e o maior sucesso na conquista em homens (Clark,2006), e em homens que preferem relacionamentos de curto prazo (Landolt et al., 1995). Alguns estudos não mostraram correlações previstas, como a ausência de correlação entre a orientação irrestrita ou a preferência por relacionamentos de curto prazo e o sucesso de conquista de parceiros amorosos para mulheres (Landolt et al., 1995; Mikach & Bailey, 1999; Clark, 2006). Algumas ambigüidades de resultado em função do sexo apoiam a ampliação teórica do Pluralismo Estratégico indicando a necessidade de aprimoramentos metodológicos e teóricos.

A Escala de Sucesso na Conquista de Parceiros Auto-Avaliado (ESC), desenvolvida por Landolt et al. (1995), mede o quanto os participantes acreditam que podem atrair parceiros amorosos e em que níveis essa atração ocorre (atenção, insinuações, propostas diretas, etc.).

A hipótese básica deste modelo da relação entre a sócio-sexualidade e o sucesso na conquista de parceiros amorosos é: quanto mais irrestrita for a orientação sócio-sexual maior será o índice de autopercepção do sucesso na conquista.

As hipóteses derivadas dos modelos valem para ambos os sexos, já que eles não explicitam influências diferenciadas na previsão da variação individual na sócio-sexualidade de homens e de mulheres. Na revisão da literatura não foi constatada preferência por um ou outro modelo para prever as diferenças individuais de cada sexo, nem consenso. As pesquisas que testam mais de uma hipótese não têm encontrado correlação entre elas, do que se conclui que são preditores independentes de variação individual. As pesquisas em sócio-sexualidade têm sido realizadas majoritariamente em população norte-americana e européia. Os únicos estudos no Brasil são parte de pesquisas interculturais maiores, com amostras reduzidas.

1.7 Objetivos

1.7.1 Geral

Avaliar a variação inter e intra-sexual da orientação sócio-sexual de brasileiros para testar as seguintes hipóteses referentes a contingências embrionárias, ontogenéticas e contextuais:

(a) sócio-sexualidade irrestrita diretamente relacionada a uma maior sistematização e menor empatia do perfil cognitivo (de acordo com o modelo de Mikach e Bailey, 1999);

(b) sócio-sexualidade irrestrita diretamente relacionada a estilos de apego inseguros, modelo internos de si e do outro negativos (de acordo com o modelo de Belsky et al.,1991);

(c) sócio-sexualidade irrestrita diretamente relacionada a maior sucesso na conquista de parceiros amorosos (de acordo com o modelo de Landolt et al., 1995).

1.7.2 Específicos

(1) Avaliar diferenças intersexuais quanto à sócio-sexualidade, aos quocientes de empatia e sistematização, ao sucesso na conquista amorosa, à proporção de compromissados e ao consumo de álcool em população brasileira, comparando os resultados aos obtidos nos estudos internacionais;

(2) Analisar relações entre sócio-sexualidade e composição familiar, consumo de álcool, idade da primeira relação sexual, ordem de nascimento, comprometimento amoroso, estar apaixonado em população brasileira;

(3) Investigar possíveis relações ainda não investigadas entre a sócio-sexualidade e a idade, o número, sexo e ordem de nascimento de irmãos legítimos, o consumo de cigarro e regularidade do ciclo menstrual;

(4) Comparar homens e mulheres quanto às contingências embrionárias, ontogenéticas e contextuais da sócio-sexualidade, e de seus componentes táticos e componentes estratégicos em separado.

1.8 Justificativa

O estudo aqui proposto, sobre os fatores que influenciam a variação intrassexual da orientação sócio-sexual, pode contribuir para aumentar a compreensão dos processos psicológicos e ecológicos subjacentes, com implicações teóricas e práticas. Seu valor na esfera teórica se dá pela atualidade do debate na psicologia sobre as bases biológicas dessas

diferenças individuais nas estratégias sexuais; pela recente validação intercultural tanto do Inventário de Sócio-sexualidade quanto do de estilos de apego; pela constatação de que pouca pesquisa é feita com brasileiros; pela associação inédita da Sócio-sexualidade e dos estilos de apego com a Empatia e a Sistematização; pela escassez de estudos que testam mais de duas hipóteses, amostrando ambos os sexos; pela possibilidade de expansão teórica pelo controle de variáveis inéditas como irmãos, cigarro e ciclo menstrual, permitindo análise da interação dos fatores e esclarecendo influências diferenciadas para cada sexo. Essa expansão poderá auxiliar na compreensão mais global da complexidade dos processos subjacentes e suas sensibilidades ambientais. Esse aprimoramento teórico poderá fundamentar práticas de saúde pública e clínicas de prevenção e de terapia, em virtude da relação entre a orientação sócio-sexual irrestrita e gravidez indesejada (Bailey et al., 2000), doenças sexualmente transmissíveis (Bailey et al., 2000), infidelidade (Seal; Agostinelli & Hannet, 1994), risco de estupro (Fetchenhauer, 2002), falta de investimento parental (Perilloux, 2004) e elevado consumo de álcool (Bailey et al., 2000; Clark, 2004).

2. MATERIAL E MÉTODOS

2.1 Participantes

Participaram voluntária e anonimamente 221 universitários, 112 homens com idades de 18 a 28 anos (média = 21,0; desvio = 2,0) e 109 mulheres com idades de 18 a 30 anos (média = 21,3; desvio = 2,3). Visando diminuir o viés dos estudos que só amostram

ingressantes de Psicologia amostrou-se alunos do terceiro ano e dos cursos de Ciências Sociais, Psicologia, Engenharia Civil e Veterinária da Universidade de São Paulo. Isso os torna heterogêneos quanto à área do conhecimento, mantendo a homogeneidade quanto o nível de escolaridade.

2. 2 Material

O material (ANEXO 1) consistiu de um conjunto de quatro instrumentos e um questionário de dados demográficos com itens sobre: **(a)** identificação geral: curso, idade, sexo; **(b)** composição familiar: número/sexo e ordem de nascença de irmãos legítimos e pais divorciados; **(c)** situação amorosa: envolvimento em namoro, quantas vezes namorou e estar apaixonado ou falecimento; **(d)** o uso de álcool e cigarro: idade no primeiro uso, freqüência do consumo e consumo médio em festas; **(e)** ciclo menstrual: uso de contraceptivo oral, data da última menstruação e regularidade do ciclo.

Visando acessar uma medida mais fiel do consumo de álcool do que o gasto mensal usado por Clark (2004) utilizamos um questionário padrão sobre o consumo de bebidas alcoólicas que vem sendo usado em, praticamente, todo o mundo (Martins; Manzato & Cruz, 2005). Com este instrumento as pessoas respondem, basicamente, três questões. A primeira refere-se ao uso de bebida alcoólica na vida, com quatro opções de resposta: nunca bebeu, bebeu alguma vez na vida, não bebeu no último ano e bebeu no último ano. A segunda pergunta, à freqüência de uso nos últimos 30 dias, com seis opções: não bebi, bebi menos que uma vez por semana, bebi uma ou mais vezes por semana, diariamente, duas ou três vezes por dia e quatro ou mais vezes por dia. A última questão é referente à idade em que a pessoa fez

uso da bebida alcoólica pela primeira vez na vida. A pergunta sobre o consumo médio de doses de álcool em festas foi acrescentada.

O questionário sobre o uso/consumo de cigarro é uma adaptação do mesmo questionário sobre uso/consumo álcool para que os consumos possam ser comparados. Foi também acrescentada a pergunta sobre o número médio de cigarros consumidos em festas.

Os quatro instrumentos foram:

- **Inventário de Orientação Sócio-Sexual (IOSS):** Elaborado por Simpson e Gangestad (1991) é composto de sete questões. Três delas referentes a comportamentos reais, explícitos ou previsíveis, quanto ao número de parceiros sexuais (ex. "Com quantos parceiros diferentes você teve relação sexual somente uma vez?"); uma diz respeito à freqüência de fantasias com sexo extraconjugal; e as outras três dizem respeito a opiniões e atitudes frente ao sexo casual, sem compromisso (ex. "Por mim está tudo bem em fazer sexo sem amor"). As três primeiras questões devem ser respondidas por escrito num espaço delimitado; a quarta, sobre freqüência, é respondida numa escala de "um" (nunca) a "oito" (pelo menos uma vez por dia). As três últimas são respondidas numa escala de "um" (discordo fortemente) a "nove" (concordo fortemente). Indivíduos que pontuarem acima da média do seu sexo são considerados irrestritos e abaixo da média, restritos. O IOSS é calculado segundo um sistema de ponderação e inversões próprio proposto por seus criadores. O Inventário de Sócio-Sexualidade foi analisado também separando seus componentes mais táticos, como comportamentos realizados e opiniões atuais (perguntas 1;3;5), dos componentes mais estratégicos, como desejos, fantasias e atitudes ideais (perguntas 2;4;6;7) para investigar possíveis diferenças das correlações dessas duas dimensões com as demais variáveis.

- **Questionário de Relacionamento (QR):** Desenvolvido por Bartolomew e Horowitz (1991) é um instrumento de duas dimensões que mede estilo de apego romântico adulto. É composto de quatro afirmações referentes a descrições dos quatro estilos de apego: Seguro, modelo interno de si e do outro positivos; Rejeitador, modelo interno de si positivo e do outro negativo; Preocupado, modelo interno de si negativo e do outro positivo; e Medroso modelo interno de si e do outro negativos. Os respondentes utilizam uma escala de um a sete para dizer o quanto cada uma das quatro descrições de estilos de apego romântico adulto se aplica a ele. Quanto maior o escore, mais o participante se identifica com o estilo de apego. Isso possibilitou obter-se não só o estilo de apego final, ou seja, o estilo em que o participante mais se identificou, mas também obter o quanto ele se identificou com cada estilo em separado. Além disso, uma escala do modelo interno de si foi criada somando os pontos do respondente para as questões referentes ao apego seguro e rejeitador e subtraindo a soma dos pontos nas questões referentes ao apego preocupado e medroso. Uma escala do modelo interno do outro foi criada somando os pontos do respondente para as questões referentes ao apego seguro e preocupado e subtraindo a soma dos pontos nas questões referentes ao apego rejeitador e medroso. Essas escalas do modelo interno de si e do outro permitiram verificar se os modelos internos se relacionam diferentemente com a sócio-sexualidade.

- **Escala Auto-Avaliada de Sucesso na Conquista Amorosa (ESC):** Esse instrumento contém oito afirmações sobre quanto os indivíduos acreditam que podem atrair parceiros do sexo preferido (por exemplo: se o indivíduo pode ter quantos parceiros quiser, ou se parceiros são facilmente atraídos pelo indivíduo), e

separa diferentes maneiras pela qual o indivíduo é procurado por parceiros amorosos, (por exemplo, se é muito notado, se recebe muitas cantadas, se recebe muitas propostas sexuais). Os participantes respondem usando uma escala de "um" (discordo) a "sete" (concordo), de acordo com o quanto cada afirmação se aplica a ele. Quanto mais alto o resultado maior é o sucesso na conquista amorosa.

- **Quociente de Empatia e de Sistematização (QE e QS):** Os questionários sobre empatia (QE) e sobre sistematização (QS) cognitiva, desenvolvidos por Baron-Cohen (2004) e publicados em seu livro "Diferença Essencial, contêm cada um 60 questões que foram, por nós, revisadas e reunidas formando um questionário com ao todo 120 afirmações. Cada quociente tem respectivamente 20 questões de controle (ex "eu sonho na maioria das noites") e 40 experimentais (ex. "percebo facilmente quando alguém quer participar de uma conversa", para a empatia, e "o funcionamento das máquinas me fascina", para a sistematização). Os participantes assinalam a alternativa segundo o quanto cada afirmação se aplica a ele que varia de "discordo fortemente", "discordo", "concordo" a "concordo fortemente". Quanto mais alto o resultado em cada teste maior a capacidade cognitiva de empatia ou de sistematização do respondente.

Os instrumentos foram reunidos em um único material de oito páginas e seu preenchimento era anônimo, voluntário e livre para deixar em branco qualquer pergunta, por isso que nem todas as análises envolveram todos os participantes de cada sexo. Um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi assinado por todos os participantes. A aprovação do Comitê de Ética da Pesquisa Psicológica foi obtida no ofício 0406 em 06/12/2005.

2.3 Procedimento

A amostragem foi feita por conveniência, como a maioria dos estudos em sócio-sexualidade, acessando alunos de graduação por coleta em grupo na sala de aula mediante consentimento prévio do professor. A aplicação do material foi individual e anônima mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O procedimento durou de 20 a 30 minutos e os questionários respondidos eram colocados pelos participantes em uma urna, garantindo o sigilo e transparência do procedimento.

O presente estudo é um experimento natural ou correlacional em que a natureza altera algumas características de cada sujeito as quais são relacionadas a outras dos mesmos sujeitos e/ou relacionadas com as mesmas características de sujeitos independentes. Como em todo experimento natural não é possível identificar o que é causa e o que é efeito, apenas correlações, mas são correlações úteis na medida em que produzem informação preditiva que pode ir ao encontro de uma teoria proponente. As variáveis preditivas, equivalentes às variáveis independentes nos experimentos genuínos, são os três modelos de contingências ambientais que prevêem influenciar a sócio-sexualidade. Enquanto nossa variável de critério, equivalente à variável dependente, é o escore de sócio-sexualidade (Anderson, 1977; Kantowitz, Roediger & Elmes, 2006).

O delineamento correlacional é o mais usado no estudo da sócio-sexualidade, pois a manipulação de variáveis ontogenéticas dos participantes ou não é possível ou não é ética. Este modelo não é capaz de acessar diferenças genéticas entre os respondentes, pois são sujeitos independentes sem grau de parentesco. É um estudo transversal, pois acessa sujeitos num único período no tempo (Anderson, 1977; Kantowitz, Roediger & Elmes, 2006). É um estudo inteiramente focado em auto-relato através de questionário anônimo.

2.4 Análises

Os dados brutos foram digitados em um programa do Access que calculou os resultados finais de cada questionário. As análises realizadas para averiguar diferenças entre homens e mulheres foram estatística descritiva e comparação de médias, usou-se o Teste t para as variáveis paramétricas e o Teste Mann-Whitney para as não-paramétricas. Como o escore de Sócio-sexualidade não se mostrou paramétrico, para averiguar as diferenças intra-sexuais usou-se correlação de Spearman para as variáveis métricas e Mann-Whitney e Kruskal-Wallins com o teste de Jonckheere-Terpstra para as categóricas. E para averiguar os melhores preditores da variação individual masculina e feminina usou-se regressão múltipla Optimal Scaling.

3. RESULTADOS

3.1. Análise descritiva geral e Comparações Intersexuais

(a) Identificação geral – Foram analisados 221 universitários, 112 homens e 109 mulheres amostrando 60 alunos das Ciências Sociais, 27 da Psicologia, 67 da Engenharia Civil, 67 da Veterinária. Houve diferenças entre os sexos quanto aos cursos de graduação (χ^2 (3) = 39,503; p = 0,000). Os cursos de Ciências Sociais e Engenharia Civil apresentaram mais homens, enquanto os cursos de Psicologia e Veterinária apresentaram mais mulheres. Dos 112

homens, 39 (34,8%) eram das Ciências Sociais, 48 (42,9%) da Engenharia Civil, cinco (4,5%) da Psicologia e 20 (17,9%) da Veterinária. Das 109 mulheres, 21 (19,3%) eram das Ciências Sociais, 19 (17,4%) da Engenharia Civil, 22 (20,2%) da Psicologia e 47 (43,1%) da Veterinária.

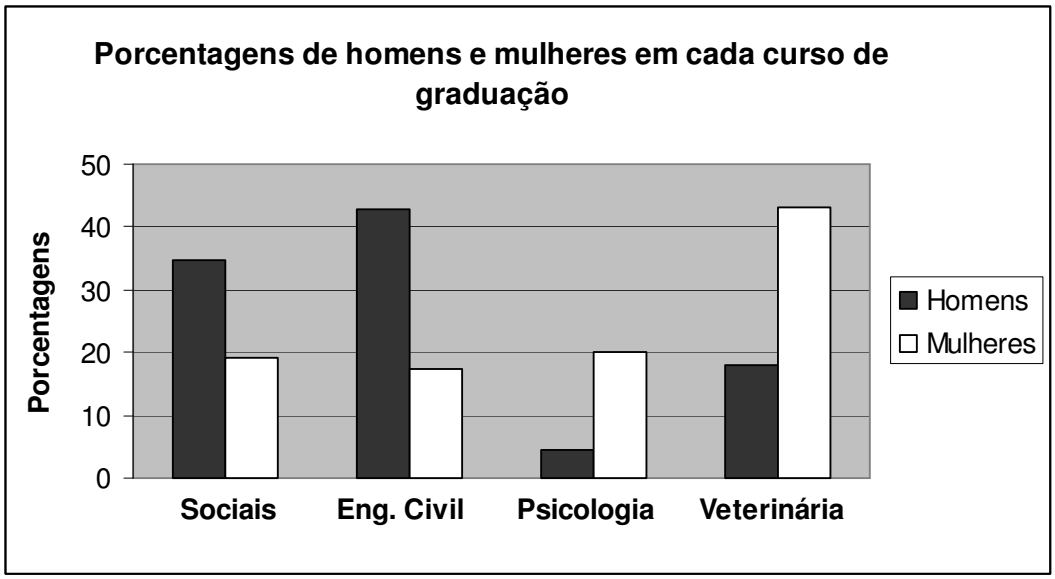

Figura 1. Porcentagem de homens e mulheres em cada curso de graduação amostrado.

A média de idade foi de 21,185 anos (mínima 18 anos, máxima 30 anos, desvio padrão de 2,217 anos). Não houve diferença ($t(219) = 0,957$; $p = 0,339$) entre homens (n = 112; média = 21,044 anos; desvio = 2,033) e mulheres (n = 109; média = 21,330 anos; desvio = 2,392).

(b) Composição familiar – Dos 221 respondentes que relataram sobre suas irmãs, 56 (25,3%) não têm irmãs, 99 (44,8%) têm uma irmã, 56 (25,3%) têm duas irmãs, 10 (4,5%) têm três irmãs. A média de irmãs é de 1,090 (de 0 a 3; desvio padrão = 0,826). Houve diferença

entre os sexos ($t(219) = 10,629$; $p = 0,000$) mulheres têm mais irmãs mulheres (n = 112; média = 1,578; desvio padrão = 0,627) do que homens (n = 109; média = 0,616; desvio padrão = 0,713).

Dos 220 respondentes que relataram sobre seus irmãos, 49 (22,2%) não têm irmãos, 98 (44,3%) têm um irmão, 55 (24,9%) têm dois irmãos, 18 (8,1%) têm três irmãos e um (0,5%) têm quatro irmãos. A média de irmãos é de 1,190 (de 0 a 3; desvio padrão = 0,875). Houve diferença entre os sexos ($t(218) = 10,249$; $p = 0,000$), homens têm mais irmãos homens (n = 111; média = 1,684; desvio padrão = 0,713) do que mulheres (n = 109; média = 0,688; desvio = 0,728).

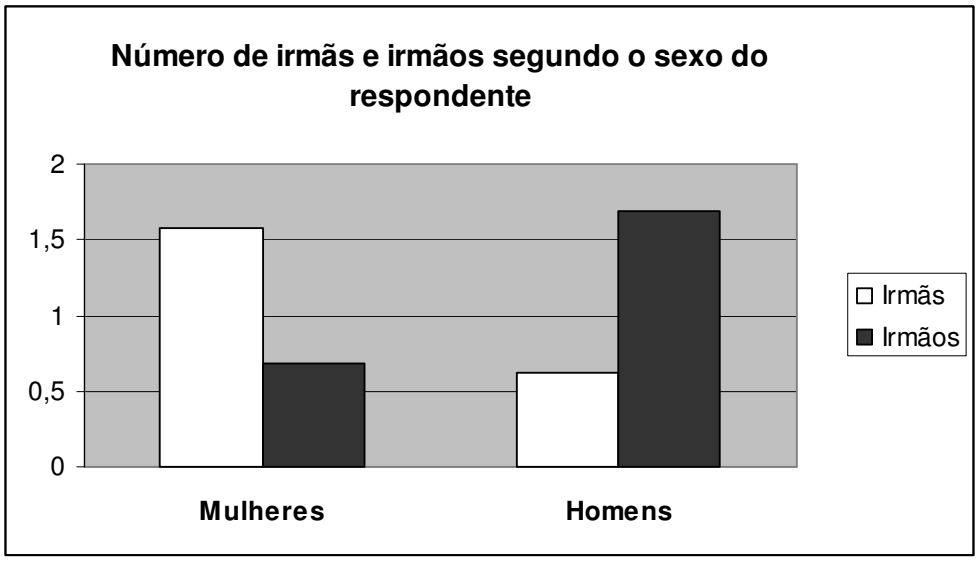

Figura 2. Número de irmãs e irmãos segundo o sexo do respondente.

Dos 220 respondentes que relataram sobre sua ordem de nascimento, 23 (10,4%) são filhos únicos, 96 (43,4%) são primogênitos, 25 (11,3%) são o filho do meio (segundo e

terceiro filho) e 76 (34,4%) são os filhos caçulas. Não houve diferença entre os sexos ($\chi^2(3) = 2,882$; $p = 0,410$).

Dos 220 respondentes que relataram sobre os irmãos mais velhos, 119 (53,8%) não têm nenhum irmão mais velho, por ser filho único ou primogênito, 45 (20,4%) têm apenas ou mais irmãos homens mais velhos, 40 (18,1%) têm apenas ou mais irmãs mais velhas, 16 (7,2%) têm o mesmo número de irmãos mais velhos homens e mulheres. Não houve diferenças entre os sexos ($\chi^2(3) = 3,181$; $p = 0,365$).

Dos 220 respondentes que relataram sobre os irmãos mais novos, 101 (45,7%) não têm nenhum irmão mais novo, por ser filho único ou caçula, 61 (27,6%) têm apenas ou mais irmãos homens mais novos, 49 (22,2%) têm apenas ou mais irmãs mais novas, 9 (4,1%) têm o mesmo número de irmãos mais novos homens e mulheres. Não houve diferenças entre os sexos ($\chi^2(3) = 3,908$; $p = 0,272$).

(c) Situação amorosa - De 216 respondentes, 120 (55,6%) alegaram envolvimento em relação amorosa de longo prazo e 96 (44,4%) alegaram estar solteiros. Houve diferença entre homens e mulheres quanto ao namoro ($\chi^2(1) = 9,075$; $p = 0,003$). Mais mulheres estão namorando do que homens. De 108 mulheres, 71 (65,7%) estão namorando e 37 (34,3%) estão solteiras. Enquanto que de 108 homens, 49 (45,4%) estão namorando e 59 (54,6%) estão solteiros.

De 187 respondentes, 114 (61%) declararam estar apaixonados e 73 (39%) não estavam apaixonados. Houve diferença entre homens e mulheres ($\chi^2(1) = 5,187$; $p = 0,023$). Mais mulheres se declararam apaixonadas do que homens. De 86 mulheres, 60 (69,8%) estão apaixonadas e 26 (30,2%) não estão apaixonadas. Enquanto que de 101 homens, 54 (53,5%) estão apaixonados e 47 (46,5%) não estão apaixonados.

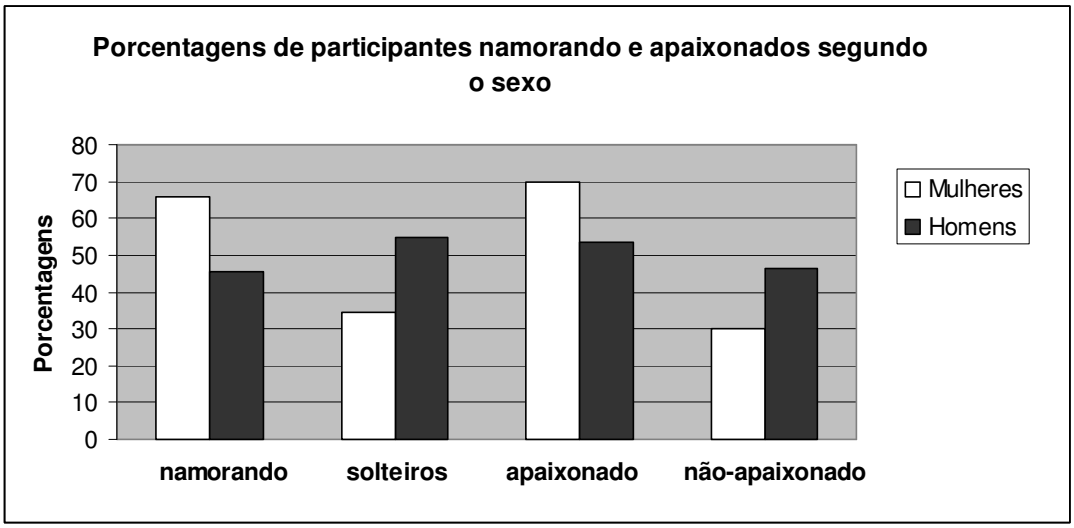

Figura 3. Porcentagem de homens e mulheres segundo o namoro e a paixão.

O número médio de namoros foi de 1,557 (de 0 a 5; desvio padrão = 1,025). Houve diferença entre homens e mulheres ($t(188) = 2{,}429$; $p = 0{,}016$). As mulheres tiveram mais namoros (n = 88; média = 1,750; desvio padrão = 1,008) do que os homens (n = 102; média = 1,392; desvio padrão = 1,016). No grupo dos homens 20,6% nunca namoraram, enquanto que do grupo das mulheres 9,2% nunca namoraram.

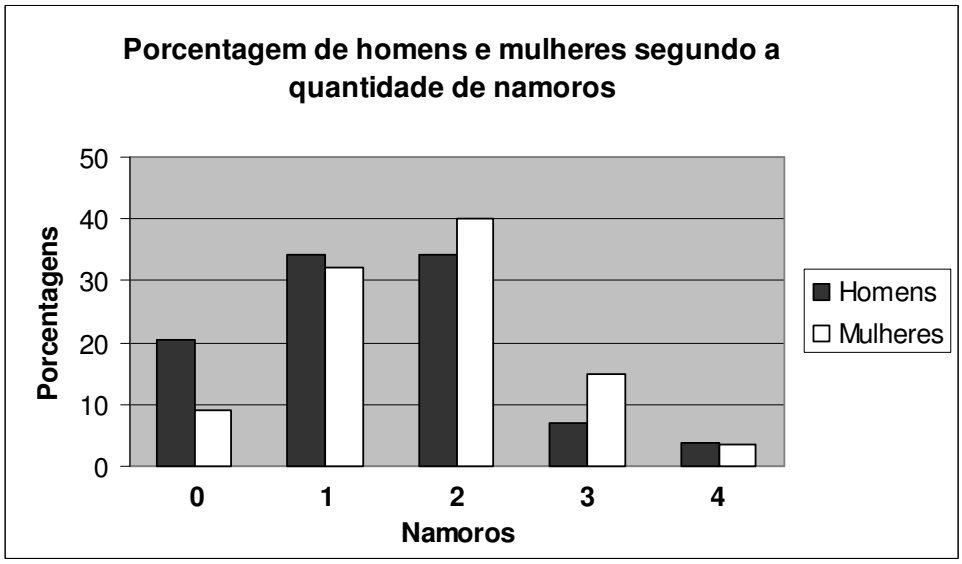

Figura 4. Porcentagem de homens e mulheres segundo a quantidade de namoros.

Dos 205 respondentes, 16 (7,8%) não haviam tido a primeira relação sexual, 97,6% das pessoas tiveram a primeira relação sexual até 21 anos. A média de idade da primeira relação sexual foi de 17,121 (de 9 a 23; desvio padrão = 2,060). Houve diferença entre os sexos ($t(187) = 2,243$; $p = 0,026$), em que os homens tiveram a primeira relação sexual mais cedo (n = 94; média = 16,787; desvio padrão = 2,052) do que as mulheres (n = 95; média = 17,452; desvio padrão = 2,025). De 101 homens, sete (6,9%) nunca tiveram relações sexuais e de 104 mulheres, nove (8,7%) nunca tiveram relações sexuais.

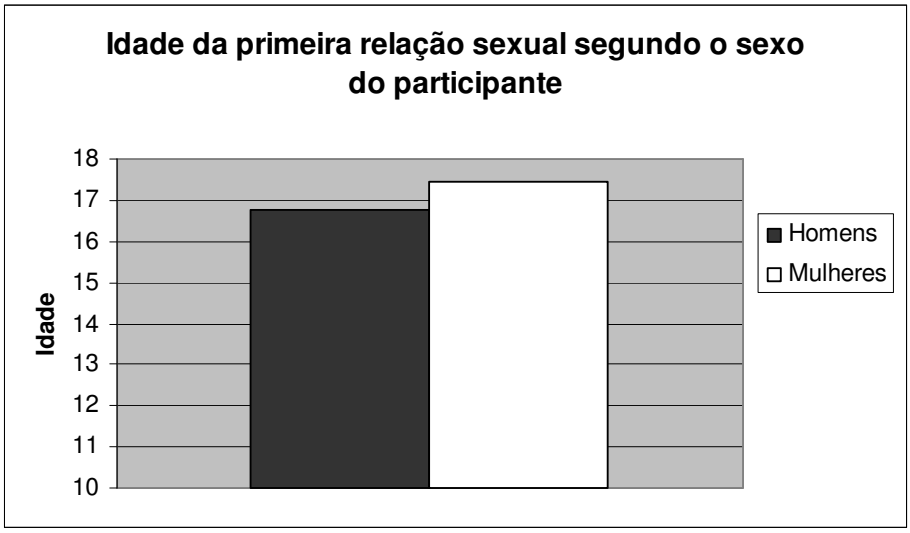

Figura 5. Média da idade da primeira relação sexual de homens e mulheres.

(d) Álcool e cigarro – Quanto ao consumo de álcool, dos 217 respondentes 17 (7,8%) nunca consumiram álcool, 37 (17,1%) consumiram alguma vez na vida, um (0,5%) não consumiu no último ano e 162 (74,7%) consumiram álcool no último ano. Não houve diferença entre os sexos ($\chi^2(3) = 3,936$; $p = 0,268$).

Quanto à idade em que fizeram uso do álcool pela primeira vez, a média de idade dos 194 respondentes foi de 14,257 anos (de 4 a 22; desvio padrão = 2,375). Não houve diferença

entre os sexos (U = 4375,000; z = - 0,852, p = 0,394). A média da idade de iniciação masculina é de 14,259 anos (n = 96; desvio padrão = 1,641) e a média feminina é de 14,273 anos (n = 98; desvio padrão = 2,991).

Quanto à freqüência do consumo, dos 202 respondentes 51 (25,2%) declararam não ter bebido, 72 (35,6%) ter bebido menos que uma vez por semana, 78 (38,6%) ter bebido uma ou mais vezes por semana, um (0,4%) declarou beber uma vez todo dia, 1 (0,5%) beber quatro ou mais vezes por dia. Não houve diferença ($\chi^2(3) = 6{,}132$; $p = 0{,}105$) entre os sexos.

A média das doses de álcool consumidos em uma festa para os 181 respondentes é de 4,176 doses (de 1 a 15; desvio = 2,728). Houve diferença entre os sexos (U = 2.612,500; z = - 4,245; p = 0,000). Os homens ingerem mais doses de álcool (n = 91; média = 4,888; desvio padrão = 2,711) do que as mulheres (n = 90; média = 3,476; desvio padrão = 2,514).

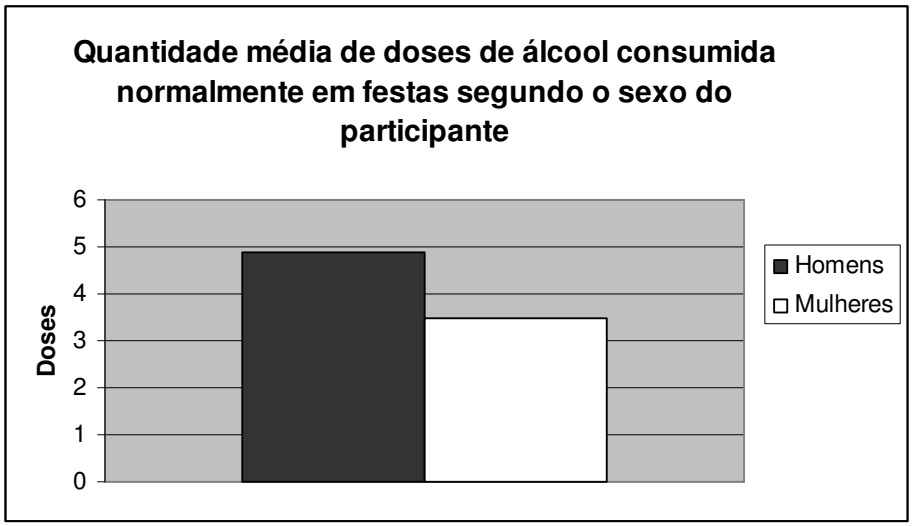

Figura 6. Média das doses de álcool consumida em festas por homens e mulheres.

Quanto ao consumo de cigarro, dos 219 respondentes 117 (53,4%) informaram nunca ter fumado cigarro, 65 (29,7%) ter fumado alguma vez na vida, dois (0,9%) não ter fumado no

último ano, e 35 (16,0%) ter fumado no último ano. Não houve diferença entre os sexos ($\chi^2(3) = 0,857$; $p = 0,836$).

A média de idade de primeiro uso do cigarro para os 105 respondentes foi de 15,266 anos (de 5 a 23; desvio padrão = 3,107). Houve uma tendência à diferença entre os sexos ($t(103) = 1,948$; $p = 0,054$). A média da idade de iniciação feminina é de 14,666 anos (n = 51; desvio padrão = 2,957) e a média de iniciação masculina é de 15,833 anos (n = 54; desvio padrão = 3,166).

Quanto à freqüência do uso, de 217 respondentes 178 (82%) informaram não ter fumado, 16 (7,4%) ter fumado menos que uma vez por semana, oito (3,7%) ter fumado uma ou mais vezes por semana, cinco (2,3%) fumar uma vez todo dia, três (1,4%) fumar duas ou três vezes por dia e sete (3,2%) fumar quatro ou mais vezes por dia. Não houve diferença ($\chi^2(5) = 3,124$; $p = 0,681$) entre os sexos.

A média de cigarros consumidos em uma festa para os 44 respondentes é de 6,636 cigarros (de 1 a 20; desvio padrão = 5,644). Não houve diferença entre os sexos ($t(42) = 0,460$; $p = 0,648$). A média dos homens foi 6,307 cigarros (n = 26; desvio padrão = 6,156) e a média das mulheres foi 7,111 cigarros (n = 18; desvio padrão = 4,945).

(e) Sócio-Sexualidade – A média no Inventário de Orientação Sócio-Sexual para os 204 respondentes foi de 59,323 (de 23 a 175; desvio padrão = 27,339). Foram obtidas diferenças entre homens e mulheres ($U = 2.399,000$; $z = - 6,643$; $p = 0,000$), em que homens foram mais irrestritos (n = 99; média = 71,333; desvio padrão = 27,885) do que as mulheres (n = 105; média = 50,488; desvio padrão = 22,231).

Para os componentes mais táticos do inventário (comportamentos reais e opiniões), a média dos 204 respondentes foi de 22,230 (de 2 a 112; desvio padrão = 17,556). Obteve-se diferença entre os sexos ($U = 2.399,000$; $z = - 6,643$; p = 0,000), em que homens foram mais

irrestritos (n = 99; média = 26,864; desvio padrão = 17,295) do que as mulheres (n = 105; média = 19,297; desvio padrão = 14,212).

Para os componentes mais estratégicos do questionário (preferências, fantasias e atitudes idealizadas), a média dos 205 respondentes foi de 37,102 (de 11 a 94; desvio padrão = 14,592). Obteve-se diferença entre os sexos (U = 2.422,500; z = - 6,665; p = 0,000), em que homens foram mais irrestritos (n = 99; média = 44,469; desvio padrão = 15,227) do que as mulheres (n = 106; média = 31,190; desvio padrão = 11,180).

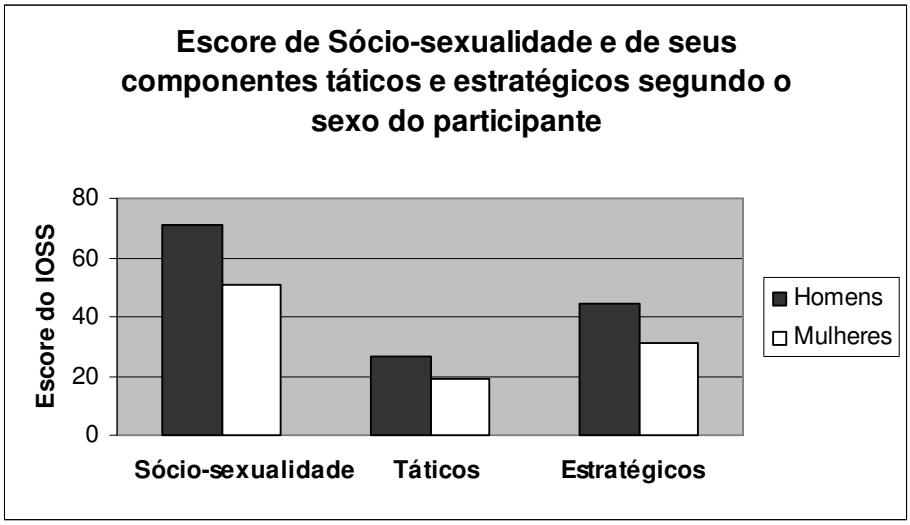

Figura 7. Média do escore de sócio-sexualidade, de seus componentes táticos e estratégicos para homens e mulheres.

(f) Apego – Para os 216 respondentes da questão sobre o estilo de apego seguro, a média das respostas foi 3,523 (desvio padrão = 1,546). Obteve-se diferença entre homens e mulheres apenas para a questão sobre apego seguro (t(214) = 1,994; p = 0,047), em que homens foram mais seguros (n = 108; média = 3,731; desvio padrão = 1,538) do que as mulheres (n = 108; média = 3,314; desvio padrão = 1,532). Para os 217 respondentes da

questão sobre o estilo de apego medroso a média das respostas foi 3,654 (desvio padrão = 1,760). Para os 217 respondentes da questão sobre o estilo de apego preocupado a média das respostas foi 3,884 (desvio padrão = 1,792). Para os 217 respondentes da questão sobre o estilo de apego rejeitador a média de respostas foi 3,350 (desvio padrão = 1,817). Não foram obtidas diferenças entre os sexos para a questão sobre apego medroso ($t(215) = 0,591$; $p = 0,555$), sobre apego preocupado ($U = 5.702,500$; $z = - 0,402$; $p = 0,688$), nem na questão sobre apego rejeitador ($t(215) = 0,834$; $p = 0,405$).

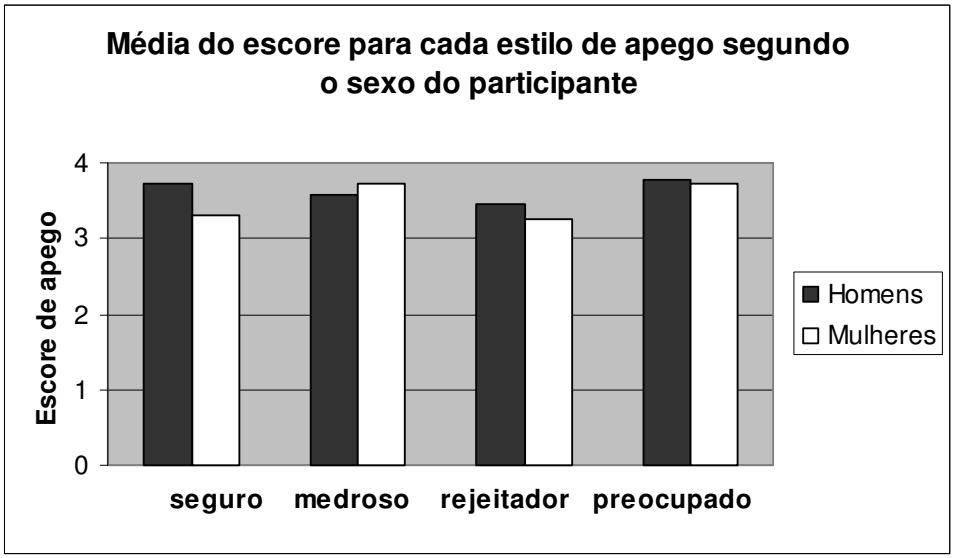

Figura 8. Média dos escores de cada estilo de apego para homens e mulheres.

Dentre 173 respondentes, 43 (24,9%) identificaram-se mais com o estilo de apego seguro, 44 (25,4%) identificaram-se mais com o estilo de apego medroso, 52 (30,1%) identificaram-se mais com o estilo de apego preocupado e 34 (19,7%) identificaram-se mais com o estilo de apego rejeitador. Não houve diferença entre homens e mulheres no estilo de apego final ($\chi^2(3) = 2,348$; $p = 0,503$).

Para o modelo interno de si, não houve diferença entre os sexos ($t(215) = 1,321$; $p = 0,188$). A média masculina foi - 0,333 (n = 108; desvio padrão = 3,766), e a média feminina foi -1,027 (n = 109; desvio padrão = 3,973). E para o modelo interno do outro também não obtivemos diferença entre os sexos ($t(215) = 0,982$; $p = 0,327$). A média masculina foi 0,629 (n = 108; desvio padrão = 3,500) e a média feminina foi 0,1468 (n = 109; desvio padrão = 3,738).

(g) Empatia/Sistematização – A média do Quociente de Empatia para os 218 respondentes foi 40,325 (de 16 a 68; desvio padrão = 9,555). Houve diferença entre os sexos ($t(216) = 3,884$; $p = 0,000$), as mulheres apresentaram maior capacidade de empatia (n = 109; média = 42,761; desvio padrão = 8,927) do que os homens (n = 109; média = 37,889; desvio padrão = 9,579). A média do Quociente de Sistematização para os 218 respondentes foi 28,311 (de 6 a 60; desvio padrão = 11,496). Os homens apresentaram maior capacidade de sistematização (n = 109; média = 34,839; desvio padrão = 11,531) do que as mulheres (n = 109; média = 23,238; desvio = 9,110) ($U = 3.052,000$; $z = - 6,206$; p = 0,000).

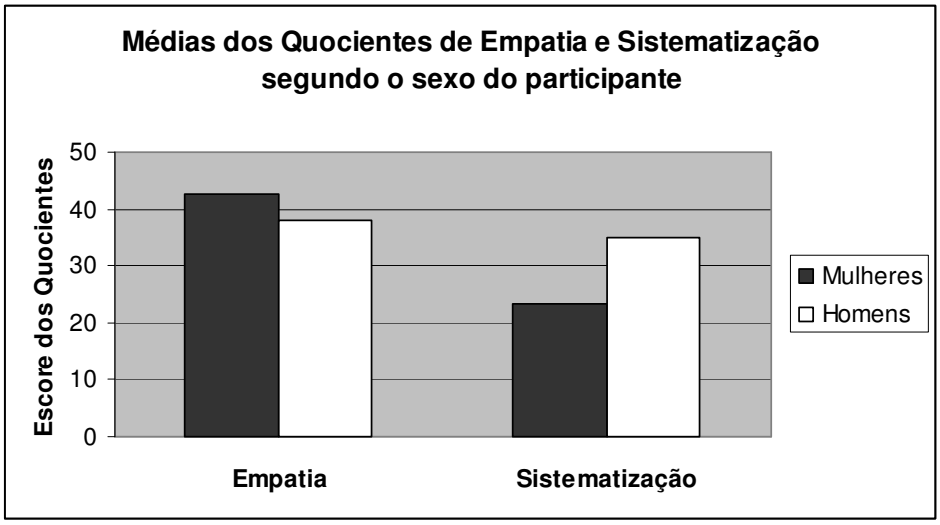

Figura 9. Média dos Quocientes de Empatia e de Sistematização para homens e mulheres.

(h) Conquista amorosa – A média do Sucesso na Conquista Amorosa para os 216 respondentes foi 35,208 (de 15 a 56; desvio padrão = 8,191). Houve diferença entre os sexos ($t(214) = 3{,}038$; $p = 0{,}003$), as mulheres relataram um maior sucesso na conquista amorosa (n = 108; média = 36,870; desvio padrão = 7,903) do que os homens (n = 108; média = 33,546; desvio padrão = 8,172).

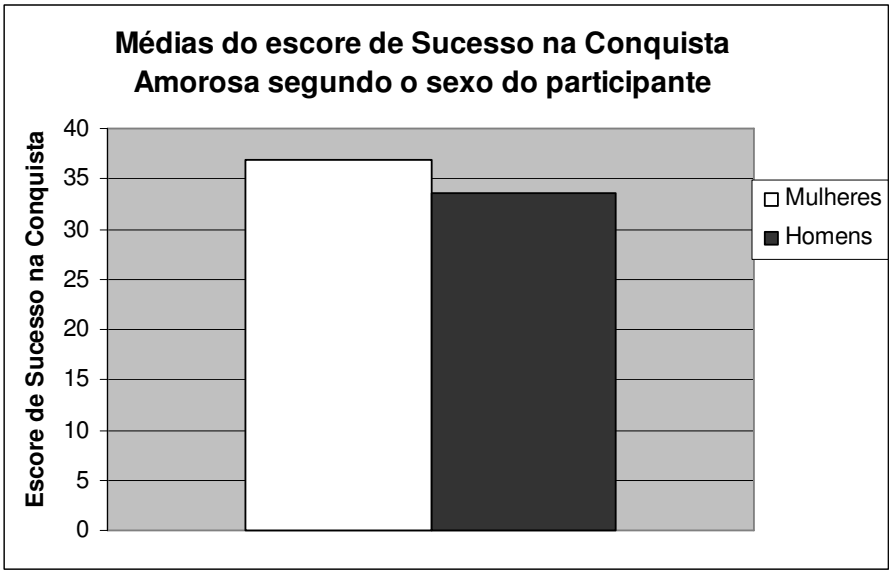

Figura 10. Média do Sucesso na Conquista Amorosa para homens e mulheres.

O resumo dos resultados sobre as diferenças entre homens e mulheres das variáveis métricas é apresentado nas tabelas 3 e 4. Em síntese, verificou-se que os homens são mais irrestritos, têm a primeira relação sexual mais precoce, consomem mais doses de álcool em festas, são mais sistematizadores, têm mais apego seguro e têm mais irmãos homens. Enquanto que as mulheres são mais restritas, estão mais compromissadas (namorando e apaixonadas), são mais empáticas, têm maior sucesso na conquista amorosa, tiveram mais namoros e têm mais irmãs.

Tabela 3. Diferenças de médias entre homens e mulheres para variáveis paramétricas apresentando o desvio padrão e o número de respondentes.

Variáveis métricas paramétricas	Homens			Mulheres			Teste *t*	*p*
	média	**desvio**	**n**	**média**	**desvio**	**n**		
Idade	21,044	2,033	112	21,330	2,392	109	0,957	0,339
Estilo de apego seguro	3,731	1,538	108	3,314	1,532	108	1,994	0,047
Estilo de apego medroso	3,583	1,708	108	3,724	1,814	109	0,591	0,555
Estilo de apego rejeitador	3,453	1,841	108	3,247	1,795	109	0,834	0,405
Modelo interno de si	- 0,333	3,766	108	-1,027	3,973	109	1,321	0,188
Modelo interno do outro	0,629	3,500	108	0,146	3,738	109	0,982	0,327
Número de irmãs	0,616	0,713	112	1,578	0,627	109	10,629	0,000
Número de irmãos	1,684	0,713	111	0,688	0,728	109	10,249	0,000
Quociente de Empatia	37,889	9,579	109	42,761	8,927	109	3,884	0,000
Sucesso na conquista Amorosa	33,546	8,172	108	36,870	7,903	108	3,038	0,003
Idade da primeira relação	16,787	2,052	94	17,452	2,025	95	2,243	0,026
Número de namoros	1,392	1,016	102	1,750	1,008	88	2,429	0,016
Idade do primeiro uso- cigarro	15,833	3,166	54	14,666	2,957	51	1,948	0,054
Cigarros consumidos por festa	6,307	6,156	26	7,111	4,945	18	0,460	0,648

Tabela 4. Diferenças de médias entre homens e mulheres para variáveis não-paramétricas apresentando o desvio padrão e o número de respondentes.

Variáveis métricas não-paramétricas	Homens			Mulheres			Mann-Whitney U	*p*
	média	**desvio**	**n**	**média**	**desvio**	**n**		
Sócio-sexualidade	71,333	27,885	99	50,488	22,231	105	2399,000	0,000
Sócio-sexualidade tática	26,864	17,295	99	19,297	14,212	105	3403,000	0,000
Sócio-sexualidade estratégica	44,469	15,227	99	31,190	11,180	106	2422,500	0,000
Estilo de apego preocupado	3,765	1,637	108	3,738	1,951	109	5702,500	0,688
Quociente de Sistematização	34,839	11,531	109	23,238	9,110	109	3052,000	0,000
Doses de álcool por festas	4,888	2,711	91	3,476	2,514	90	2612,500	0,000
Idade primeiro uso do álcool	14,259	1,641	96	14,273	2,991	98	4375,000	0,394

3.2 Comparações e Correlações Intrassexuais

Comparou-se as médias na sócio-sexualidade, sócio-sexualidade tática e estratégica em função das variáveis categóricas intrassexualmente.

3. 2. 1 Comparações intrassexuais masculinas

(a) Composição familiar – Não houve diferença na sócio-sexualidade entre filhos de pais divorciados ou falecidos e filhos de pais que estão juntos (U = 768,500; z = - 0,013; p = 0,989).

Houve diferença na sócio-sexualidade segundo a ordem de nascimento (U = 20,000; z = - 2,574; p = 0,010), os filhos únicos são mais restritos (n = 9; média = 53,444; desvio padrão = 17,227) do que os filhos do meio (n = 13; média = 79,076; desvio padrão = 21,933). Quanto aos componentes táticos houve a mesma diferença (U = 22,000; z = - 2,439; p = 0,015), os filhos únicos são mais restritos (n = 9; média = 17,777; desvio padrão = 9,972) do que os filhos do meio (n = 13; média = 35,076; desvio padrão = 13,512). Além disso, os caçulas também são mais restritos (n = 31; média = 22,5806; desvio padrão = 16,247) do que os filhos do meio (n = 13; média = 35,076; desvio padrão = 13,512) (U = 92,500; z = - 2,805; p = 0,005). Não houve diferença para os componentes estratégicos.

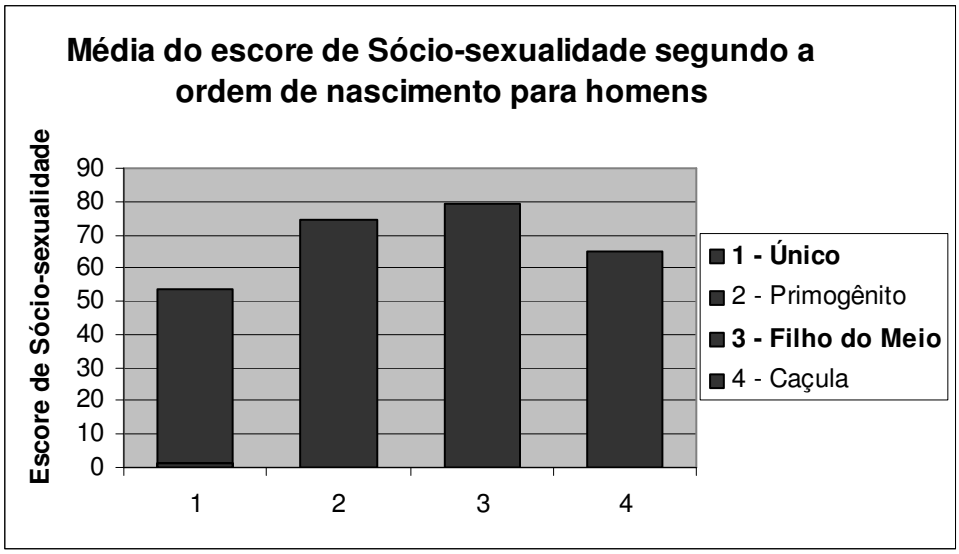

Figura 11. Média do escore de Sócio-sexualidade segundo a ordem de nascimento para homens. Houve diferença apenas entre os filhos únicos e os filhos do meio.

Quanto aos irmãos anteriores, não houve diferença na sócio-sexualidade entre os que não têm irmão mais velho, os que têm mais homens do que mulheres, os que têm mais mulheres do que homens e os que têm igual número de homens e mulheres irmãos mais velhos ($\chi^2(3) = 0{,}500$; $p = 0{,}919$). Também não houve diferença quanto aos componentes táticos e os estratégicos.

Houve diferença quanto aos irmãos posteriores ($U = 381{,}500$; $z = -2{,}353$; $p = 0{,}019$), em que os homens que têm apenas ou mais irmãos homens mais novos são mais irrestritos (n = 28; média = 79,535; desvio padrão = 28,294) do que os que são filhos únicos ou caçulas (n= 41; média = 62,463; desvio padrão = 21,102). Quanto aos componentes táticos houve a mesma diferença ($U = 379{,}500$; $z = -2{,}378$; $p = 0{,}017$), em que os homens que têm apenas ou mais irmãos homens mais novos são mais irrestritos (n = 28; média = 30,321; desvio padrão = 16,452) do que os que são filhos únicos ou caçulas (n = 41; média = 21,219; desvio padrão = 15,004). Não houve diferença para os componentes estratégicos.

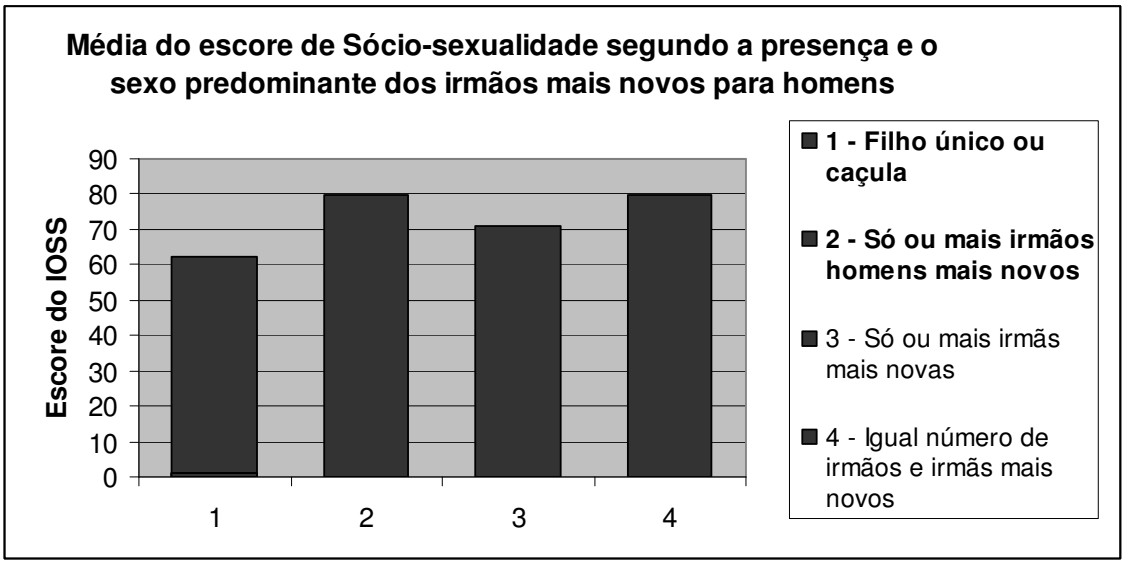

Figura 12. Média do escore de Sócio-sexualidade segundo a presença e o sexo predominante dos irmãos mais novos para homens. Houve diferença apenas entre os que não têm irmãos mais novos e os que têm apenas ou mais irmãos homens mais novos.

(b) Situação amorosa – Quanto ao estar namorando, houve diferença na sócio-sexualidade de solteiros e namorando (U = 832,500; z = - 2,730; p = 0,006), em que os solteiros são mais irrestritos (n = 52; média = 76,307; desvio padrão = 27,694) do que os que estão namorando (n = 47; média = 64,510; desvio padrão = 26,749). Houve diferença também quanto à sócio-sexualidade estratégica (U = 752,500; z = - 3,292; p = 0,001), em que os solteiros são mais irrestritos quanto à idealizações (n = 52; média = 48,057; desvio padrão = 16,190) do que os que estão namorando (n = 47; média = 38,680; desvio padrão = 12,467).

Quanto ao estar apaixonado, houve diferença na sócio-sexualidade entre não apaixonados e apaixonados (U = 665,500; z = - 3,131; p = 0,002), em que os não apaixonados são mais irrestritos (n = 42; média = 79,404; desvio padrão = 26,316) do que os apaixonados (n = 51; média = 65,019; desvio padrão = 28,361). Houve diferença apenas quanto à sócio-sexualidade estratégica (U = 604,500; z = - 3,603; p = 0,000), em que os não apaixonados são

mais irrestritos (n = 42; média = 49,857; desvio padrão = 15,163) do que os apaixonados (n = 51; média = 38,372; desvio padrão = 13,673).

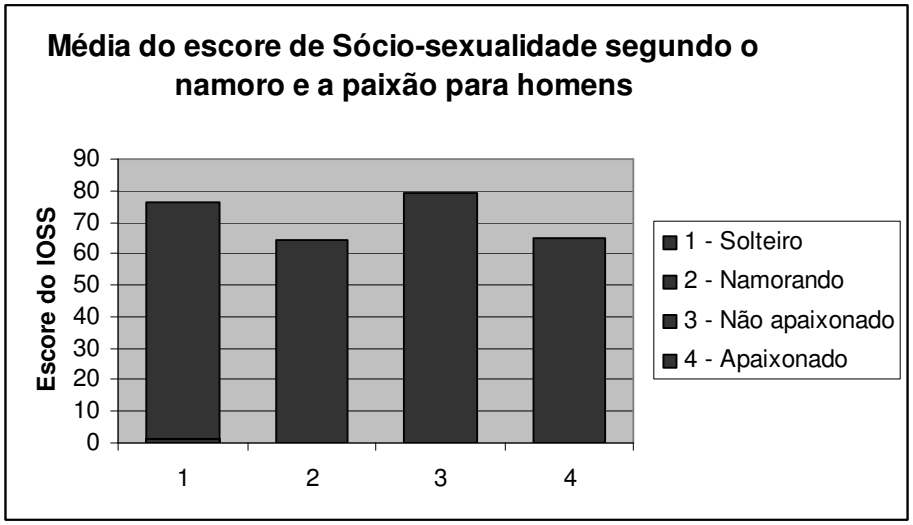

Figura 13. Média do escore de Sócio-sexualidade segundo o namoro e a paixão para homens.

(c) Álcool e cigarro – Quanto ao uso do álcool, houve diferença na sócio-sexualidade (U = 261,500; z = - 2,702; p = 0,007) apenas entre os que beberam alguma vez na vida (n = 13; média = 55,769; desvio padrão = 26,413) até os que beberam no último ano (n = 76; média = 73,381; desvio padrão = 27,318). Os homens que bebem são mais irrestritos. A mesma diferença foi encontrada para os componentes táticos da sócio-sexualidade (U = 313,500; z = - 2,098; p = 0,036) e para os componentes estratégicos (U = 313,000; z = - 2,104; p = 0,035).

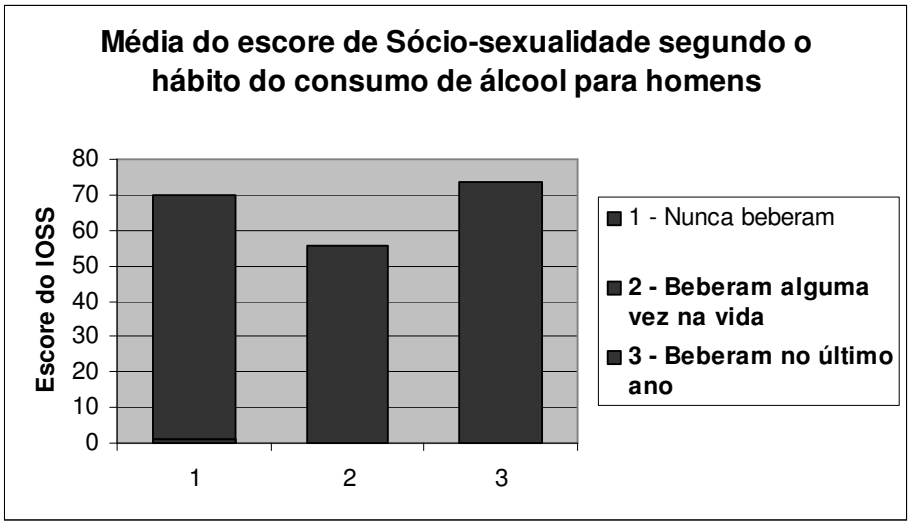

Figura 14. Média do escore de Sócio-sexualidade segundo o hábito do consumo de álcool para os homens. Houve diferença apenas entre os beberam alguma vez na vida e os que beberam no último ano.

Quanto à freqüência do uso do álcool, não houve diferença (U = 492,000; z = - 1,369; p = 0,171) entre os que bebem menos que uma vez por semana e os que bebem uma ou mais vezes por semana. Não houve diferença para os componentes táticos nem para os estratégicos.

Quanto ao uso do cigarro, o teste de Kruskal-Wallis identificou diferença na sócio-sexualidade ($\chi^2(2)$ = 11,606; p = 0,003), e o teste de Jonckheere-Terpstra detectou diferença na sócio-sexualidade segundo a ordenação das categorias (p = 0,001). Existe um aumento na sócio-sexualidade dos que nunca fumaram (n = 50; média = 61,180; desvio padrão = 22,119), passando pelos que fumaram alguma vez na vida (n = 28; média = 75,035; desvio padrão = 25,751), até os que fumaram no último ano (n = 18; média = 88,888; desvio padrão = 33,902). O teste de Kruskal-Wallis identificou a mesma diferença apenas na sócio-sexualidade tática ($\chi^2(2)$ = 14,240; p = 0,001), e o teste de Jonckheere-Terpstra também detectou diferença na sócio-sexualidade segundo a ordenação das categorias (p = 0,000). Existe um aumento na sócio-sexualidade indo dos que nunca fumaram (n = 5; média = 20,780; desvio padrão = 13,288), passando pelos que fumaram alguma vez na vida (n = 28; média = 28,285; desvio

padrão = 17,619), até os que fumaram no último ano (n = 18; média = 39,722; desvio padrão = 21,416).

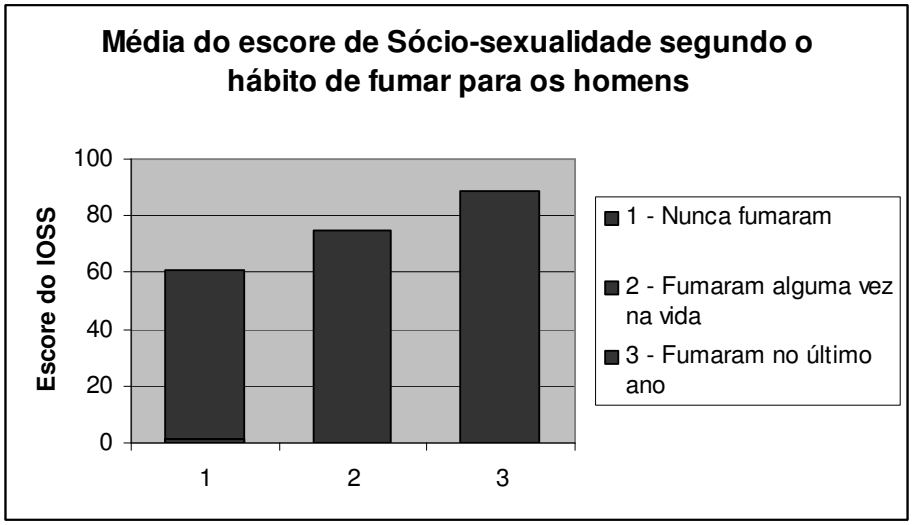

Figura 15. Média do escore de Sócio-sexualidade segundo o hábito de fumar para os homens.

Quanto à freqüência do uso do cigarro, o Kruskal-Wallis não identificou diferença na sócio-sexualidade ($\chi^2(3) = 1,853$; $p = 0,604$) e o teste de Jonckheere-Terpstra também não detectou diferença na sócio-sexualidade segundo o aumento da freqüência do uso ($p = 0,783$). Não houve diferença para os componentes táticos nem para os estratégicos.

(d) Apego – Quanto ao estilo de apego final, o Kruskal-Wallis não identificou a diferença entre os seguros, preocupados, medrosos e rejeitadores na sócio-sexualidade ($\chi^2(3) = 2,889$; $p = 0,409$).

3.2.2 Correlações intrassexuais masculinas

3.2.2.1 Sócio-sexualidade

A sócio-sexualidade correlacionou-se negativamente com a idade da primeira relação sexual (n = 88; ρ = - 0,250; *p* = 0,019): aqueles que fizeram sexo pela primeira vez mais cedo são mais irrestritos. Correlacionou-se negativamente também com a idade da primeira vez em que usou o álcool (n = 88; ρ = - 0,218; *p* = 0,042): aqueles que experimentaram o álcool pela primeira vez mais cedo são mais irrestritos. Ela correlacionou-se positivamente com o consumo do álcool em festas (n = 83; ρ = 0,327; *p* = 0,003), os homens que consomem mais doses de álcool em festas são mais irrestritos. Os coeficientes de correlação indicam que a intensidade de relacionamento das variáveis das três correlações é fraca. Segundo Dancey e Reidy (2006) coeficientes de correlação entre |0,1| e |0,3| são considerados fracos.

3.2.2.2 Sócio-sexualidade Tática

As questões táticas do Inventário de Sócio-sexualidade, assim como com a sócio-sexualidade, se correlacionaram negativamente com a idade da primeira relação sexual (n = 88; ρ = - 0,323; *p* = 0,002), os que fizeram sexo pela primeira vez mais cedo são mais irrestritos. E positivamente com o consumo do álcool em festas (n = 83; ρ = 0,274; *p* = 0,012), aqueles que consomem mais doses de álcool em festas são mais irrestritos. Houve correlação

positiva com o sucesso na conquista amorosa (n = 99; ρ = 0,216; *p* = 0,032), os homens que têm um maior sucesso na conquista são mais irrestritos. Todas essas correlações são consideradas fracas também.

3.2.2.3 Sócio-sexualidade Estratégica

As questões estratégicas do Inventário de Sócio-sexualidade se correlacionaram positivamente, assim como a sócio-sexualidade e os componentes táticos, com o consumo do álcool em festas (n = 83; ρ = 0,302; *p* = 0,005), os homens que consomem mais doses de álcool em festas são mais irrestritos. Correlacionaram positivamente com o estilo de apego preocupado (n = 99; ρ = 0,226; *p* = 0,025), os homens que mais se identificam o apego preocupado têm mais idealizações irrestritas. E correlacionaram positivamente também com o número de irmãos masculinos (n = 99; ρ = 0,227; *p* = 0,024), os homens que têm mais irmãos masculinos têm desejos e preferências mais irrestritas. Todas essas correlações também são consideradas fracas.

As correlações não-paramétricas entre todas essas variáveis que se correlacionaram com a Sócio-sexualidade, com seus componentes táticos e estratégicos para os homens estão resumidos na Tabela 5.

Tabela 5. Correlação não-paramétrica entre as variáveis que se correlacionaram com a Sócio-sexualidade, seus componentes táticos e estratégicos para os homens.

1,000	,833*[1]	,760*[1]	-,250*	-,218*	,327*[1]	,163	,188	,108
.	,000	,000	,019	,042	,003	,107	,062	,286
99	99	99	88	88	83	99	99	99
,833*[1]	1,000	,342*[1]	-,323*[1]	-,171	,274*	,216*	,185	-,028
,000	.	,001	,002	,111	,012	,032	,067	,786
99	99	99	88	88	83	99	99	99
,760*[1]	,342*[1]	1,000	-,083	-,173	,302*[1]	-,012	,227*	,226*
,000	,001	.	,443	,108	,005	,904	,024	,025
99	99	99	88	88	83	99	99	99
-,250*	-,323*[1]	-,083	1,000	,155	-,164	-,051	,026	,123
,019	,002	,443	.	,156	,146	,623	,807	,237
88	88	88	94					

3. 2. 3 Comparações intrassexuais femininas

(a) Composição familiar - Quanto ao divórcio, não houve diferença na sócio-sexualidade entre filhas de pais divorciados ou falecidos e filhas de pais que estão juntos (U = 956,500; z = - 0,047; p = 0,963).

Quanto a ordem de nascimento, não houve diferença na sócio-sexualidade (U = 182,000; z = -1,807; p = 0,071). Mas houve diferença quanto à sócio-sexualidade estratégica (U = 158,500; z = -2,361; p = 0,018), em que as filhas únicas têm mais idealizações irrestritas (n = 13; média = 32,6154; desvio padrão = 7,377) do que as primogênitas (n = 43; média = 29,186; desvio padrão = 10,826).

Com relação a ter ou não irmãos anteriores, não houve diferença na sócio-sexualidade (U = 150,000; z = -1,306; p = 0,192). Não houve diferença também para os componentes táticos nem para os estratégicos.

Quanto aos irmãos posteriores, o Kruskal-Wallis não identificou diferença na sócio-sexualidade ($\chi^2(3)$ = 4,278; p = 0,233). Não houve diferença também para os componentes táticos nem para os estratégicos.

(b) Situação amorosa – Quanto ao estar namorando, não houve diferença na sócio-sexualidade (U = 1074,000; z = -1,028; p = 0,304). Não houve diferença também para os componentes táticos nem para os estratégicos.

Quanto ao estar apaixonada, não houve diferença na sócio-sexualidade (U = 708,500; z = - 0,401; p = 0,688). Não houve diferença também para os componentes táticos nem para os estratégicos.

(c) Álcool e cigarro – Quanto ao uso do álcool, houve diferença na sócio-sexualidade (U = 463,000; z = - 3,295; p = 0,001) apenas entre as que beberam alguma vez na vida (n = 23; média = 37,739; desvio padrão = 9,478), e as que beberam no último ano (n = 74; média = 52,189; desvio padrão = 22,898). As que bebem são mais irrestritas. A mesma diferença foi encontrada apenas para os componentes táticos da sócio-sexualidade (U = 472,500; z = - 3,216; p = 0,001).

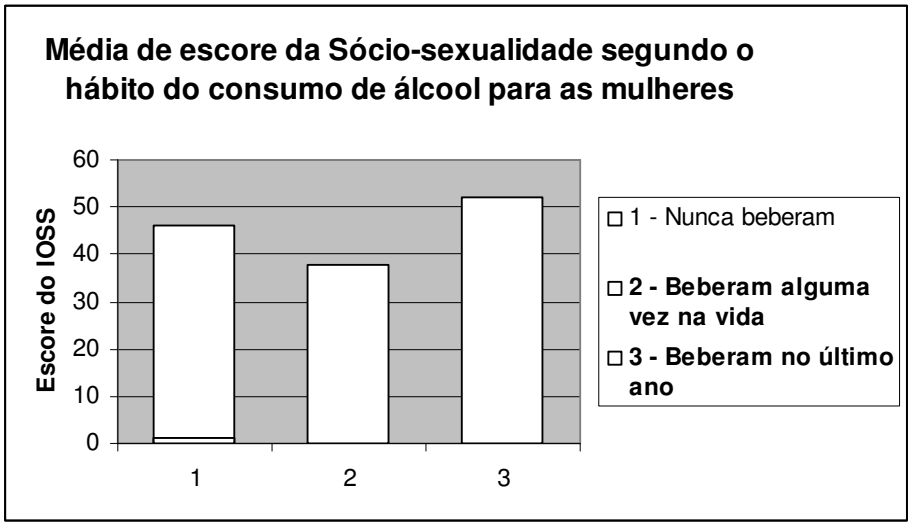

Figura 16. Média do escore de Sócio-sexualidade segundo o hábito do consumo de álcool para as mulheres. Houve diferença apenas entre as beberam alguma vez na vida e as que beberam no último ano.

Quanto à freqüência do uso do álcool, houve diferença na sócio-sexualidade (U = 395,000; z = - 2,303; p = 0,021) apenas entre as que bebem menos que um vez por semana (n = 39; média = 45,282; desvio padrão = 18,972) e as que bebem uma ou mais vezes por semana (n = 30; média = 55,933; desvio padrão = 22,541). As que bebem mais freqüentemente são mais irrestritas. A mesma diferença foi encontrada apenas para os componentes táticos da sócio-sexualidade (U = 363,000; z = - 2,692; p = 0,007).

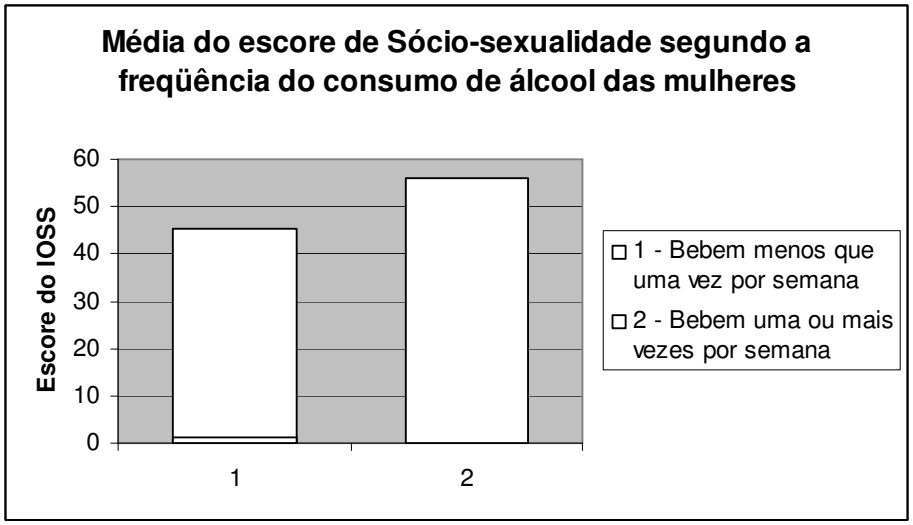

Figura 17. Média do escore de Sócio-sexualidade segundo a freqüência do consumo de álcool das mulheres.

Quanto ao uso do cigarro, o teste de Kruskal-Wallis identificou diferença na sócio-sexualidade ($\chi^2(2) = 8{,}751$; $p = 0{,}013$), e o teste de Jonckheere-Terpstra detectou diferença na sócio-sexualidade segundo a ordenação das categorias ($p = 0{,}003$). Existe um aumento na sócio-sexualidade indo das que nunca fumaram (n = 57; média = 43,736; desvio padrão = 18,650), passando pelos que fumaram alguma vez na vida (n = 32; média = 50,437; desvio padrão = 21,895), até os que fumaram no último ano (n = 15; média = 63,533; desvio padrão = 29,471). O teste de Kruskal-Wallis identificou a mesma diferença apenas na sócio-sexualidade tática ($\chi^2(2) = 13{,}931$; $p = 0{,}001$), e o teste de Jonckheere-Terpstra também detectou diferença na sócio-sexualidade segundo a ordenação das categorias ($p = 0{,}000$). Existe uma aumento na sócio-sexualidade indo dos que nunca fumaram (n = 57; média = 14,228; desvio padrão = 12,495), passando pelos que fumaram alguma vez na vida (n = 32; média = 18,000; desvio padrão = 12,370), até os que fumaram no último ano (n = 15; média = 29,533; desvio padrão = 17,602).

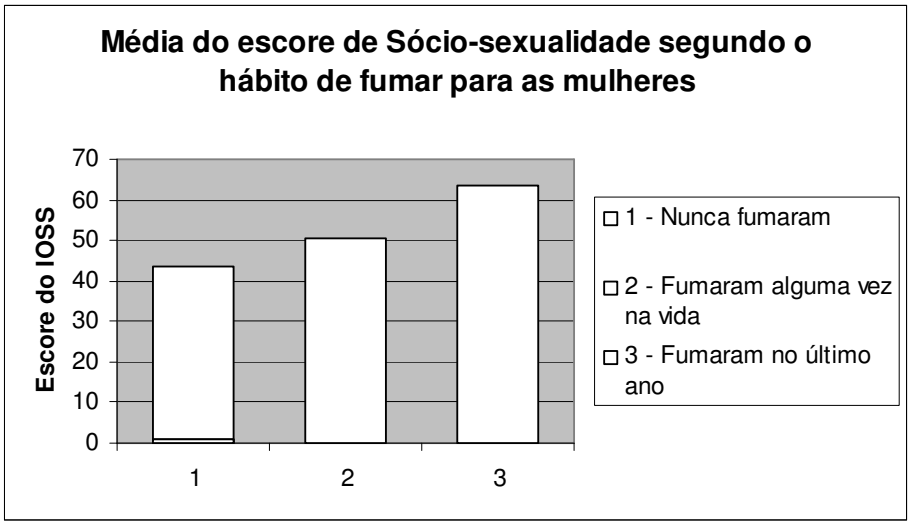

Figura 18. Média do escore de Sócio-sexualidade segundo o hábito de fumar para as mulheres.

Quanto à freqüência do uso do cigarro, o teste de Kruskal-Wallis não identificou diferença na sócio-sexualidade ($\chi^2(2) = 0{,}636$; $p = 0{,}727$), e o teste de Jonckheere-Terpstra detectou diferença na sócio-sexualidade segundo a ordenação das categorias ($p = 0{,}768$).

(d) Apego – Quanto ao estilo de apego final, o teste de Kruskal-Wallis não identificou diferença na sócio-sexualidade ($\chi^2(3) = 4{,}113$; $p = 0{,}249$). Houve diferença quanto à sócio-sexualidade tática entre seguras e medrosas ($U = 155{,}500$; $z = -2{,}320$; $p = 0{,}020$), seguras e preocupadas ($U = 141{,}500$; $z = -2{,}484$; $p = 0{,}013$) e entre rejeitadoras e preocupadas ($U = 123{,}500$; $z = -2{,}050$; $p = 0{,}040$) em que as seguras são mais irrestritas (n = 20; média = 25,300; desvio padrão = 17,180) do que as medrosas (n = 26; média = 14,423; desvio padrão = 10,389) e do que as preocupadas (n = 25; média = 13,760; desvio padrão = 10,133) e que as rejeitadoras são mais irrestritas (n = 16; média = 22,062; desvio padrão = 16,307) do que as preocupadas.

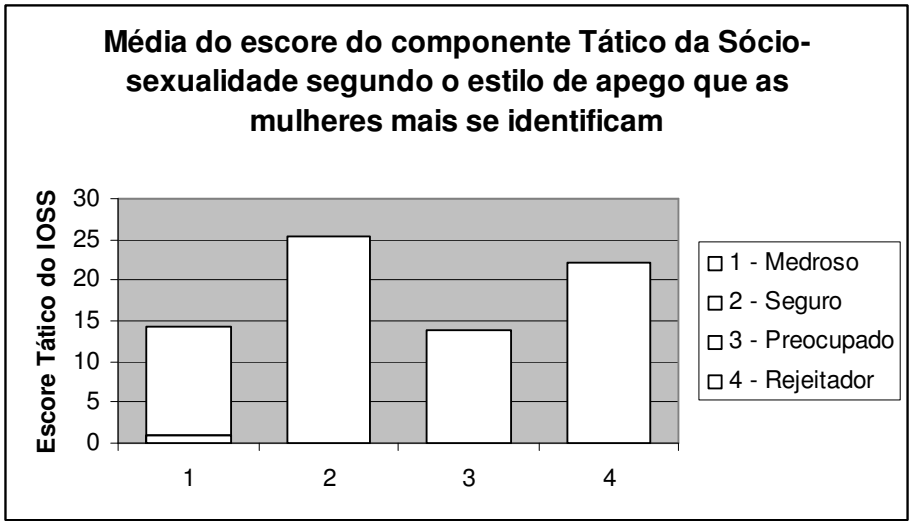

Figura 19. Média do escore do componente tático da Sócio-sexualidade segundo o estilo de apego que as mulheres mais se identificam.

(e) Ciclo menstrual – A média de idade da primeira menstruação foi de 12 anos (de 9 a 16; desvio padrão = 1,261). Quanto ao uso de contraceptivo hormonal via oral, não houve diferença na sócio-sexualidade (U = 1243,000; z = - 0,681; p = 0,496). Quanto ao período fértil das mulheres que não usam contraceptivo e têm o ciclo regular, também não houve diferença na sócio-sexualidade (U = 490,500; z = - 1,421; p = 0,155). Quanto à regularidade do ciclo menstrual das mulheres que não usam contraceptivo, houve diferença quanto à sócio-sexualidade (U = 210,500; z = - 2,052; p = 0,040) em que as mulheres de ciclo irregular (n = 17; média = 56,352; desvio padrão = 28,002) são mais irrestritas do que as de ciclo regular (n = 38; média = 43,868; desvio padrão = 18,182).

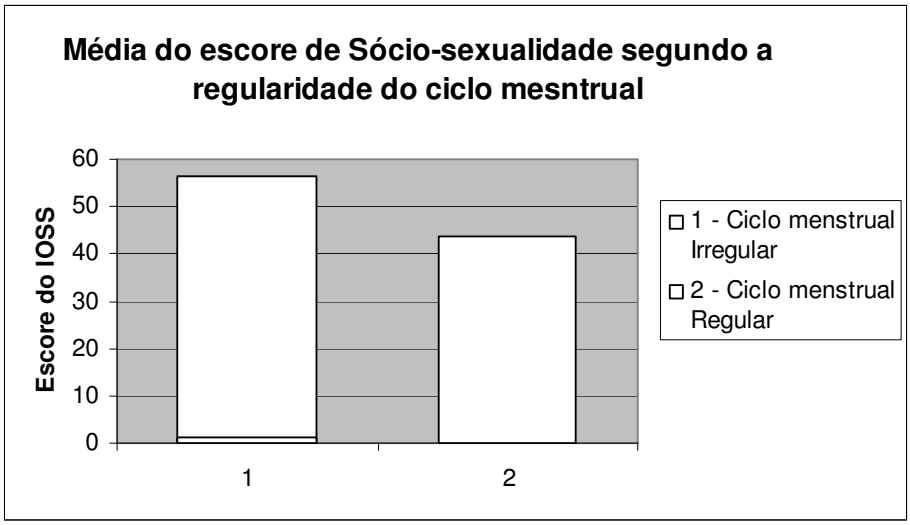

Figura 20. Média do escore da Sócio-sexualidade segundo a regularidade do ciclo menstrual.

3. 2. 4 Correlações intrassexuais femininas

3.2.4.1 Sócio-sexualidade

A sócio-sexualidade correlacionou-se positivamente, assim como nos homens, com o consumo de álcool em festas (n = 86; ρ = 0,466; *p* = 0,000), aquelas que consomem mais doses de álcool em festas são mais irrestritas e aquelas que têm idade da primeira relação sexual mais cedo são mais irrestritas (n = 93; ρ = - 0,310; *p* = 0,002). Diferentemente dos homens houve correlação positiva com o modelo interno de si (n = 105; ρ = 0,233; *p* = 0,017), aquelas que se sentem dignas de receber cuidado, atenção e amor e têm uma menor sensibilidade à rejeição e maior sentimento de independência são mais irrestritas. E houve também correlação negativa com a capacidade de empatia (n = 105; ρ = - 0,204; *p* = 0,037),

as mulheres menos empáticas são mais irrestritas. Segundo Dancey e Reidy (2006), o coeficiente de correlação entre a sócio-sexualidade e o consumo de álcool em festas é considerado moderado, enquanto os outros coeficientes são considerados fracos.

3.2.4.2 Sócio-sexualidade Tática

As questões táticas do Inventário de Sócio-sexualidade se correlacionaram positivamente com a idade (n = 105; ρ = 0,208; *p* = 0,033), as mulheres de mais idade têm mais ações irrestritas. Entretanto, as mulheres que mais se identificaram com o estilo de apego medroso (n = 105; ρ = - 0,261; *p* = 0,007) e com o estilo de apego preocupado (n = 105; ρ = - 0,245; *p* = 0,012) são mais restritas. E as que se sentem dignas de receber cuidado, atenção e amor e têm uma menor sensibilidade à rejeição e maior sentimento de independência, por ter o modelo interno de si positivo, têm mais ações irrestritas (n = 105; ρ = 0,324; *p* = 0,001). Houve correlação com o número de irmãos masculinos (n = 103; ρ = 0,201; *p* = 0,041), aquelas que têm mais irmãos masculinos têm ações mais irrestritas. As mulheres que fumam mais cigarros em festas (n = 17; ρ = 0,548; *p* = 0,023) e as que consomem mais doses de álcool em festas (n = 86; ρ = 0,531; *p* = 0,000) têm ações mais irrestritas. E as mulheres que tiveram a primeira relação sexual mais cedo (n = 96; ρ = - 0,353; *p* = 0,000) também têm ações mais irrestritas. Segundo Dancey e Reidy (2006), o coeficiente de correlação entre a sócio-sexualidade e o consumo de álcool em festas e o consumo de cigarros em festas é considerado moderado, enquanto os outros coeficientes são considerados fracos.

3.2.4.3 Sócio-sexualidade Estratégica

As questões estratégicas do Inventário de Sócio-sexualidade apenas se correlacionaram positivamente com o estilo de apego medroso (n = 106; ρ = 0,203; *p* = 0,037), as mulheres que tem um modelo interno de si e do outro negativos têm desejos e preferências mais irrestritos.

As correlações não-paramétricas entre todas essas variáveis que se correlacionaram com a Sócio-sexualidade, com seus componentes táticos e estratégicos para as mulheres estão resumidos na Tabela 6.

3.3 Regressões

Na análise refinada dos resultados com regressões múltiplas visou-se obter os melhores preditores da variação individual na sócio-sexualidade em cada sexo.

Para homens:

O melhor modelo preditivo da variação na sócio-sexualidade para os homens (n = 83) foi o que continha as variáveis apaixonado e idade da primeira relação sexual ($F_{(2,80)}$ = 7,990; *p* = 0,001) sendo que juntas explicaram 14,6% (R^2 ajustado = 0,146) da variação masculina na sócio-sexualidade (Figura 21). Estar apaixonado (*F* = 7,963; *p* = 0,006) teve uma importância de 58,9% no modelo. O consumo médio de álcool em festas (*F* = 5,207; *p* = 0,025) teve uma importância de 41,1% no modelo.

Tabela 6. Correlação não-paramétrica entre as variáveis que se correlacionaram com a Sócio-sexualidade, seus componentes táticos e estratégicos para as mulheres.

	Rô de Spearman	Sócio-sexualidade	IOSS tática	IOSS estratégia	Idade 1ª Relação Sexual	ALCOOL festa	Empatia	Modelo de SI	Apego medroso	Apego preocupado	Idade	Nº de Irmãos	CIGARROS festa
Sócio-sexualidade	Coeficiente de Correlação	1,000	,860**	,711**	-,310**	,466**	-,204*	,233*	-,074	-,132	,146	,072	,435
	Sig. (2-tailed)	.	,000	,000	,002	,000	,037	,017	,451	,180	,137	,467	,081
	N	105	105	105	93	86	105	105	105	105	105	103	17
IOSS tática	Coeficiente de Correlação	,860**	1,000	,330**	-,392**	,531**	-,150	,324**	-,261**	-,245*	,208*	,201*	,548*
	Sig. (2-tailed)	,000	.	,001	,000	,000	,128	,001	,007	,012	,033	,041	,023
	N	105	105	105	93	86	105	105	105	105	105	103	17
IOSS estratégia	Coeficiente de Correlação	,711**	,330**	1,000	-,145	,121	-,161	,011	,203*	,067	-,095	-,076	,002
	Sig. (2-tailed)	,000	,001	.	,164	,263	,098	,908	,037	,493	,332	,444	,993
	N	105	105	106	94	87	106	106	106	106	106	104	18
Idade 1ª Relação Sexual	Coeficiente de Correlação	-,310**	-,392**	-,145	1,000	-,256*	,162	-,302**	,256*	,123	,118	-,233*	,111
	Sig. (2-tailed)	,002	,000	,164	.	,022	,117	,003	,012	,236	,253	,024	,671
	N	93	93	94	95	80	95	95	95	95	95	93	17
ALCOOL festa	Coeficiente de Correlação	,466**	,531**	,121	-,256*	1,000	-,092	,092	-,043	-,079	,134	,207	,674**
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,263	,022	.	,390	,386	,686	,462	,208	,053	,003
	N	86	86	87	80	90	90	90	90	90	90	88	17
Empatia	Coeficiente de Correlação	-,204*	-,150	-,161	,162	-,092	1,000	-,146	-,051	,066	-,080	,024	-,070
	Sig. (2-tailed)	,037	,128	,098	,117	,390	.	,129	,601	,496	,407	,806	,784
	N	105	105	106	95	90	109	109	109	109	109	107	18
Modelo de SI	Coeficiente de Correlação	,233*	,324**	,011	-,302**	,092	-,146	1,000	-,578**	-,682**	-,002	,198*	,214
	Sig. (2-tailed)	,017	,001	,908	,003	,386	,129	.	,000	,000	,987	,041	,393
	N	105	105	106	95	90	109	109	109	109	109	107	18
Apego medroso	Coeficiente de Correlação	-,074	-,261**	,203*	,256*	-,043	-,051	-,578**	1,000	,240*	-,012	-,196*	-,231
	Sig. (2-tailed)	,451	,007	,037	,012	,686	,601	,000	.	,012	,899	,043	,357
	N	105	105	106	95	90	109	109	109	109	109	107	18
Apego preocupado	Coeficiente de Correlação	-,132	-,245*	,067	,123	-,079	,066	-,682**	,240*	1,000	-,100	-,170	-,108
	Sig. (2-tailed)	,180	,012	,493	,236	,462	,496	,000	,012	.	,301	,080	,670
	N	105	105	106	95	90	109	109	109	109	109	107	18
Idade	Coeficiente de Correlação	,146	,208*	-,095	,118	,134	-,080	-,002	-,012	-,100	1,000	,196*	,117
	Sig. (2-tailed)	,137	,033	,332	,253	,208	,407	,987	,899	,301	.	,043	,644
	N	105	105	106	95	90	109	109	109	109	109	107	18
Nº de Irmãos	Coeficiente de Correlação	,072	,201*	-,076	-,233*	,207	,024	,198*	-,196*	-,170	,196*	1,000	-,166
	Sig. (2-tailed)	,467	,041	,444	,024	,053	,806	,041	,043	,080	,043	.	,509
	N	103	103	104	93	88	107	107	107	107	107	107	18
CIGARROS festa	Coeficiente de Correlação	,435	,548*	,002	,111	,674**	-,070	,214	-,231	-,108	,117	-,166	1,000
	Sig. (2-tailed)	,081	,023	,993	,671	,003	,784	,393	,357	,670	,644	,509	.
	N	17	17	18	17	17	18	18	18	18	18	18	18

**. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

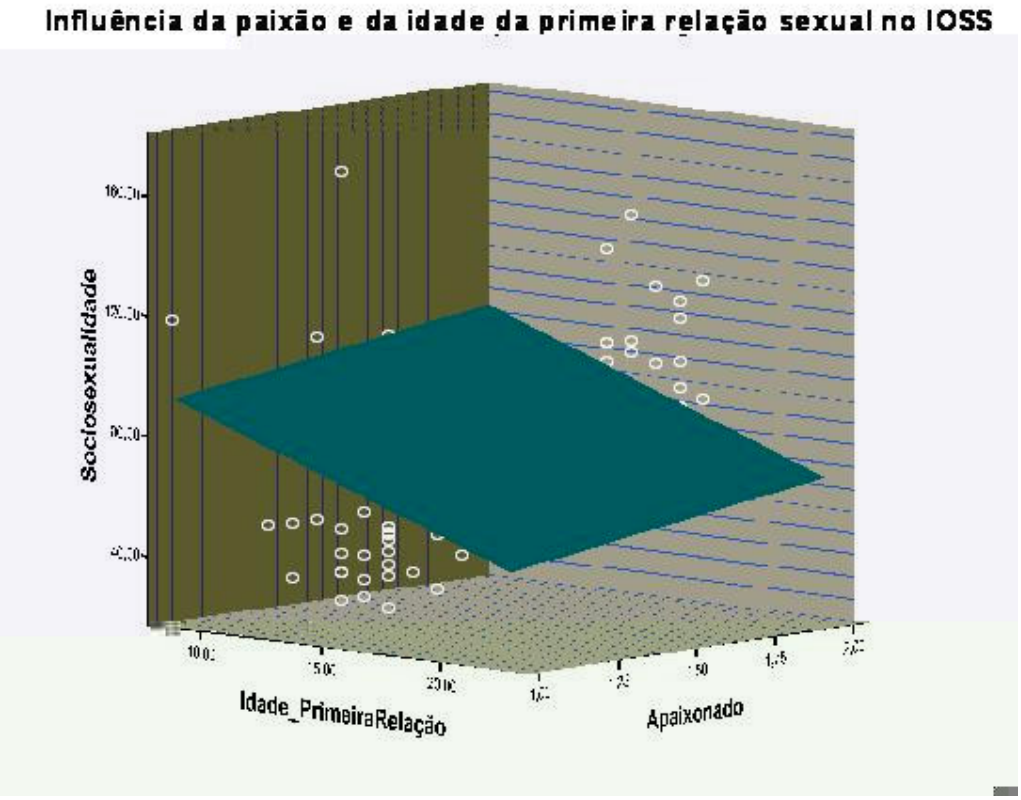

Figura 21. Regressão linear entre as variáveis apaixonado (1 = sim, apaixonado e 2 = não) e consumo de doses de álcool em festa com a sócio-sexualidade para os homens.

Para mulheres:

O melhor modelo preditivo da variação na sócio-sexualidade para as mulheres (n = 86) foi o que continha as variáveis consumo de álcool em festas e pontuação na questão sobre apego rejeitador ($F_{(5,82)}$ = 6,987; p = 0,000) sendo que juntas explicaram 26 % (R^2ajustado = 0,260) da variação feminina na sócio-sexualidade (Figura 22). O consumo médio de álcool em festas (F = 22,996; p = 0,000) teve uma importância de 67,9% no modelo, e o apego rejeitador (F = 10,496; p = 0,000) teve uma importância de 32,1% no modelo.

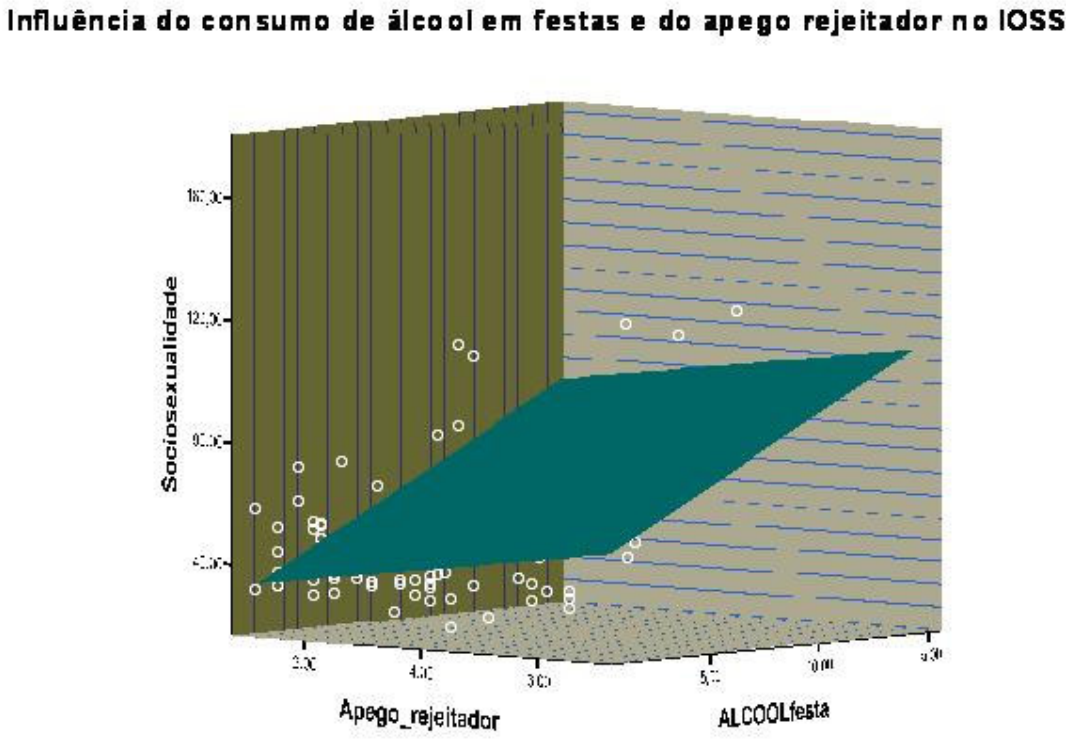

Figura 22. Regressão linear entre as variáveis apego rejeitador (1 = menos se identifica e 7 = mais se identifica) e consumo de doses de álcool em festa com a sócio-sexualidade para as mulheres.

Todos os resultados das correlações significativas intrassexuais em ambos os sexos com a sócio-sexualidade, seus componentes táticos e seus componentes estratégicos foram resumidos na tabela 6. Em suma homens irrestritos têm a primeira relação sexual mais cedo, não estão apaixonados nem namorando, têm mais irmãos homens mais novos, têm o hábito de fumar e beber e bebem mais doses de álcool em festas. As mulheres mais irrestritas têm a primeira relação sexual mais cedo, menor empatia, apego rejeitador, modelo interno de si positivo, ciclo menstrual irregular, têm o hábito de fumar e de beber, bebem mais freqüentemente e bebem mais doses de álcool em festas. Para os homens, o melhor preditor da variação individual quanto à orientação restrita foi o apaixonamento e o melhor preditor de

irrestrição foi a idade da primeira relação. Para as mulheres os maiores preditores de irrestrição foram o consumo de álcool e o estilo de apego rejeitador.

Tabela 7. Perfil dos Irrestritos para a Sócio-sexualidade, componentes táticos e componentes estratégicos segundo o sexo.

Sexo	Perfil dos Irrestritos		
	Sócio-sexualidade	**IOSS Tático**	**IOSS Estratégico**
HOMENS	Não é filho único, é o do meio Não é caçula nem único e têm mais irmãos ♂ mais novos 1º consumo de álcool mais cedo 1º relação sexual mais cedo Bebeu álcool no último ano Bebe mais álcool em festas Fuma ou já experimentou o cigarro Não estão namorando Não estão apaixonados	Não é filho único, é o do meio Não é caçula nem único e têm mais irmãos ♂ mais novos Não é caçula, é o filho do meio 1º relação sexual mais cedo Bebeu álcool no último ano Bebe mais álcool em festas Fuma ou já experimentou o cigarro Maior sucesso na conquista	Têm mais Irmãos masculinos Mais Apego Preocupado Bebeu álcool no último ano Bebe mais álcool em festas Não estão namorando Não estão apaixonados
MULHERES	Ciclo menstrual irregular Maior apego rejeitador Modelo interno de si mais positivo 1º relação sexual mais cedo Bebeu álcool no último ano Bebe mais álcool em festas Bebe mais freqüentemente Fuma ou já experimentou o cigarro Menos Empática	Mais velha Têm mais Irmãos masculinos Modelo interno de si mais positivo 1º relação sexual mais cedo Bebeu álcool no último ano Bebe mais álcool em festas Bebe mais freqüentemente Fuma ou já experimentou o cigarro Fuma mais cigarros em festas Mais apego seguro, menos apego medroso e preocupado Mais apego rejeitador, menos preocupado Menor apego medroso Menor apego preocupado	É filha única, não é primogênita Maior apego medroso

4. DISCUSSÃO

Os resultados indicam que quanto à diferença entre homens e mulheres o padrão intercultural de homens mais irrestritos do que mulheres se manteve nos brasileiros. Quanto à variação intrassexual, os mediadores da sócio-sexualidade masculina e feminina diferiram em grande parte. Homens e mulheres irrestritos têm em comum apenas a idade precoce da primeira relação sexual e o consumo de álcool e cigarro: homens são mais influenciados pela ordem de nascimento e pela situação amorosa atual, enquanto as mulheres são mais influenciadas pela masculinização cognitiva, pelo estilo de apego e pela regularidade do ciclo menstrual. Essa diferente influência ambiental na sócio-sexualidade masculina e feminina, em certo sentido, enfraquece as três hipóteses – 1) a de masculinização/feminilização decorrente do ambiente embrionário; 2) a da socialização decorrente do ambiente de criação e 3) a do valor da conquista presente no contexto atual - já que elas não prevêem diretamente influências diferenciadas para cada sexo. Além disso, nenhuma das três hipóteses previu a variação individual na sócio-sexualidade masculina. Já a variação individual da sócio-sexualidade feminina apoiou a hipótese de masculinização e fracamente a hipótese do contexto de criação.

Os resultados e conclusões desta pesquisa estão inteiramente apoiados em auto-relatos de universitários. A metodologia de questionários contendo auto-relato tem suas limitações, porém essa metodologia é amplamente aceita e usada internacionalmente no estudo da sócio-sexualidade, pois assegurado o sigilo e a ética do procedimento ela fornece informações coerentes com relatos de amigos e parceiros amorosos (Simpson & Gangestad, 1991, Schmitt, 2003). O rigor metodológico necessário para a confiabilidade nos auto-relatos deste estudo é

assegurado pelo material metodológico anônimo, termo de consentimento desvinculado do material, urna para entrega do material e sujeitos independentes.

Uma contribuição peculiar desta pesquisa está na amostragem de estudantes brasileiros, o que contribui para uma visão intercultural da variação na sócio-sexualidade humana ampliada em relação aos estudos com americanos e europeus. O segundo diferencial está na participação de alunos do terceiro ano da graduação, que são mais maduros e experientes sexualmente do que ingressantes, mais comumente estudados. A presente pesquisa também procurou balancear a amostragem com alunos das áreas de Humanas, Exatas e Biológicas por serem mais representativos da variação na população do que apenas alunos de Psicologia, também mais comumente estudados. A comparação ampla de participantes de ambos os sexos permitiu relacionar a variação intersexual com a intrassexual e verificar qual hipótese explica melhor a variação masculina e qual explica melhor a variação feminina, confrontando-se as teorias. A coleta adicional de variáveis demográficas sobre composição familiar, situação amorosa, consumo de álcool e cigarro e ciclo menstrual além dos questionários referentes às três hipóteses, possibilitou a investigação do intercruzamento das variáveis permitindo uma visão mais ampla do fenômeno e uma expansão teórica.

Nesse sentido este estudo se alinha com outras pesquisas em seleção de parceiros e estratégias reprodutivas feitas no Brasil (Campos, 1999; 2005; Campos; Otta; Siqueira, 2002; Otta; Queiroz; Campos; Silva; Silveira, 1999) em que se faz presente uma preocupação não só em contribuir inter-culturalmente com resultados provenientes de uma amostra sul-americana, mas também em diminuir o viés de amostragem de ingressantes em Psicologia, presente na maior parte das amostras de pesquisas feitas nesta área.

4.1 Diferenças entre homens e mulheres

A maioria dos resultados de comparação entre homens e mulheres está de acordo com os resultados internacionais e com as teorias evolucionistas. O resultado intersexual para a sócio-sexualidade de brasileiros da cidade de São Paulo concorda com os resultados de Schmitt et al. (2005) em que nos brasileiros da cidade de Brasília homens são mais irrestritos do que mulheres e com a extensa literatura que aponta sistemática e inter-culturalmente que os homens são mais irrestritos do que as mulheres (Clark, 2004, 2006; Ostovich & Sabini, 2004; Schmitt et al., 2005; Simpson & Gangestad, 1991). Tais resultados estão de acordo com a Teoria da Seleção Sexual (Darwin, 1871/2004), com a Teoria do Investimento Parental (Trivers, 1972), com a Teoria das Estratégias Sexuais (Buss & Schmitt, 1993) e com o Pluralismo Estratégico (Gangestad & Simpson, 2000).

As comparações intersexuais quanto à Empatia e à Sistematização estão de acordo com a recente literatura, que aponta que os homens são mais sistematizadores do que as mulheres e que as mulheres são mais empáticas do que os homens (Baron-Cohen et al., 2003; Baron-Cohen & Hammer, 1997; Baron-Cohen & Wheelwrig

com as previsões de maior recato feminino das Teorias da Seleção Sexual (Darwin, 1871/2004), do Investimento Parental (Trivers, 1972), e Estratégias Sexuais (Buss & Schmitt, 1993).

O maior consumo de álcool masculino é equivalente ao referido na literatura intercultural, como por exemplo, na ampla revisão feita por Engs e Hanson (1990) e está de acordo com a Teoria da Seleção Sexual (Darwin, 1871/2004), a Teoria do Investimento Parental (Trivers, 1972) e o Desconto do Futuro (Daly & Wilson, 2001; 2005) em que homens, por serem o sexo que investe menos na prole, são mais propensos à competição intrassexual e a comportamentos de risco, que dentre outros inclui o consumo de substâncias tóxicas, como o álcool.

A constatação de que homens têm mais irmãos homens e mulheres têm mais irmãs também foi feita em um estudo de Kanazawa e Vandermassen (2005), que afirmam existir casais mais propensos a ter filhos homens e outros mais propensos a ter filhas mulheres. Os autores encontraram que casais de cognição mais masculina, atuando em profissões como engenharia, têm mais filhos homens, e que casais de cognição mais feminina, atuando em profissões como enfermagem, têm mais filhas. Os casais teriam sido selecionados quanto à capacidade de ajustar a proporção de filhos e filhas adaptativamente se o nicho cognitivo (masculino ou feminino) no qual os pais se encontram seja mais favorável a filhos ou filhas. Foi controlada a profissão dos pais e essa hipótese também foi testada. Obtive-se que homens que têm o pai numa profissão mais feminina têm mais irmãs (U = 77,500; z = - 2,514; p = 0,012). Porém, não foram obtidos resultados para a profissão da mãe nem para as mulheres. Esses resultados mostram que seria interessante investigar mais pormenorizadamente as relações encontradas entre o perfil cognitivo do pai e a proporção de filhos e filhas.

Quanto ao namoro, o resultado em que mais mulheres estão namorando do que homens também foram encontrados no estudo de Amélio (2006) com universitários da USP,

em que existem mais mulheres compromissadas (namorando, morando junto e casadas) e mais homens descompromissados (sozinhos e paquerando), e está de acordo com a Teoria das Estratégias Sexuais (Buss & Schmitt, 1993), que prevê que as mulheres procurarão mais comprometimento do que homens, pelo menos nessa fase do ciclo de desenvolvimento.

Os resultados intersexuais que discordam da literatura são o da paixão, o dos estilos de apego e o de sucesso na conquista amorosa. Quanto à paixão, encontrou-se mais mulheres que se declaram apaixonadas do que homens, o que discorda de Clark (2006) que, com a escala de "Limerence" que mede o sentimento de estar apaixonado, não encontrou diferença entre os sexos. Talvez isso se deva às diferentes formas de coleta dessa informação, sendo a nossa mais direta (apaixonado: sim ou não) do que a dele.

Quanto aos estilos de apego, não foram encontradas diferenças entre homens e mulheres quanto à incidência de apego preocupado, rejeitador e medroso, concordando com a literatura que não aponta diferenças entre homens e mulheres para os estilos de apego (Bartholomew & Horowitz, 1991; Bowlby,1973;1979; Bussab, 2003; Scheroki, 2004), porém detectou-se o fato de homens terem se identificado mais com o apego seguro do que as mulheres, em desacordo com a literatura.

As mulheres referiram maior sucesso na conquista amorosa, enquanto que nas duas únicas pesquisas utilizando a Escala Auto-Avaliada de Sucesso na Conquista Amorosa (Clark, 2006; Landolt et al., 1995) não houve diferenças entre homens e mulheres. Analisando pela perspectiva da Teoria do Investimento Parental (Trivers, 1972), da Teoria das Estratégias Sexuais (Buss & Schmitt, 1993) e da Seleção Sexual (Darwin, 1871/2004), as mulheres por investirem mais na prole são o fator limitante da reprodução humana, então seria esperado que homens tivessem mais dificuldade em atrair parceiras do que mulheres em atrair parceiros, fazendo com que elas tivessem um maior sucesso na conquista amorosa do que homens, previsão esta que se confirma com os resultados.

4.2 Variação intrassexual

As três hipóteses sobre a variação individual testadas foram: sócio-sexualidade irrestrita diretamente relacionada a uma maior sistematização e menor empatia do perfil cognitivo - de acordo com o modelo de Mikach e Bailey (1999); sócio-sexualidade irrestrita diretamente relacionada a estilos de apego inseguros, modelo internos de si e do outro negativos - de acordo com o modelo de Belsky, et al. (1991); sócio-sexualidade irrestrita diretamente relacionada a um maior sucesso na conquista de parceiros amorosos - de acordo com o modelo de Landolt, et al. (1995). Elas não se mostraram eficazes em prever a variação individual de ambos os sexos.

A sócio-sexualidade masculina não se correlacionou com nenhum estilo de apego, nem com a empatia, nem com a sistematização, nem com o sucesso na conquista amorosa. Já a sócio-sexualidade feminina só se correlacionou como previsto com a empatia e com o apego rejeitador, não se correlacionando com os outros estilos de apego, nem com a sistematização e nem com o sucesso na conquista amorosa. O problema dessas hipóteses é que elas, a priori, tratam as sensibilidades masculina e feminina a variáveis ambientais como sendo equivalentes. Partindo dessa igualdade e encontrando diferenças é possível identificar quais são as variações ecologicamente relevantes apenas para homens e apenas para mulheres. Levar em conta a existência de diferenças nas sensibilidades ambientais masculinas e femininas permite propor hipóteses mais realistas capazes de explicar as diferenças nos mediadores da variação masculina e feminina.

Recentemente, Clark (2006) levanta a discussão sobre os diferentes correlatos da variação individual na sócio-sexualidade masculina e feminina. Ele não encontrou nenhuma semelhança entre os mediadores masculinos e os femininos e citou que existem autores que

acham as táticas de acasalamento femininas mais multidimensionais do que a simples distinção curto/longo prazo, que se enquadra tão bem aos homens. A Teoria do Pluralismo Estratégico (Gangestad & Simpson, 2000) só é capaz de prever diferentes fatores influenciando a variação da sócio-sexualidade masculina e feminina porque incorpora princípios de Seleção Sexual, em que mulheres acessam a disponibilidade de cuidado bi-parental e de bons genes, enquanto os homens acessam as preferências femininas. O Pluralismo Estratégico é a única teoria capaz de prever diferenças nos correlatos sócio-sexuais de homens e mulheres e apoiar essa multi-dimensionalidade feminina.

4.2.1 O modelo do nível de andrógenos pré-natais

A hipótese derivada do modelo da masculinização de Mikach e Bailey (1999) foi confirmada, nesse estudo, nas mulheres, para a Empatia. Essa é a primeira relação entre o Quociente de Empatia e o Inventário de Orientação Sócio-Sexual encontrada na literatura. A confirmação da hipótese da masculinização apenas para variação individual na sócio-sexualidade feminina concorda com Ostovich e Sabini (2004) que encontraram uma correlação entre identidade de gênero mais masculina e sócio-sexualidade irrestrita apenas em mulheres, e concorda com as pesquisas de Mikach e Bailey (1999) e Clark (2004) que, estudando apenas mulheres, encontraram que outros indicadores de masculinização estão positivamente relacionados à orientação sócio-sexual irrestrita. E concorda com Lucke (1998) que, amostrando apenas mulheres, obteve que mulheres que relataram ter tido dois ou mais parceiros sexuais nos últimos 12 meses apresentaram traços mais masculinos de personalidade na identificação de gênero e atitudes mais igualitárias frente o papel social das mulheres.

A coerência entre indicadores de masculinização anatômica - proporção do dedo indicador pelo anular 2D/4D - (Clark, 2004), indicadores de masculinização cognitivos – Empatia e rotação espacial mental - (Clark, 2004), e indicadores de identificação de gênero - identidade de gênero atual e na infância - (Lucke, 1998; Mikach & Bailey, 1999; Ostovich & Sabini, 2004) deixa claro que estamos lidando com contingências de andrógenos pré-natais. Essa clareza ofuscou a visão de Clark (2004) para explicações adaptativas, porque para ele a variação na sócio-sexualidade feminina não é adaptativa por ser provavelmente um sub-produto de uma variação inexplicada dos andrógenos pré-natais. Então, toda a masculinização cognitiva não deveria ter mais função adaptativa por ser entendida como sub-produto do nível de andrógeno pré-natal que primeiramente masculiniza os órgãos sexuais (Mellen, 1981).

O entendimento dessa questão pode ser beneficiado por um exercício de distinção entre os níveis de causação proximais (mecanismos de funcionamento) com os níveis finais (funções), que são explicações independentes (Mayr, 2005). Dizer que, pelo simples fato de que a variação dos ponteiros do relógio é um sub-produto da variação de suas engrenagens não implica em concluir que essa variação dos ponteiros não tenham a função de marcar as horas. Sem prejuízo da idéia de uma possível variação hormonal acidental na fase embrionária, como a decorrente de uma doença materna, não se pode deixar de examinar a possibilidade de tais variações representarem ajustes adaptativos a determinadas condições ambientais. Então, ainda é preciso entender por que características tão díspares de masculinização, mediadas pela testosterona, estariam correlacionadas com a orientação sócio-sexual típica de homens nas mulheres.

É provável que todos os resultados positivos obtidos utilizando-se a hipótese da masculinização estejam no caminho certo, mas que as palavras “testosterona” e “masculinização” não estejam contribuindo muito para o uso da melhor ferramenta teórica da Biologia, a explicação evolutiva. Mesmo Baron-Cohen (2004) tem dificuldades de alinhar a

Teoria Empatia-Sistematização das diferenças em perfis cognitivos com as grandes teorias evolutivas como a do Investimento Parental de Trivers (1972). Talvez isso ocorra porque a palavra “masculinização” usada para designar indiscriminadamente todas as características que definem os homens nos impede de reconhecer que, na natureza, o que define os comportamentos ditos masculinos relacionados à reprodução não é o sexo masculino, mas sim nível de investimento parental (Trivers, 1972).

Para Trivers (1972), não existem comportamentos reprodutivos masculinos nem comportamentos reprodutivos femininos, mas sim comportamentos reprodutivos de baixo investidor na prole e de alto investidor na prole. Essa diferença de terminologia dá sentido até ao comportamento reprodutivo daquelas espécies ditas de papéis sexuais trocados, como o jaçanã e o cavalo marinho. Pelo fato do macho dessas espécies investir mais na prole ele cuida da prole, é recatado, muito seletivo e vive mais, enquanto a fêmea é mais agressiva, tem estratégias de vida mais voltadas para o risco, não cuida da prole, é promíscua, pouco seletiva e vive menos (Schmitt et al., 2003). Olhando pela Teoria do Investimento Parental não há nada de trocado nesses papeis sexuais, que são pseudo-exceções, pois confirmam a regra: o sexo “alto investidor na prole” sempre vai solucionar o dilema reprodutivo voltando mais empenhos para o subdomínio parental, enquanto o sexo “baixo investidor na prole” sempre vai voltar mais seus empenhos para o subdomínio do acasalamento, independente do sexo a que pertençam.

Segundo a Teoria Evolucionista dos Ciclos de Vida, a mesma noção de dilema evolutivo de negociação usado muito produtivamente para explicar as diferenças entre machos e fêmeas na esfera reprodutiva pode ser aplicada para explicar as diferenças ontogenéticas do indivíduo na esfera reprodutiva (Geary, 2002; Roff, 1992; Stearns, 1992), ou seja, ao longo da vida o comportamento do indivíduo vai variar em função de diferentes dilemas de alocação de investimentos de acasalamento ou parentais. Quais são os mecanismos

causais proximais subjacentes a estas variações de comportamento? Ao que tudo indica, os indivíduos têm adaptações mentais referentes à alocação de investimentos que são calibráveis segundo o espectro de maior ou menor investimento na prole. E como há um dilema para essa alocação de investimentos, indivíduos mais voltados para investir no acasalamento serão menos voltados para o investimento parental. Então, a variação individual quanto ao investimento parental será acompanhada inversamente pela variação individual quanto ao investimento no acasalamento.

Cashdan (1993) encontrou que as mulheres com menores escores no questionário de investimento parental agem de forma mais sensual, vestindo roupas mais provocativas e relacionando-se sexualmente com o parceiro, enquanto as que tiveram alta pontuação deixam o parceiro tomar a iniciativa. Para os homens, aqueles com baixos escores de investimento parental agem de forma mais sensual e com mais relações sexuais com a parceira, enquanto aqueles com altos escores exibem mais recursos para as parceiras e mostram disposição em investir ressaltando não ser promíscuos. Perilloux (2004), seguindo essa mesma lógica, obteve para ambos os sexos correlações negativas entre o índice de investimento parental (que indica disposição em investir na prole) e a sócio-sexualidade, e correlações positivas entre o índice CAD - que indica a falta de disposição em investir na prole - e a sócio-sexualidade. Ou seja, irrestritos têm menor disposição em investir na prole. Isso mostra que os dilemas de alocação de empenhos evolutivos fornecem uma explicação unificada tanto para diferenças entre os sexos quanto para as diferenças individuais em cada sexo.

Em suma, o ajuste terminológico do “tipicamente masculino” para o “típico de baixo investidor na prole”, em junção com a previsão ontogenética da Teoria Evolucionista dos Ciclos de Vida, permite dar uma reposta para a questão de por que características “tipicamente masculinas” estariam positivamente correlacionadas à orientação sócio-sexual “típica de baixo investidor na prole”. Se a variação individual de características opostas no

contínuo de investimento em acasalamento ou cuidados parentais está negativamente relacionada entre si, características pertencentes ao mesmo lado do dilema estarão positivamente relacionadas. Isso explica porque obtivemos os resultados inéditos na literatura sobre o consumo de álcool e de cigarros diretamente relacionados à sócio-sexualidade irrestrita em ambos os sexos.

Empenhos de acasalamento incluem uma diversidade de comportamentos de busca por parceiros e uma diversidade de comportamentos de competição por parceiros, como comportamentos de risco que, entre outros, inclui o uso de substâncias tóxicas - álcool e cigarro. Os resultados com consumo de cigarros e a sócio-sexualidade também inéditos na literatura mostram basicamente o mesmo padrão dos resultados obtidos com o consumo de álcool, em que irrestritos, tanto homens quanto mulheres, têm hábito mais intensificado de fumar.

Verificou-se que homens e mulheres irrestritos têm o hábito de beber e consomem mais doses de álcool em festas, concordando com Bailey, et al. (2000) em que homens e mulheres irrestritos afirmaram muito mais do que os restritos ter tido relações sexuais depois de muito beber. Concorda com Lucke (1998) que, amostrando apenas mulheres, obteve que aquelas que relataram ter tido dois ou mais parceiros sexuais no último ano eram mais propensas a ter feito uso de álcool ou outras drogas do que as mulheres que tiveram menos que dois parceiros sexuais no último ano. E concorda com Clark (2004) que, amostrando apenas mulheres, viu no gasto mensal com bebidas alcoólicas o único correlato da sócio-sexualidade dentre várias categorias de consumo (alimentação, aluguel, roupas, cosméticos, etc.). Ele ressalta também, que mesmo essa medida crua de consumo de álcool se mostrou um poderoso preditor da variação na sócio-sexualidade feminina, pois apenas pela sua adição no modelo de regressão que continha a auto-percepção da atratividade, a proporção

indicador/anular (2D/4D) e o escore de rotação mental o modelo passou a explicar de 26% para 47% da variação individual feminina.

Nas regressões, o modelo que melhor explicou a variação individual feminina, o qual continha como principal preditor a variável consumo de doses de álcool em festas, explicou mais variação individual (26%) do que o melhor modelo masculino (14,6%) que não tinha o consumo de doses de álcool. Além disso, a correlação entre doses de consumo de álcool em festas para as mulheres foi de magnitude considerada moderada, enquanto a correlação masculina foi fraca. Antes de se passar para uma análise mais detalhada dessas diferenças entre homens e mulheres, é preciso um alerta de cuidado quanto à interpretação desses resultados, que embora significativos, são de magnitude fraca ou moderada e entram em associação sistêmica com muitos outros fatores. Não se deve fazer associações simplificadas ou ingênuas entre médias populacionais e indivíduos isoladamente.

A correlação entre uso/consumo de substâncias tóxicas como o álcool e o cigarro é prevista igualmente em ambos os sexos pelo dilema ontogenético acasalamento/parental e indica que essa correlação seja mais proeminente nas mulheres. O que levanta a questão de por que os dados da hipótese de andrógenos pré-natais prevêem melhor a variação feminina.

O padrão de desenvolvimento embrionário de mamíferos está voltado para a feminilização. Primeiramente, ambos os sexos são igualmente femininos, e dependendo o nível de andrógenos pré-natais, por volta de seis a oito semanas da concepção, o cérebro é masculinizado independendo do sexo do feto (Baron-Cohen, 2004; Pinker, 2004). Então, se não houver a influência hormonal masculinizante o cérebro se desenvolverá com um perfil cognitivo mais feminino (Mellen, 1981). Isso indica que influências masculinizantes serão mais percebidas nas mulheres por que mesmo os andrógenos das adrenais podem dar início ao processo de masculinização o qual os homens necessariamente completam.

Isso explica também por que características anatômicas que não fazem parte do repertório reprodutivo, como a proporção dos dedos indicador e anular, estão correlacionados com a sócio-sexualidade irrestrita nas mulheres, já que o nível de andrógeno que deixa marcas masculinizadas no cérebro feminino já masculinizou previamente a anatomia (Mellen, 1981). Quanto às características psicológicas, é esperado pela lógica do investimento parental que aquelas mais relacionadas à esfera reprodutiva estejam coerentemente relacionadas segundo o dilema acasalamento-parental, mas que nas mulheres, por sua suscetibilidade aos andrógenos, as correlações serão mais fortes com as características da esfera reprodutiva e as características de esferas somáticas podem estar também coerentemente relacionadas com a sócio-sexualidade.

A correlação inversa com o Quociente de Empatia indica que a empatia está relacionada a uma solução do dilema de investimento mais voltada para a prole, o que faz sentido quanto à superioridade feminina em empatia. Isso indica que a empatia provavelmente tenha função adaptativa voltada para o melhor entendimento e cuidado dos filhos na criação da prole. É mais fácil relacionar a empatia com a esfera reprodutiva do que a sistematização, o que pode indicar o porquê só houve correlação com a empatia, mas a maior sensibilidade feminina à masculinização preveria resultado com a sistematização também, o que não ocorreu.

4.2.2 O modelo do contexto de criação

Os resultados não evidenciaram todas as correlações previstas pelo modelo do contexto de criação para a variação individual da sócio-sexualidade e evidenciaram

peculiaridades quanto ao sexo. Para as mulheres, constatou-se um efeito do estilo de apego na sócio-sexualidade, compatível com esse modelo: mulheres irrestritas têm maior identificação com o apego rejeitador. Originalmente, o modelo prevê relações entre insegurança de apego e irrestrição. Na presente pesquisa, assim como em outras pesquisas recentes, foi empregado o Questionário de Relacionamento, que permite uma análise mais diferenciada do estilo de apego, levando em conta a existência de modelos internos de si e do outro, positivos ou negativos. Com o uso desse questionário, foram obtidos resultados que podem ser considerados contrários aos esperados pelo modelo: mulheres com um modelo interno de si mais positivo (e, portanto mais seguras, pelo menos quanto a esse aspecto) são mais irrestritas e aquelas com apego medroso e preocupado são mais restritas. O modelo também não foi capaz de prever a variação individual masculina. Não se confirmou o efeito esperado da ausência paterna na adoção de estratégia mais quantitativa, pois não houve relação entre o divórcio dos pais e orientação irrestrita em ambos os sexos.

Esses resultados concordam com a falta de correlação entre o estresse familiar durante a infância nas mulheres encontrada por Mikach e Bailey (1999), com a rejeição da hipótese de Belsky, et al. (1991) no amplo estudo intercultural de Schmitt, et al. (2005) em que culturas com piores contextos de criação têm pessoas mais restritas e não irrestritas como previsto, e com a rejeição da hipótese de Belsky, et al. (1991) no amplo estudo em gêmeos de Bailey, et al. (2000) em que o ambiente compartilhado, aquele familiar vivenciado igualmente pelo dois gêmeos, tem uma influência menor do que a similaridade genética, e menor ainda do que a influência do ambiente não-compartilhado, o qual cada gêmeo vivencia independentemente.

Belsky, et al. (1991) também afirma que a idade da primeira relação precoce é indício de contextos de criação estressantes. Mikach e Bailey (1999) encontraram uma correlação entre primeira relação sexual precoce e orientação irrestrita nas mulheres, o que concorda com o resultado de que irrestritos de ambos os sexos têm a primeira relação sexual mais cedo. A

idade da primeira relação sexual também prediz o número de parceiros sexuais. Johnson e colaboradores (1994) encontraram que para aqueles que relatam a primeira relação sexual antes dos 16 anos era consistentemente mais provável relatarem dois ou mais parceiros sexuais no ano passado. Em uma revisão de estudos sobre comportamento sexual nos Estados Unidos, Seidman e Reider (1994) relataram que a idade precoce da primeira relação sexual está relacionada com um maior número de parceiros sexuais e a uma maior freqüência de relações sexuais. Esses resultados de início parecem apoiar o modelo do contexto de criação.

Porém, o estudo em gêmeas de Rowe (2002) mostra que a idade da primeira relação não está associada à idade da menarca de forma condicional ao ambiente, como previa Belsky, et al. (1991), mas sim devido a diferenças individuais herdadas. E o estudo em gêmeos de Lyons, et al. (2004) mostra que o ambiente não-compartilhado é responsável por 40% da variação individual masculina, que a genética é responsável por 33% da variação individual e que o ambiente compartilhado, o familiar vivenciado igualmente pelos dois gêmeos tem uma influência de apenas 27% na variação individual quanto à idade da primeira relação sexual. Esses estudos indicam que mesmo que algumas previsões se cumpram, alguns pressupostos básicos da Teoria Evolucionista da Socialização foram rejeitados por estudos recentes.

De qualquer modo, a previsão de Belsky e colaboradores sobre a idade da primeira relação foi encontrada na presente pesquisa e precisa ser explicada. Encontrou-se que homens têm a primeira relação sexual mais cedo do que as mulheres, o que é previsto pela Teoria da Seleção Sexual (Darwin, 1871/2004) e Teoria do Investimento Parental (Trivers, 1972), segundo as quais as mulheres serão mais recatadas do que os homens. Como os homens têm a primeira relação sexual mais cedo e como representam o sexo que investe menos na prole, pode-se considerar que a precocidade da relação sexual esteja relacionada com empenho prioritariamente voltado ao acasalamento. A Teoria do Investimento Parental, subjacente a

essas considerações, tem o foco na diferença entre os sexos. Por sua vez, a Teoria Evolucionista dos Ciclos de Vida (Geary, 2002), usa as mesmas considerações de dilemas de investimento, mas com o foco na diferença entre os indivíduos. Indivíduos mais voltados para investir na esfera parental serão menos voltados para investir na esfera do acasalamento. A variação em características mais relacionadas ao acasalamento como a sócio-sexualidade irrestrita, o uso/consumo de álcool e cigarro e a idade da primeira relação sexual precoce estarão positivamente relacionadas entre si.

Essa explicação parece dar conta da relação da sócio-sexualidade com a idade da primeira relação sexual e alinhar essa característica com a hipótese dos andrógenos pré-natais. Mas ela não pode ser aplicada diretamente para explicar a correlação positiva entre o modelo interno de si positivo e com o apego rejeitador (que apresenta o modelo interno e si positivo). Isto porque a diferença entre homens e mulheres encontrada quanto ao apego seguro, por mais que permita essa extrapolação, não está respaldada pela literatura nem pelas teorias evolutivas sobre investimento parental.

Até aqui, um olhar mais atento sobre a abrangência da aplicação da noção de órgão mental responsável ontogeneticamente pela alocação de investimentos reprodutivos da Teoria dos Ciclos de Vida pôde integrar resultados antes desconexos e supostamente pertencentes a hipóteses concorrentes, como a idade da primeira relação e a Empatia. Além disso, a maior visibilidade feminina quanto à masculinização pré-natal pôde explicar a maior aplicabilidade da teoria dos andrógenos pré-natais para as mulheres. Entretanto, para explicar diferenças maiores nos correlatos entre homens e mulheres temos apenas a Teoria do Pluralismo Estratégico em que se embasar.

No estudo intercultural de Schmitt et al. (2005), o Pluralismo Estratégico foi capaz de prever que culturas com piores contextos de criação têm pessoas mais restritas e que culturas em com maior igualdade política e econômica entre homens e mulheres têm pessoas mais

irrestritas. A diferença individual masculina é explicada pelos homens se ajustarem às preferências femininas. E a diferença individual feminina é explicada pelas mulheres se ajustarem à disponibilidade de cuidado bi-parental e de bons genes de seu ambiente. Helen Fisher (1995), em concordância com esses resultados, observou que a taxa de divórcios é maior em paises mais igualitários onde as mulheres são mais independentes quanto ao cuidado bi-parental por terem maior poder econômico.

Existe uma possibilidade de que um dos componentes psicológicos, relevantes para o modelo interno de si positivo do Estilo de Apego Romântico Adulto nas mulheres, seja essa independência da figura masculina para contribuir no cuidado bi-parental prevista pelo Pluralismo Estratégico. Em ambientes em que as mulheres necessitem de menos cuidado bi-parental elas devem ter uma menor sensibilidade à rejeição e um maior sentimento de independência, o que deixa positivo o modelo interno de si e se correlaciona com um maior investimento em acasalamento, levando a uma orientação sócio-sexual irrestrita. Essa explicação é capaz de prever porque só em mulheres e só o modelo interno de si positivo (apego rejeitador também tem o modelo de si positivo) se correlacionou com a sócio-sexualidade irrestrita. Provavelmente o modelo interno do outro não se correlacionou porque as mulheres acessam o ambiente como um todo e não só o outro, e esse acessamento é sentido em sua inferência sobre si e não sobre o outro.

Aprofundar a relação entre o significado dos modelos internos de si e do outro positivos e negativos à luz da especificidade intrassexual feminina e masculina prevista pelo Pluralismo Estratégico pode explicar finalmente porque algumas previsões sobre o apego da hipótese do contexto de criação são encontradas na literatura. No presente estudo, a combinação de modelo interno de si positivo e modelo interno do outro negativo, típica do apego rejeitador, esteve associada com irrestrição feminina, e, em certo sentido, confirmou parcialmente o modelo de socialização. Mesmo que a Teoria Evolucionista da Socialização

tenha sido rejeitada tanto por métodos intercultura

auto-acessamento do valor de conquista seja uma mecanismo condicional de regulação da alocação de investimento da esfera reprodutiva (Buss & Greiling, 1999), e que como homens competem mais pela preferência feminina quanto aos bons genes e à posse de recursos eles sejam mais influenciados pela auto-avaliação do valor de conquista. O que explicaria os resultados de Clark (2006) e Landolt et al. (1995) apenas em homens e os encontrados nessa pesquisa com os componentes mais táticos, apenas em homens também.

Essa lógica que prevê uma maior importância para a auto-avaliação do valor de conquista em homens somada a noções da Seleção Sexual sobre a dinâmica da hierarquização masculina na qual se dá a competição intrassexual é capaz de lançar luzes sobre os resultados masculinos sobre ordem de nascimento e sexo dos irmãos. O Pluralismo prevê que homens avaliarão fortemente seu valor de conquista e que, se sua posição for favorável, mais empenho será desviado para o acasalamento (Gangestad & Simpson, 2000). E a Seleção Sexual ressalta que alto valor de conquista compreende tanto uma classificação alta na avaliação intersexual, dada pela atratividade e indicadores de bons genes

correlacionado com a sócio-sexualidade irrestrita. Essa junção explica também porque se obteve que os homens que têm mais irmãos homens mais novos são mais irrestritos, já que ao serem mais velhos são mais dominantes perante os irmãos mais novos, o que aumenta sua auto-percepção de valor de conquista lavando a uma maior alocação de investimentos no acasalamento.

A Seleção Sexual, os Ciclos de Vida e o Pluralismo também são capazes de prever porque o namoro e a paixão estão inversamente relacionados apenas à sócio-sexualidade masculina. Pelo simples fato que mais mulheres estão namorando e apaixonadas é possível situá-los enquanto empenhos parentais, logo a correlação negativa com a sócio-sexualidade é facilmente entendida. E como é previsto que as mulheres estarão mais em busca de compromisso, o que assegura o investimento dos recursos do parceiro nela e na prole, o namoro e a paixão estarão correlacionados negativamente mais fortemente com a sócio-sexualidade masculina. E sendo a paixão uma adaptação legítima da espécie humana (Fisher, 1995, 2006) é possível entender porque o estar apaixonado foi o preditor mais importante da variação sócio-sexual masculina.

Esses resultados dão indicações de que a paixão seja uma adaptação humana a qual tem maior pressão seletiva sobre os homens pela escolha das mulheres por indicadores legítimos de alocação de empenhos maiores na esfera parental. É importante ressaltar que na espécie humana a escolha mútua provoca pressões nos mesmos sentidos em ambos os sexos para as mesmas características, ou seja, mulheres também se apaixonam e ficam um pouco mais restritas apaixonadas. Porém, a assimetria prevista por Trivers (1972) pode ser identificada na força com que algumas variáveis se correlacionam mais em um sexo do que em outro sexo em sua influência da variação individual da sócio-sexualidade.

Mesmo essa ferramenta conceitual da alocação de investimentos, que explicou bem os resultados, não é capaz de fornecer previsões diretas sobre a relação entre irrestrição e a

irregularidade do ciclo menstrual. Entretanto, pode-se entender que mulheres de ciclo menstrual irregular podem ser mais irrestritas se a irregularidade do ciclo funcionar como um elemento a mais para a promoção de confusão quanto à certeza da paternidade do que as regulares. E tendo mais vantagens em confundir a paternidade ela pode extrair mais recursos de diferentes parceiros ajustando-se para investir

mantidas as especificidades do sexo alto investidor e do sexo baixo investidor na prole previstas pelo Pluralismo.

Esse órgão mental mantém a mesma lógica de dilemas de negociação mesmo sendo sensível tanto ao ambiente pré-natal quando ele é regulado por andrógenos pré-natais indicado pela empatia, tanto ao ambiente ontogenético quando é regulado (dadas as especificidades masculinas e femininas) pelo ambiente não-compartilhado, que inclui os conflitos entre irmãos e modelo interno de si, quanto ao ambiente contextual (dadas as mesmas especificidades masculinas e femininas) por situações de menor escala de tempo como namorar e apaixonar. Os resultados coerentemente explicados por esse panorama estão resumidos na Tabela 8.

Separar os correlatos dos componentes táticos dos estratégicos da sócio-sexualidade permite aprofundar a análise sobre como as sensibilidades ontogenética e contextual interagem com sua dimensão mais comportamental e com sua dimensão mais idealizada. Pelo fato de a dimensão tática ser mais situacional e as sensibilidades ontogenéticas e contextuais serem justamente ajustes situacionais de alocação de investimentos é esperado que existam mais correlatos ambientais com os componentes táticos do que com os componentes estratégicos. A análise desses componentes em separado deram indicações importantes sobre como os preditores da sócio-sexualidade interagem com seus componentes táticos e estratégicos e sobre quão diferente é essa interação entre homens e mulheres.

Para as mulheres, no geral houve mais relações com os componentes táticos do que com os estratégicos, os quais apenas interagiram com a presença de irmãos e com o apego medroso. As preferências, fantasias e atitudes ideais femininas quanto ao sexo casual se mostraram menos influenciadas pelas variáveis ambientais controladas nesta pesquisa. Mas os comportamentos realizados e opiniões se mostraram grandemente influenciáveis, diretamente relacionados a variáveis como: idade, número de irmãos homens, consumo e freqüência de

cigarros e de álcool, e indiretamente relacionados a variáveis como idade da primeira relação sexual, apego medroso e preocupado.

Tabela 8. Coerência entre a diferença entre os sexos e a diferença intrassexual segundo a mesma alocação de investimentos da esfera reprodutiva.

	Domínio Direto da Reprodução	
	Alocação em Acasalamento (*Típico de **baixo** investidor na prole*)	**Alocação Parental** (*Típico de **alto** investidor na prole*)
Diferenças Intersexuais	Irrestritos Bebe mais álcool em festas 1º relação sexual mais cedo	Restritas Mais namoros Namorando Apaixonadas Mais Empáticas
Diferenças Intrassexuais **Perfil dos Homens Irrestritos**	1º relação sexual mais cedo 1º consumo de álcool mais cedo Bebeu álcool no último ano Bebe mais álcool em festas Fuma ou já experimentou o cigarro Não é filho único, é o do meio Não é caçula nem único e têm mais irmãos ♂ mais novos	Não estão namorando Não estão apaixonados
Diferenças Intrassexuais **Perfil das Mulheres Irrestritos**	1º relação sexual mais cedo Bebeu álcool no último ano Bebe mais álcool em festas Bebe mais freqüentemente Fuma ou já experimentou o cigarro Maior apego rejeitador Modelo interno de si mais positivo	Menos Empáticas

Entretanto, para os homens os componentes estratégicos se mostraram apenas um pouco menos influenciáveis do que os componentes táticos, o que indica que tanto os comportamentos realizados e opiniões quanto às preferências, fantasias e atitudes ideais masculinas são sensíveis a diferentes variáveis ambientais. As únicas variáveis que interagiram da mesma maneira tanto com os componentes táticos quanto estratégicos foram o

hábito de beber e consumo de doses de álcool em festas. Os componentes táticos estão diretamente relacionados apenas a variáveis como: sucesso na conquista amorosa, uso de álcool e cigarro e consumo de doses de álcool em festas, ao passo que estão indiretamente relacionados apenas a variáveis como: idade da primeira relação e ser filho único e caçula. Os componentes estratégicos estão diretamente relacionados apenas a variáveis como: uso de álcool e cigarro e consumo de doses de álcool em festas, número de irmãos masculinos e apego preocupado, enquanto estão indiretamente relacionados a variáveis como: apaixonado e namorando.

É interessante notar que enquanto algumas variáveis interagem da mesma forma com os mesmos componentes da sócio-sexualidade em homens e mulheres como idade da primeira relação sexual e consumo de álcool em festas interagindo com os componentes táticos, algumas variáveis interagem de mesma forma em componentes trocados como número de irmãos masculinos interagindo com os componentes táticos femininos mas com os estratégicos masculinos. E ainda existem características interagindo inversamente com os componentes trocados como o ser filho único aumentando a irrestrição nos componentes táticos femininos, mas diminuindo a irrestrição nos estratégicos masculinos.

As informações sobre os irmãos correlacionaram com a sócio-sexualidade tanto nos componentes táticos e estratégicos masculinos quanto nos táticos e estratégicos femininos. Isso indica que as sensibilidades ontogenéticas estejam mais relacionadas à presença ou ausência de irmãos e às suas inter-relações do que com a situação familiar inicialmente proposto pelo contexto de criação. O Pluralismo Estratégico aplicado à sensibilidade ontogenética por irmãos é capaz de prever a semelhança entre homens e mulheres quanto aos irmãos masculinos e também as diferenças quanto ser filho único.

Para os homens, ter mais irmãos masculinos e não ser filho único significa conviver com maiores índices de competição que ajustam sua alocação de investimentos mais para o

lado do acasalamento. Para as mulheres, mais irmãos homens significa maior disponibilidade de recursos bi-parentais, pois pela certeza da maternidade das irmãs e pela seleção de parentesco os homens tenderão a alocar mais investimentos parentais nas irmãs, o que as libera para investir mais no acasalamento. E ser filha única significa maior disponibilidade de recursos bi-parentais por não haver divisão de recursos com outros irmãos, o que as ajusta para investir mais no acasalamento.

5. CONCLUSÕES

Foi investigada a variação entre homens e mulheres e, principalmente, a variação individual em cada sexo quanto às estratégias sexuais de jovens adultos brasileiros. Os diferenciais metodológicos desta pesquisa, como a amostragem de estudantes brasileiros de ambos os sexos, do terceiro ano de graduação e das áreas de Humanas, Exatas e Biológicas, somados às informações sobre composição familiar, situação amorosa, consumo de álcool e cigarro e ciclo menstrual permitiram um contexto peculiar para testarmos nossos objetivos. E também, possibilitaram uma ampliação teórica no entendimento das variações individuais das estratégias reprodutivas.

O padrão nacional e intercultural de homens mais irrestritos do que mulheres se manteve. Quanto à variação individual, os mediadores da sócio-sexualidade masculina e feminina diferiram em grande parte. Homens e mulheres irrestritos são semelhantes apenas quanto à idade precoce da primeira relação sexual e ao consumo de álcool e cigarro. Entretanto, homens são mais influenciados pela ordem de nascimento quanto a irmãos homens e pelo namoro e paixão, enquanto as mulheres são mais influenciadas pela empatia,

pelo modelo interno de si e pela regularidade do ciclo menstrual. As influências dos irmãos masculinos, empatia, ciclo menstrual irregular e consumo de álcool e cigarro ainda não tinham sido exploradas nas pesquisas prévias.

As hipóteses explicativas da variação individual na sócio-sexualidade referentes a contingências embrionárias (modelo de Mikach e Bailey, 1999), ontogenéticas (modelo de Belsky et al.,1991) e contextuais (modelo de Landolt et al., 1995) não se mostraram plenamente eficazes em prever a variação individual de ambos os sexos por não preverem diferenças entre os sexos quanto a relevância de mediadores ambientais. A hipótese que mais explicou a variação individual feminina foi a da masculinização cognitiva, pois mulheres mais irrestritas são menos empáticas.

As diferenças intersexuais e as especificidades da variação individual em cada sexo contribuíram para o entendimento dos mecanismos subjacentes em termos de hipóteses de desenvolvimento e de função adaptativa e permitiram uma avaliação das teorias evolucionistas, como base na alocação de investimentos e no Pluralismo Estratégico (Gangestad & Simpson, 2000), mais compatíveis com os resultados.

Conclui-se que a variação individual na sócio-sexualidade masculina e feminina pode ser mais bem explicada por uma junção lógica da Teoria do Investimento Parental (Trivers, 1972), da Teoria Evolucionista de Ciclos de Vida (Geary, 2002; Roff,1992; Stearns, 1992) e do Pluralismo Estratégico (Gangestad & Simpson, 2000). As diferenças entre homens e mulheres na esfera reprodutiva podem ser usadas como indicadores de calibrações típicas de baixo investidor na prole e calibrações típicas de alto investidor na prole. A mesma análise de dilema de alocação de investimentos parentais, que explica essas diferenças entre homens e mulheres em toda a esfera reprodutiva, quando aplicada ao indivíduo mostrará a variação

O mecanismo subjacente provavelmente é efetuado por um órgão mental central responsável pela alocação do investimento parental que é referência para a calibração de todos os demais órgãos mentais relacionados à esfera reprodutiva em ambos os sexos. Esse órgão mental responsável pela alocação de investimentos parentais induz a calibração coerente no indivíduo de todos os órgãos mentais que geram comportamentos da esfera reprodutiva: os órgãos mentais relacionados a solucionar problemas de acasalamento, que estão mais ativados nos homens, estarão diretamente relacionados à sócio-sexualidade, ao passo que os órgãos

quanto à paixão e ao namoro, segundo as especificidades de cada sexo previstas pelo Pluralismo Estratégico (Gangestad & Simpson, 2000).

Essa junção explicativa acarreta três grandes implicações teóricas. A primeira diz respeito à aplicação do raciocínio de alocação de investimentos parentais em toda a literatura envolvida em diferenças individuais das mais variadas caracteristicas comportamentais relacionadas à esfera reprodutiva. A explicação evolutiva da alocação de investimentos parentais pode dar sentido às diversas linhas de pesquisa como aos achados de estudos em saúde pública sobre doenças sexualmente trasmissíveis. Por exemplo, na pesquisa de Desiderato e Crawford (1995) demonstrou-se que estudantes que têm multiplos parceiros sexuais são menos propensos a revelar detalhes sobre parceiros sexuais precedentes e são mais propensos a usar álcool antes da atividade sexual. Essa explicação também pode dar sentido aos achados de estudos sobre papeis sociais segundo a identificação de gênero: Lucke, (1998) também encontrou correlações positivas entre masculinização da identidade de gênero, consumo de álcool e multiplos parceiros sexuais. Sua importância para ampla gama de linhas de pesquisa que utilizam a metodologia de experimentos naturais, correlacionais, reside no fato de ela ao dar um sentido evolutivo possibilitar prever relações diretas ou inversas entre diferentes caracteristicas no mesmo indivíduo segundo o tipo de alocação reprodutiva a que essas caractersiticas pertencem (acasalamento ou parental) e segundo o sexo do indivíduo.

A segunda implicação diz respeito ao fim de uma visão essencialista das variações individuais, em que as sensibilidades individuais de homens e mulheres são tidas como típicamente iguais, ainda muito presente nos modelos evolucionistas de explicações das diferenças individuais. Clark (2006) já levanta a questão da existência de diferentes correlatos das variações individuais masculina e feminina. Nessa linha, tanto o modelo dos andrógenos pré-natais, quanto o do contexto de criação e quanto o do valor de conquista deverão ser reformulados e refinados de modo a levar em conta tais diferenças. O Pluralismo Estratégio

(Gangestad & Simpson, 2000) dá os subsídios para que sejam testadas hipóteses sobre os mediadores da variação individual mais relevantes para cada sexo indicando, assim, a necessidade da elaborações de modelos explicativos diferentes para prever a variação individual masculina da feminina.

A terceira implicação diz respeito também ao fim de uma visão essencialista, mas com relação às próprias sensibilidades individuais dentro de cada sexo, ou seja, nem as sensibilidades e as propensões de diferentes homens não serão idênticas, nem as de diferentes mulheres não serão idênticas, pois diferentes individuos possuem diferentes genótipos. Isso levanta a questão do reconhecimento da existência de variação genética adaptativa na sócio-sexualidade, como demonstrado por Bailey, et al. (2000). O fato de que os melhores preditores ambientais da sócio-sexualidade em ambos os sexos não terem explicado nem 30% da variação individual intrassexual, somado aos resultados de Bailey, et al. (2000), em que 49% da variação individual de ambos os sexos na sócio-sexualidade pode ser explicada por diferenças genéticas, indica que a sócio-sexualidade não é uma estratégia apenas aberta ambientalmente nem uma estratégica fechada geneticamente. A sócio-sexualidade não é uma estratégia que, igualmente em diferentes indivíduos do mesmo sexo, resulta linearmente das mesmas influências ambientais ecologicamente relevantes (como o nível de hormônios no ambiente embrionário, ou o ambiente sócio afetivo de criação no desenvolvimento). As três hipóteses testadas neste estudo apontam influências ambientais relevantes, mas não consideram as especificidades dessas influências em função do sexo e nem em função das variações genéticas individuais. Os recentes estudos de gêmeos mostram a importância dessas variações para a determinação da orientação sócio-sexual. Isto indica a existência de diferenças genéticas que influam, adaptativamente, na dinâmica de alocação de investimentos parentais de modo que, informações diferentes são acessadas por diferentes indivíduos do mesmo sexo, ou diferentes limiares de um gradiente ambiental é acessado por diferentes

indivíduos do mesmo sexo, como sugerido em Buss e Greiling (1999). Desse modo, a orientação sócio-sexual não deve ser entendida como um produto simples das variações ambientais nem como uma decorrência direta das variações genéticas, como foi primeiramente proposto por Simpson e Gangestad (1991), mas sim é uma estratégia mista em que contam tanto variações genéticas na dinâmica da calibração, quanto variações ambientais acessadas na calibração.

Essa indicação sugere que futuramente estudos, em sua maioria com estudantes universitários, sejam ampliados para outras faixas etárias e se integrem com estudos de famílias e de gêmeos, com enfoques tanto longitudinais quanto de genética do comportamento. Uma maior aproximação entre estudos de influências ambientais e de gêmeos é necessária para a construção de teorias mistas, que englobem diferenças genéticas e do ambiente não-compartilhado e ampliem as atuais explicações evolutivas para as variações individuais nas estratégias sexuais masculina e feminina.

REFERÊNCIAS*

Alcock, J. (2001). *Animal behavior: An evolutionary approach* (7ª ed.) Sunderland: Sinauer.

Amélio, A. (2006). O conteúdo da vida amorosa de estudantes universitários. *Revista Interação em Psicologia*, 10(2), 301-312.

Anderson, B. F. (1977). *O experimento em psicologia*. São Paulo: Pedagógica Universitária.

---

*De acordo com:

Normas da *AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION* (APA - 2001). **NBR 6023**, 2002

Bailey, J. M.; Kirk, K. M.; Zhu, G.; Dunne, M. P. & Martin, N. G. (2000). Do individual differences in sociosexuality represent genetic or environmentally contingent strategies? Evidence from the Australian twin registry. *Journal of Personality and Social Psychology,* 78(3), 537-545.

Barash, D. P. & Limpton, J. E. (2001). *The myth of monogamy.* New York: Feeman.

Barber, N. (1998). Sex differences in disposition towards kin, security of adult attachment, and sociosexuality as a function of parental divorce. *Evolution and Human Behavior*, 19, 125-132.

Baron-Cohen, S. (2004). *A diferença essencial.* Rio de Janeiro: Objetiva.

Baron-Cohen, S.; Wheelwright, S.; Lawson, J.; Griffin, R. & Hill, J. (2003). The systemizing quotient: An investigation of adults with Asperger Syndrome or high-functioning autism, and normal sex differences. *Philosophical Transactions of the Royal Society, Series B. Special issue on "Autism: Mind and Brain"*, 358, 361-374.

Baron-Cohen, S. & Wheelwright, S. (2004). The empathy quotient: An investigation of adults with Asperger Syndrome or high-functioning autism, and normal sex differences. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 34(2), 163-175.

Baron-Cohen, S. & Hammer, J. (1997). Is the autism an extreme from the male brain? *Advances in Infancy Research,*11, 193-217.

Barrett. L.; Dunbar, R. & Lycett, J. *Human evolutionary psychology*. (2002) Princeton: Princeton University.

Bartholomew, K. & Horowitz, L. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social psychology,* 61, 226-244.

Belsky, J.; Steinberg, L. & Draper, P. (1991). Childhood experience, interpersonal development, and reproductive strategy: An evolutionary theory of socialization. *Child development*, 62, 647-670.

Bowlby, J. (1973/1984). Separação: Angústia e raiva. In *Apego e perda:* (Vol. 2). São Paulo: Martins Fontes.

Bowlby, J. (1979/1989). *Formação e rompimento de laços afetivos.* São Paulo: Martins Fontes.

Bozon, M. (2003) A quel âge les femmes et les hommes commencent-ils leur vie sexuelle? – comparaisons et évolutions réecentes. Populations et Societés, 391. In M. L. Heilborn; E. M. L. Aquino; M. Bozon; D. R. Knauth (Orgs.). (2006) *O aprendizado da sexualidade.* Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz.

Bricker, J. B.; Stallings, M. C.; Corley, R. P.; Wadsworth, S. J.; Bryan, A.; Timberlake, D. S.; Hewitt, J. K.; et al. (2006). Genetic and environmental influences on age at sexual initiation in the colorado adoption project. *Behavior Genetics,* 36, 820–832.

Buss, D. M. (1994, maio/junho). The strategies of human mating. *American Scientist*, 82, 238-249.

Buss, D. M. (1998). Sexual strategies theory: Historical origins and current status. *The Jounal of Sex Reseach,* 35(1), 19-31.

Buss, D. M. (1999). *Evolutionary Psychology.* Austin: Allin & Bacon.

Buss, D. M. (2003). *The evolution of desire: Strategies of human mating* (2ª ed.). New York: Basic Books.

Buss, D. M. & Barnes, M. (1986). Preferences in human mate selection. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50(3), 559-570.

Buss, D. M. & Greiling, H. (1999). Adaptive individual differences. *Jounal of Personality*, 67, 209-243.

Buss D. M. & Schmitt; D. P. (1993). Sexual strategies theory: An evolutionary perspective on human mating. *Psychological Review,* 100, 204-232.

Bussab, V. S. H. (2003). *Afetividade e interação social em crianças: Perspectiva Psico-Etológica*. Tese de Livre-Docência, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

Bussab, V. S. H. & Ribeiro, F. J. L. (1998). Biologicamente cultural. In M. M. P. Rodrigues, L. Souza, & M. F. Q. Freitas (Orgs.). *Psicologia: Reflexões (in)pertinentes.* São Paulo: Casa do Psicólogo.

Campos, L. S. (1999). *Diferenças sexuais em critérios de seleção de parceiro: uma leitura a partir do referencial da Psicologia Evolutiva.* Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

Campos, L. S. (2005). *Relacionamentos amorosos de curta e de longa duração: uma análise a partir de anúncios classificados.* Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

Campos L. S.; Otta, E.; Siqueira, J. O. (2002). Sex differences in mate selection strategies: Content analyses and responses to personal advertisements in Brazil. *Evolution and Human Behavior.* 23, 395–406.

Cashdan, E. (1993). Attracting Mates: Effects of Paternal Investment on Mate Attraction Strategies, *Ethology and Sociobiology,* 14, 1-23.

Chisholm, J. S. (1996). The evolutionary ecology of attachment organization. *Human Nature,* 7, 1-38.

Clark, A. P. (2004). Self-perceived attractiveness and masculinization predict women's sociosexuality, *Evolution and Human Behavior,* 25, 113-124.

Clark, A. P. (2006). Are the correlates of sociosexuality different for men and women? *Personality and Individual Differences,* 41, 1321-1327.

Crawford, C. (1998). The theory of evolution in the study of human behavior: an introduction and overview. In C. Crawford & D. L. Krebs (Orgs.) *Handbook of Evolutionary Psychology.* Mahwah, N J: Lawrence Erlbaum.

Daly, M. & Wilson, M. (2001). Risk-taking, intrasexual competition, and homicide. *Nebraska Symposium on Motivation*, 47, 1-36.

Daly, M. & Wilson, M. (2005). Carpe diem: adaptation and devaluing the future. *The Quarterly Review of Biology*, 80, 55–60.

Darwin, C. R. (1859/1985). *A origem das espécies.* São Paulo: Edusp.

Darwin, C. R. (1871/2004). *A origem do homem e a seleção sexual*. Belo Horizonte: Itatiaia.

Engs, R. C. & Hanson, D. J. (1990). Gender Differences in Drinking Patterns and Problems Among College Students: A Review of the Literature. *Journal of Alcohol and Drug Education,* 35(2), 36-47.

Evans, D. & Zarate, O. (1999). *Introducing evolutionary psychology.* Cambridge: Incon Books.

Faria, Z. A. (2003). "Pavão misterioso, pássaro formoso... ":a teoria da seleção sexual e os ornamentos: história, desdobramentos, e algumas aplicações à atratividade e aos (des)encontros humanos. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

Faurie, C.; Alvergne, A.; Bonenfant, S.; Goldberg, M.; Hercberg, S.; Zins, M. & Raymond, M. (2006). Handedness and reproductive success in two large cohorts of French adults. *Evolution and Human Behavior,* 27, 457-472.

Fetchenhauer, D. (2002). Female's risk attitudes and sociosexuality predict their chance of being raped. In *The Human Behavior and Evolution Society Annual Meeting.* New Brunswick, New Jersey.

Fisher, H. E. (1995). *Anatomia do amor: A história natural da monogamia, do adultério e do divórcio.* Rio de Janeiro: Eureka.

Fisher, H. E. (2006). *Por que amamos.* Rio de Janeiro: Record

Gangestad, S. W. & Simpson, J. A. (2000). The evolution of human mating: Trade-offs and strategic pluralism. *Behavioral and Brain Sciences,* 23, 573-578.

Gangestad, S. W. & Cousins, A. J. (2001). Adaptive design, female mate preferences, and shifts across the menstrual cycle. *Annual review of sex research,* 12, 145-185.

Geary, D. C. (2002). Sexual selection and human life history. In R. V. Kail (Org.) *Advances in child development and behavior*. San Diego, CA: Academic Press, 30, 41-101,.

Geschwind, N. & Galaburda, A. M. (1985). Cerebral l

Hausmann, M.; Slabbekoorn, D.; Van Goozen, S. H. M.; Cohen-Kettenis, P. T. & Güntürkün, O. (2000). Sex hormones affects spatial abilities during the menstrual cycle. *Behavioral Neuroscience*, 114(6), 1245-1250.

Hazan, C. & Zeifman, D. (1999). Pair bonds as attachment: evaluating the evidence. In J. Cassidy; P. R. Shaver (Orgs.), *Handbook of attachment.* New York: Guilford, p. 336-354.

Heilborn, M. L.; Aquino, E. M. L.; Bozon, M.; Knauth, D. R. (Orgs.). (2006) *O aprendizado da sexualidade.* Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz.

Hoier, S. (2003). Father absence and age at menarche: A test of four evolutionary models. *Human Nature*, 14(3), 209-233.

Hrdy, S. B. (1981). *The women that never evolved.* Cambridge: Harvard University .

Johnson, A. M.; Wadsworth, J.; Wellings, K. & Field, J. (1994). *Sexual attitudes and lifestyles.* Londres: Blackwell Scientific Publications.

Kanazawa, S. & Vandermassen, G. (2005). Engineers have mores sons, nurses have more daughters: An evolutionary psychological extension of Baron-Cohen`s extreme male brain theory of autism. *Journal of Theoretical Biology,* 233, 589-599.

Kantowitz, B. H.; Roediger, H. L. & Elmes, D. G. (2006). *Psicologia Experimental* (8ª ed.). São Paulo: Thomson Learning.

Kenrich, D. T.; Sandalla, E. K.; Groth, G. E. & Trost, M. R. (1990). Evolution, traits, and stages of human courtship: Qualifying the parental investment model. *Journal of Personality*, 58(1), 97-116.

Landolt, M. A.; Lumière, M. L. & Quinsey, V. L. (1995). Sex differences in intra-sex variations in human mating tactics: an evolutionary approach. *Ethology and Sociobiology,* 6(3), 3-23.

Lawson, J.; Baron-Cohen, S. & Wheelwright, S. (2004). Empathising and systemising in adults with and without Asperger Syndrome. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 34(3), 301-310.

Lippa, R. A. (2003). Handedness, sexual orientation, and gender-related personality traits in men and women. *Archives of Sexual Behavior,* 32(2), 103-114.

Lorenz, K. (1986). *Evolução e Modificação do Comportamento*. Rio de Janeiro: Interciência.

Low, B. S. (1998). The evolution of human life histories. Em C. Crawford & D. L. Krebs (Orgs.) *Handbook of Evolutionary Psychology.* Mahwah, N J: Lawrence Erlbaum.

Lucke, J. C. (1998). Gender roles and sexual behavior among young women. *Sex Roles*, 39(3/4), 273-297.

Lutchmaya, S.; Baron-Coren, S.; Raggatt, P.; Knickmeyer, R & Manning, J. T. (2004). 2nd to 4th digit ratios, fetal testosterone and estradiol. *Early Human Development*, 77, 23-28.

Lyons, M. J. et al. (2004). A twin study of sexual behavior in men. *Archives of Sexual Behavior,* 33(2), 129-136.

Martins, R. A.; Manzato, A. J. & Cruz, L. N. (2005). O uso de bebidas alcoólicas entre adolescentes. In: L. R. de Castro & J. Correa. (Orgs.). *Juventude Contemporânea: Perspectivas nacionais e internacionais.* (1° ed.) Rio de Janeiro: NAU Editora: FAPERJ, pp. 301-326.

Mayr, E. (1998). O *desenvolvimento do pensamento biológico.* Brasília: Unb.

Mayr, E. (2005). *Biologia, Ciência Única.* São Paulo:Companhia das Letras.

Mellen, S. L. W. (1981). *The evolutions of love.* San Francisco: Freeman.

Meyer, D. & El-Hani, C. N. (2005). Evolução: o sentido da biologia. São Paulo: UNESP.

Mikach, S. M. & Bailey, J. M. (1999). What distinguishes women with unusually high numbers of sex partners? *Evolution and Human Behavior*, 20, 141-150.

Miller, G. F. (1997). Mate choice: from sexual cues to cognitive adaptations. In J. Wiley (Org) *Characterizing human psychological adaptations,* Ciba Foundation Symposium, 208, 71-87.

Miller, G. (2001). *A mente seletiva*. Rio de Janeiro: Campus.

Miller, L. C. & Fishkin, S. A. (1997). On the dynamics of human bonding and reproductive success: Seeking windows on the adapted-for human-environment interface. In J. A. Simpson & D. T. Kenrick (Orgs.) *Evolutionary social psychology.* Mahwah, NJ: Erlbaum,197-235.

Moreira S.; Moreira J. M.; Mata, A.; Mata, R. & Veríssimo, J. (2003). Crônica dos bons malandros: diferenças entre sexos no nível e preditores da orientação para relações sexuais casuais. In J. M. Moreira (Org.) do simpósio O que se faz por cá: resultados portugueses do "International Sexuality Description Project", apresentado no *V Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*, de 16 a 18 de outubro, Lisboa,.

Ostovich, J. M. & Sabini, J. (2004). How are Sociosexuality, sex drive, and lifetime number of sexual partners related? *Personality and Social Psychology Bulletin,* 30(10), 1255-1266.

Otta, E; Queiroz, R. S.; Campos, L. S.; Silva, M. W. D.; Silveira, M. T. (1999). Age differences between spouses in a brazilian marriage sample. *Evolution and Human Behavior.* 20, 99–103.

Otta, E.; Ribeiro, F. J. L. & Bussab, V. S. R. (2003). Inato versus adquirido: Persistência de uma dicotomia. *Revista de Ciências Humanas.* Florianópolis, 34, 283-311.

Penke, L. Evolved psychological mating mechanisms in context: A closer look at sociosexual orientations. Dissertação não publicada.

Perilloux, H. K. (2004) *Natural variation on human mating strategy and the evolutionary significance of mate choice criteria*. Universidade de Pittsburgh, Tese de Doutorado não publicada, 98 p.

Pinker, S. (1998). *Como a mente funciona* (2ª ed.). São Paulo: Companhia das Letras.

Pinker, S. (2004). *Tábula rasa.* São Paulo: Companhia das Letras.

Putz, D. A.; Gaulin, S. J. C.; Sporter, R. J. & Mcburney, D. H. (2004). Sex hormones and finger length: What does 2D:4D indicate? *Evolution and Human Behavior,* 25, 182-199.

Reise, S. K. & Wright, T. M. (1996). Personality traits, cluster B personality disorders, and sociosexuality. *Journal of Research on Personality*, 30, 128-136.

Ribeiro, F. J. L.; Bussab, V. S. R. & Otta, E. (2005). Brincadeira e autocuidado: As funções da infância. *V Congresso Brasileiro de Psicologia do Desenvolvimento* – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Ridley, M. (1996). *As origens da virtude.* Rio de Janeiro: Record.

Ridley, M. (2001). *Genoma.* Rio de Janeiro: Record.

Ridley, M. (2004). *O que nos faz humanos*. Rio de Janeiro: Record.

Roff, D. A. (1992). *The evolution o life histories: Theory and analysis.* New York: Chapman & Hall.

Rosoff, P. M. & Rosemberg, A. (2006). How Darwinian reductionism refutes genetic determinism. *Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences,* 37, 122-135.

Rowe, D. C. (2002). On genetic variation in menarche and age at first sexual intercourse: A critique of the Belsky-Draper hypothesis. *Evolution and Human Behavior*, 23, 365-372.

Salmon, C. (2003). Birth order and relationships: Family, friends, and sexual partners. *Human Nature*, 14(1), 73-88.

Schmitt, D. P. et al. (2003). Universal Sex Differences in the Desire for Sexual Variety: Tests From 52 Nations, 6 Continents, and 13 islands. *Jounal of Personality and Social Psychology,* 85(1), 85-104.

Schmitt, D. P. et al. (2004). Patterns and universal of adult romantic attachment across 62 cultural regions. *Journal of Cross-cultural Psychology,* 35(4), 367-402.

Schmitt, D. P. et al. (2005). Sociosexuality from Argentina to Zimbabwe: A 48-nation study of sex, culture and strategies of human mating. *Behavioral and Brain Sciences,* 28, 247-311.

Schmitt, D. P. & Buss, D. M. (2000). Sexual dimensions of personal description: beyond or subsumed by the Big Five? *Journal of Research in personality,* 34, 141-177.

Schmitt, D. P; Shackelford, T. K.; Duntley, J.; Tooke, W. & Buss, D. M. (2001). The desire for sexual variety as a key to understanding basic human mating strategies. *Personal Relationships*, 8, 425-455.

Schmitt, D. P; Shackelford, T. K.; Duntley, J.; Tooke, W; Buss, D. M.; Fisher, M. L.; Lavallée, M. et al. (2002). Is there an early-30s in female sexual desire? Cross-sectional evidence from the united states and Canada. *The Canadian Journal of Human Sexuality,* 11(1), 1-18.

Seal, D. W.; Agostinelli, G. & Hannet, C. A. (1994). Extradyadic romantic involvement: moderating effects of sociosexuality and gender. *Sex Roles: A Journal of Research,* 31(1), 1-22.

Sefcek, J. A.; Brumbach, B.H.; Vasquez, G. & Miller, G. F. (no prelo). The Evolutionary Psychology of Human Mate Choice: How Ecology, Genes, Fertility, and Fashion Influence Mating Behavior.

Seidman, S. N. & Rieder, R. O. (1994). A review of sexual behavior in the United States. *American Journal of Psychiatry*, 151, 330-341.

Sheroki, F. (2004). *Um estudo das relações entre apego e indicies de depressão e fobia numa população evangélica.* Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

Simpson, G. G. (1968). *A biologia e o homem.* São Paulo: Cultrix.

Simpson, J. A. & Gangestad, S. W. (1999). Sociosexuality and patterns of attachment. Dados não publicados. In Simpson, J. A. & Gangestad, S. W. (1991). Individual differences in sociosexuality: evidence for convergent and discriminant validity. *Journal of Personality and Social Psychology,* 60(6), 870-883.

Simpson, J. A. & Gangestad, S. W. (1991). Individual differences in sociosexuality: evidence for convergent and discriminant validity. *Journal of Personality and Social Psychology,* 60(6), 870-883.

Simpson, J. A. & Gangestad, S. W. (1992). Sociosexuality and romantic partner choice. *Journal of Personality,* 60, 31-51.

Simpson, J. A. & Gangestad, S. W. (1999). Fluctuating asymmetry, sociosexuality, and intrasexual competitive tactics. *Journal of Personality and Social Psychology,* 76(1), 159-172.

Simpson, J. A. & Lapaglia, J. (2006). Strategic pluralism and human mating: Patterned changes in women's mate preferences across the ovulatory cycle. *Sydney Symposium of Social Psychology*. Sydney, Australia.

Stearns, S. (1992). *The evolution of life histories*. Oxford: Oxford University.

Symons, D. (1979). *The evolution of human sexuality.* New York: Oxford University.

Tinbergen, N. (1963). On aims and methods of ethology. *Zeitschrift für Tierpsychologie,* 20.

Trivers, R. L. (1972). Parental investment and sexual selection. In B. Campbell (Org.), *Sexual selection and the descent of man*. Chicago: Aldine Atherton, 136-179.

Vandenberg, S. G. & Kuse, A. R. (1978). Mental rotations, a group test of three-dimensional spatial visualization. *Perceptual and Motor Skills*, 47, 599-604.

Voland, E. (1998). Evolutionary ecology of human reproduction. *Annual Review of Anthropology,* 27, 347-374.

Wilson, E. O. (1981). *Da natureza humana.* São Paulo: Edusp.

Wilson, S. W. (1994). Adaptive genetic variation and human evolutionary psychology. ethology and sociobiology, 15, 219-235.

Wright, R. (1996). *O animal moral porque somos como somos: A nova ciência da psicologia evolucionista.* Rio de Janeiro: Campus.

Zuckerman, M. (1994). *Behavioral expressions and biosocial bases of sensation seeking.* Cambridge: Cambridge University Press.

APÊNDICE A

1.1. Teleologia e Estratégias Reprodutivas

Estratégias são meios para se alcançar objetivos, metas. Explicações orientadas a metas e objetivos são explicações teleológicas para a Filosofia da Ciência. Mayr (2005) ressalta que processos teleológicos são majoritariamente encontrados no estudo dos seres vivos, mas os filósofos d79(f)-8.07s874347(c)-3ci-208.325(ê-208.324(e)-3.66653(n)9.69849(c-0.960221(i)0.87

ações executadas por intenção, guiadas por crenças e desejos das mentes de animais, o ponto de vista do indivíduo; (4) *características adaptadas*: características que contribuem para a adaptação por não terem sido eliminadas pela seleção natural; não visam melhor adaptar o organismo, a adaptação é um resultado *a posteriori* e não uma busca *a priori* de uma meta, o ponto de vista da adaptação; (5) *teleologia cósmica*: crença não científica de que a mudança no mundo se devia a uma força metafísica interior ou a uma tendência mística para o progresso e para uma perfeição sempre crescente.

Mayr (2005) legitima cientificamente explicações teleológicas em Biologia dizendo que dos cinco tipos só a teleologia cósmica não é estritamente materialista. Processos teleomáticos são em grande parte explicados pela lei da gravidade e pela segunda lei da termodinâmica. Processos teleonômicos são explicados pela presença de um programa, ou seja, informação codificada ou pré-organizada que controla um processo direcionado a uma meta. Um programa é algo material e que já existe antes da iniciação do processo teleonômico, não sendo este causado por algo no futuro. Comportamentos propositais são controlados por uma mente que é o padrão funcional do processamento de informação no sistema nervoso central. E características adaptadas são explicadas pela mecânica de eliminação seletiva da seleção natural e sexual (Pinker, 1998).

O estudo científico das estratégias biológicas deve reconhecer os três diferentes níveis de organização dos processos teleológicos, ou seja, o nível dos genes, dos órgãos e dos indivíduos. Processos teleonômicos ocorrem no plano do genoma quando programas genéticos são ativados na construção de programas somáticos, são as estratégias evolutivas. Características adaptadas ocorrem no nível corporal, são os programas somáticos (órgãos anatômicos e mentais) encarregados de executar seu programa específico. Comportamentos propositais ocorrem no nível pessoal, mental e são produto das decisões conscientes e

inconscientes propiciadas pelos diversos órgãos mentais nos diferentes contextos vivenciados, são as táticas pessoais (Mayr, 2005).

Como mostra a Tabela 9. *estratégias* são programas genéticos (regras de decisão dos órgãos mentais) selecionados por alocar empenhos somáticos e reprodutivos (energia, tempo, recursos) entre os diferentes fenótipos alternativos (táticas) de modo adaptativo num dado ambiente. *Órgãos mentais* são programas somáticos - um conjunto de seqüências de instrução com as quais os organismos são programados para perceber uma porção de informação social/ambiental específica (*input)* e transformá-la, via regras de decisão, em um *output* na forma de uma atividade fisiológica, input para outro órgão mental ou em uma realização comportamental (tática), direcionados para a solução de um problema adaptativo específico de nossos ancestrais. Quando são ativados pelo conteúdo de um problema específico, eles focam a atenção, organizam a percepção e a memória, resgatam conhecimento de conduta especializado levando a inferências, julgamentos e escolhas apropriadas ao domínio. *Táticas* são ações e comportamentos específicos que os indivíduos realizam ao executar uma estratégia específica (Gangestad & Simpson, 2000; Gross, 1996; Mayr, 2005).

Tabela 9. Níveis de organização biológicos segundo o processo teleológico envolvido e o que cada nível gera.

Nível de organização	**Processo teleológico**	**O que produz?**
Indivíduo	Comportamento proposital	Escolhas reais, decisões e ações
Órgão mental	Característica adaptada	Desejos, preferências ideais, viéses de interpretação e de julgamento
Gene	Teleonomia	Os órgãos mentais e seu conjunto de regras de decisão internas

A importância do reconhecimento dos três processos teleológicos dos níveis de organização biológicos para a Psicologia Evolucionista reside no fato de que ao propor que os órgãos mentais são as características adaptadas da nossa mente, a Psicologia Evolucionista deve usar a palavra estratégia tentando separar a estratégia do órgão mental (causa final) da estratégia pessoal (causa proximal) para que sua busca de identificar, via a função exercida, cada órgão mental humano. E futuramente, quando grande parte dos órgãos e sistemas mentais já tiver sido descrita, caberá a Psicologia Evolucionista propor como a interação dos diferentes órgãos e sistemas mentais gera o comportamento proposital nos seus mais variados contextos, ou seja, as táticas.

ANEXO A

Aprovação do Comitê de Ética com seres Humanos do IPUSP

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Av. Prof. Mello Moraes, 1721
Cx. Postal 66.261 - CEP 05508-900
São Paulo - SP - Brasil

CEPH-IP-22/02/06

Senhora Professora,

O Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do IPUSP (CEPH-IP) aprovou, em reunião de 06/12/05, o projeto intitulado "Variações inter e intra-sexual nas estratégias reprodutivas de curto e de longo prazos: efeitos do estilo de apego, do sucesso na conquista amorosa e do perfil cognitivo quanto à empatia e à sistematização" a ser desenvolvido pela mestranda Maria Antonia Correa Varella, sob a orientação de V. Sa., no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental.

Atenciosamente,

Edely Tereza Murda
Secretária do CEPH-IP

Ilma. Sra.
Profa. Dra. Vera Silvia Raad Bussab
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

ANEXO B

Termo de consentimento livre e esclarecido

Eu sou estudante da Pós-Graduação em Psicologia Experimental do IPUSP e estou efetuando a presente pesquisa de Mestrado, orientado pela Profa. Dra. Vera Silvia Raad Bussab.

O objetivo da pesquisa é estudar o perfil psicológico e a sexualidade de alunos de diferentes cursos de graduação, através de dados demográficos, como idade, sexo, número de irmãos; através da resposta a questionários que investigam características psicológicas e hábitos cotidianos individuais; e também através de outras variáveis como destro ou canhoto, consumo de cigarro e álcool. Pretende-se investigar variações individuais nas propensões para relacionamentos amorosos de curto e de longo prazos, em função de fatores afetivos e cognitivos, com base na Psicologia Evolucionista.

Não há respostas certas ou erradas - gostaria que cada participante se empenhasse em responder da forma mais espontânea possível. O Termo não está diretamente vinculado ao questionário, que é anônimo, e não produzirá qualquer dano ou gasto para os respondentes. Os dados serão tratados de maneira compatível com a Ética da Pesquisa em Psicologia. Caso os participantes tenham interesse no relatório da pesquisa, estamos disponibilizando nossos endereços eletrônicos: vsbussab@usp.br e macvarella@yahoo.com.br

Consentimento

Eu, (abaixo assinado), concordo em participar da pesquisa sobre o perfil psicológico e sexualidade de alunos de graduação e declaro estar ciente que dados do questionário terão apenas fins científicos, que meu nome estará sob sigilo e que eu posso desistir a qualquer momento da pesquisa.

Data ____/____/____

Cordialmente,

Marco Antonio Correa Varella
Pós-graduando responsável pela pesquisa

Nome	**Assinatura**

ANEXO C

Material Metodológico

Pretende-se investigar variações individuais nas propensões para relacionamentos amorosos de curto e de longo prazo, em função de fatores afetivos e cognitivos, com base na Psicologia Evolucionista. Você responderá a quatro questionários – Quociente de Empatia e de Sistematização (Baron-Cohen, 2004); Questionário de Estilos de Apego (Bartolomew; Horowitz,1991); Inventário de Orientação Sócio-Sexual (Simpson & Gangestad, 1991); Questionário da Auto-Percepção do Sucesso na Conquista Amorosa (Landolt et al,1994) - e a um conjunto de questões sobre dados demográficos e hábitos cotidianos.

Por favor, responda às seguintes questões o mais sinceramente possível. Lembre-se que suas respostas são confidenciais, não identificadas e que não existem repostas certas ou erradas.

I - Dados Demográficos

- Sexo: (**M**) (**F**); Idade (___); Curso de graduação:_____;
- Você é preferencialmente **D**estro ou **C**anhoto? (**D**) (**C**);
- Indique o Sexo [**M**asculino ou **F**eminino] e a idade de cada **Irmão legítimo** segundo a ordem de nascença. ***Exemplo: 1º (_M__/ 27 anos), 2º (_EU /__ anos), 3º (_F__/ 12 anos)***

1º (___/___anos), 2º (___/___anos), 3º (___/___anos), 4º (___/___anos), 5º (___/___anos),

II - Quociente de Empatia e de Sistematização

Para as declarações abaixo ASSINALE um "**X**" nos quadrados à esquerda de cada uma de acordo com o grau em que elas se aplicam a você. Marque o "**X**" no quadrado à extrema esquerda se você concorda fortemente com a declaração indicando que ela se aplica *fortemente* a você. Marque o "**X**" no segundo quadrado à esquerda se você concorda levemente com a declaração indicando que ela se aplica *levemente* a você. Marque o "**X**" no terceiro quadrado, à direita, se você discorda levemente com a declaração, indicando que ela ***não*** se aplica *levemente* a você. E marque o "**X**" no quadrado à extrema direita se você discorda fortemente com a declaração, indicando que ela ***não*** se aplica *fortemente* a você. Na dúvida, não deixe de assinalar a nenhuma delas.

Concordo Fortemente	Concordo Levemente	Discordo Levemente	**Discordo Fortemente**	
				1. Percebo facilmente quando alguém quer participar de uma conversa.
				2. Prefiro animais a seres humanos.
				3. Eu tento ficar em dia com as tendências atuais e com a moda.
				4. Quando escuto uma música, sempre reparo em sua estrutura.
				5. Acho difícil explicar para os outros as coisas que eu entendo de imediato e eles não.
				6. Costumo seguir as supertições mais comuns.
				7. Eu sonho na maioria das noites.
				8. Tomo muitas decisões, mas acho difícil praticá-las.
				9. Prefiro os livros de não-ficção aos de ficção.
				10. Gosto muito de cuidar de outras pessoas.
				11. Eu prefiro tentar resolver meus próprios problemas a discuti-los com os outros.
				12. Se estivesse comprando um carro, eu iria querer ter informações específicas sobre seu motor.
				13. Acho difícil saber como agir em uma situação social.
				14. Acordo todas as manhãs com muita disposição.
				15. Quando olho para um quadro eu não penso sobre a técnica utilizada para fazê-lo.
				16. As pessoas freqüentemente dizem que eu fui longe demais na defesa dos meus pontos de vista numa discussão.
				17. Se tivesse um problema na rede elétrica da minha casa, eu seria capaz de resolve-lo por mim mesmo.
				18. Não fico muito incomodado se estou atrasado para encontrar um amigo.
				19. Quando eu sonho acho difícil lembrar precisamente os detalhes no dia seguinte.
				20. Ao assistir a um filme, eu prefiro estar com um grupo de amigos a estar sozinho.
				21. Eu me interesso em aprender sobre diferentes religiões.
				22. Eu raramente leio artigos ou páginas na Web sobre novas tecnologias.
				23. Amizade e relacionamentos são simplesmente muito difíceis, por isso eu não ligo muito para eles.
				24. Jamais desrespeitaria uma lei por mais simples que fosse.
				25. Não gosto de jogos que envolvem um alto grau de estratégia.
				26. Eu geralmente acho difícil julgar se algo é rude ou educado.
				27. O funcionamento das máquinas me fascina.

				28. Numa conversa, eu tendo a focar mais no meu próprio pensamento do que no do meu interlocutor.
				29. Prefiro situações engraçadas a contar piadas.
				30. Vivo a vida pensando o dia de hoje e não no futuro.
				31. Faço questão de ouvir o noticiário das manhãs.
				32. Na matemática, fico intrigado com as regras e padrões que determinam os números.
				33. Quando era criança, eu gostava de cortar minhocas para ver o que iria acontecer.
				34. Não sou bom em manter contato com velhos amigos.
				35. Quando conto uma história, me concentro nos pontos principais, deixando de fora os detalhes
				36. Tenho dificuldade em entender manuais de instrução e montar aparelhos.
				37. Percebo rapidamente quando alguém fala uma coisa, mas quer dizer outra.
				38. Minhas opiniões sobre a moralidade são muito rígidas.
				39. Quando olho para um animal, gosto de saber exatamente a que espécie ele pertence.
				40. Acho difícil perceber por que certas coisas entristecem tanto as pessoas.
				41. Ao comprar um computador, gosto de saber detalhes sobre seu armazenamento e processador.
				42. É fácil me imaginar no lugar de outra pessoa.
				43. Gosto de praticar esportes.
				44. Procuro fugir ao máximo de tarefas domésticas.
				45. Acredito que as boas maneiras são o que de mais importante os pais têm a ensinar os filhos.
				46. Gosto de agir por impulso.
				47. Quando cozinho, não penso sobre como métodos e ingredientes contribuem para o resultado final.
				48. Tenho facilidade em prever como as pessoas vão se sentir.
				49. Tenho dificuldade para ler e entender mapas.
				50. Percebo logo quando alguém no grupo está se sentindo constrangido ou desconfortável.
				51. Se eu tivesse uma coleção (por exemplo moedas, CDs ou selos), ela seria muito bem organizada.
				52. Se eu digo alguma coisa que ofende uma pessoa, acho que o problema é dela e não meu.
				53. Quando vejo um móvel, não reparo nos detalhes da fabricação.
				54. Quando me perguntam se gostei de um corte de cabelo, eu sou sincero, mesmo que não tenha gostado.
				55. A idéia de participar de atividades arriscadas me atrai059 1339196(059 1339196(059 1339196(Tm [(5)1.7314(4)1

				66. Não costumo me atrapalhar em situações sociais.
				67. Não assisto a documentários científicos na televisão, nem leio artigos sobre ciência e natureza.
				68. Pessoas me dizem que eu sou bom em entender como elas se sentem e o que elas pensam.
				69. Se eu comprasse um aparelho de som, gostaria de saber tudo sobre seus recursos técnicos.
				70. Quando converso com alguém, tendo a falar mais sobre as experiências dele e menos sobre as minhas.
				71. Eu acho fácil entender como funcionam as probabilidades em jogos de apostas.
				72. A dor de um animal me faz sofrer.
				73. Se tivesse que montar uma prateleira ou um brinquedo lego, eu não seria detalhista nessa tarefa.
				74. Sou capaz de tomar decisões sem ser influenciado pelos sentimentos das pessoas.
				75. Eu não consigo relaxar até ter feito tudo o que eu tinha planejado para o dia.
				76. Tenho facilidade em levar uma conversa com alguém que acabei de conhecer.
				77. Quando vejo um prédio, tenho curiosidade em saber detalhes da construção.
				78. Eu posso facilmente dizer se a pessoa está interessada ou entediada com o que estou dizendo.
				79. Quando uma eleição está sendo apurada eu não me interesso em saber o resultado de cada seção eleitoral.
				80. O sofrimento das pessoas mostrado nos noticiários me incomoda.
				81. Quando empresto dinheiro para alguém eu espero que ele me pague exatamente o que me deve.
				82. Tenho dificuldade em entender as informações que meu banco manda sobre investimentos e poupanças.
				83. Amigos geralmente me contam seus problemas e dizem que sou muito compreensivo.
				84. Quando viajo de metrô, tenho curiosidade em saber como são coordenadas as diferentes linhas.
				85. Consigo perceber quando estou sendo inconveniente, mesmo se a outra pessoa não disser nada.
				86. Eu estou sempre começando um novo hobby, mas logo me canso e mudo para outro.
				87. Quando compro um eletrodoméstico novo, não leio seu manual de instruções cuidadosamente.
				88. As pessoas às vezes dizem que eu fui longe demais com brincadeiras.
				89. Eu ficaria muito nervoso ao andar em uma grande montanha-russa.
				90. Se eu estivesse comprando uma câmera, não prestaria muita atenção na qualidade das lentes.
				91. Freqüentemente me chamam de insensível, mas nem sempre eu sei porquê.
				92. Quando leio algo, sempre percebo se o texto está gramaticalmente correto.
				93. Se percebo alguém novo no grupo, eu penso que é problema dele se esforçar para participar.
				94. Quando vejo a previsão do tempo, não tenho muito interesse nos padrões meteorológicos.
				95. Quando assisto a um filme, fico emocionalmente distante.
				96. Com freqüência me pego pensando como seria se eu fosse outra pessoa.
				97. Acho difícil fazer duas coisas ao mesmo tempo.
				98. Gosto de muita organização na vida diária, e freqüentemente faço listas de tarefas a cumprir.
				99. Quando olho uma montanha, penso na precisão como foi formada.
				100. Consigo rápida e intuitivamente entrar em sintonia com os sentimentos alheios.
				101. Não gosto de correr riscos.
				102. Consigo visualizar facilmente como as estradas da minha região estão interligadas.

				103. Consigo perceber facilmente o que a outra pessoa quer dizer.
				104. Quando estou em um restaurante, acho difícil decidir o que pedir.
				105. Quando viajo de avião, não penso na aerodinâmica do aparelho.
				106. Consigo perceber quando alguém tenta disfarçar suas verdadeiras emoções.
				107. Sempre peso os prós e os contras antes de tomar uma decisão.
				108. Sempre esqueço os detalhes de uma conversa que eu tive.
				109. Quando passeio pelo campo, tenho curiosidade em aprender sobre os vários tipos de árvores.
				110. Não deduzo conscientemente as regras de situações sociais.
				111. Depois de ver uma pessoa uma ou duas vezes, ainda acho difícil lembrar de sua aparência.
				112. Eu me interesso em saber qual é o curso de um rio, desde a nascente até chegar ao mar.
				113. Tenho facilidade em perceber o que uma pessoa está querendo dizer.
				114. Não leio documentos legais com muita atenção.
				115. Tenho tendência a me envolver emocionalmente com os problemas de amigos.
				116. Não tenho interesse em saber como funciona a comunicação sem fio.
				117. Consigo levar em consideração o ponto de vista do outro, ainda que não esteja de acordo.
				118. Tenho curiosidade sobre a vida em outros planetas.
				119. Quando eu viajo gosto de aprender os detalhes da cultura do lugar que eu estou visitando.
				120. Não me preocupo em saber os nomes das plantas que vejo.

III - Questionário de Estilos de Apego.

Para as declarações abaixo CIRCULE um valor de 1 a 7 referente ao grau em que elas se aplicam a você, sendo que 1 (um), a **mínima** e 7 (sete), a **máxima** aplicação da declaração a você. Marque o valor na escala abaixo de cada questão e, mesmo da dúvida, não deixe de atribuir nota a nenhuma delas.

1. É fácil tornar-me emocionalmente próximo dos outros. Sinto-me confortável dependendo dos outros ou tendo-os dependendo de mim. Não me preocupo se fico sozinho ou se não sou aceito pelos outros.

1 2 3 4 5 6 7

Discordo fortemente |_____|_____|_____|_____|_____|_____| Concordo fortemente

2. Sinto-me desconfortável ao me aproximar dos outros. Eu quero ter relacionamentos emocionalmente próximos, mas acho difícil confiar completamente nos outros ou depender deles. Às vezes receio me "machucar" se me permito estar próximo dos outros.

1 2 3 4 5 6 7

Discordo fortemente |_____|_____|_____|_____|_____|_____| Concordo fortemente

3. Quero estar completamente íntimo emocionalmente dos outros, mas em geral acho que os outros são resistentes em se aproximar

4. Com que freqüência você fantasia em ter relações sexuais com outra pessoa além do seu(sua) parceiro(a) atual?

(*Assinale* **uma** *das 8 respostas abaixo*).

(1) Nunca
(2) Uma a cada dois ou três meses
(3) Uma vez por mês
(4) Uma vez a cada duas semanas
(5) Uma vez por semana
(6) Poucas vezes em cada semana
(7) Quase uma vez por dia
(8) Pelo menos uma vez por dia

5. Por mim está tudo bem em fazer sexo sem amor.

1 2 3 4 5 6 7 8 9
Discordo fortemente |_____|_____|_____|_____|_____|_____|_____|_____|_____| *Concordo fortemente*

6. Eu consigo me imaginar confortável e gostando de ter relações de sexo casual com diferentes parceiros.

1 2 3 4 5 6 7 8 9
Discordo fortemente |_____|_____|_____|_____|_____|_____|_____|_____|_____| *Concordo fortemente*

7. Eu precisaria estar muito vinculado(a) (emocional e psicologicamente) a alguém para me sentir confortável e poder apreciar plenamente um relacionamento sexual.

1 2 3 4 5 6 7 8 9
Discordo fortemente |_____|_____|_____|_____|_____|_____|_____|_____|_____| *Concordo fortemente*

Sobre sua vida amorosa

- Você está envolvido em alguma relação amorosa de longa duração (*namoro firme, elevado comprometimento)*? (**S**im), (**N**ão);
- Você está apaixonado(a)? (**S**im), (**N**ão);
- Quantas relações amorosas de longa duração você já teve? (____);
- Com quantos anos você teve sua primeira relação sexual? (___) anos;
- Você já teve alguma Doença Sexualmente Transmissível? (Sim), (Não);

V - Questionário da Auto-Percepção do Sucesso na Conquista Amorosa

Para as declarações abaixo CIRCULE um valor de 1 a 7 referente ao grau em que elas se aplicam a você, sendo que 1 (um), a **mínima** e 7 (sete), a **máxima** aplicação da declaração a você. Marque o valor na escala abaixo de cada questão e, mesmo da dúvida, não deixe de atribuir nota a nenhuma delas.

1. Os possíveis parceiros amorosos de quem eu gosto, tendem a gostar de mim também.

1 2 3 4 5 6 7
Discordo fortemente |_____|_____|_____|_____|_____|_____|_____| Concordo fortemente

2. Os possíveis parceiros amorosos notam minha presença.

1 2 3 4 5 6 7

Discordo fortemente |_____|_____|_____|_____|_____|_____| Concordo fortemente

3. Eu recebo muitos elogios dos possíveis parceiros amorosos.

1 2 3 4 5 6 7

Discordo fortemente |_____|_____|_____|_____|_____|_____| Concordo fortemente

4. Os possíveis parceiros amorosos não me acham muito atraente.

1 2 3 4 5 6 7

Discordo fortemente |_____|_____|_____|_____|_____|_____| Concordo fortemente

5. Eu recebo convites sexuais dos possíveis parceiros amorosos.

1 2 3 4 5 6 7

Discordo fortemente |_____|_____|_____|_____|_____|_____| Concordo fortemente

6. Os possíveis parceiros amorosos me acham muito atraente.

1 2 3 4 5 6 7

Discordo fortemente |_____|_____|_____|_____|_____|_____| Concordo fortemente

7. Eu posso ter quantos parceiros sexuais eu escolher.

1 2 3 4 5 6 7

Discordo fortemente |_____|_____|_____|_____|_____|_____| Concordo fortemente

8. Eu não recebo muitos convites sexuais dos possíveis parceiros amorosos.

1 2 3 4 5 6 7

Discordo fortemente |_____|_____|_____|_____|_____|_____| Concordo fortemente

Obrigado pela Participação!!!

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo